

Um Outro Olhar
Volume IV

Coletânea de Homilias de J.B. Libanio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

2ª Edição

Contato:
Marta Martins
(31) 9611.2186
(31) 3413.1046
martatins@yahoo.com.br

Valéria
(31) 3461.1079
(31) 3461.5446

APRESENTANDO...

Uma iniciativa que começou como uma homenagem simples de um grupo de alunas tornou-se um importante meio de comunicação e de partilha.

Entre algumas alunas do curso de Teologia que o P. Libanio dá aos sábados em Vespasiano e que freqüentavam as missas presididas por ele nos domingos, uma começou a gravar suas homilias. Para encerrar um dos módulos do curso resolveram editar essas homilias gravadas e fazerem uma homenagem ao professor. Eu tive a honra de estar presente nesse momento e de ser contemplado com um volume. Foi o início de um processo que ultrapassou limites.

A publicação dessas homilias ajudou a tanta gente que esse grupo foi como que obrigado a continuar com as publicações. Por isso entramos já no IV volume desse trabalho.

A tarefa daquele que intervém na celebração trazendo sua contribuição homilética é por certo comentar as leituras bíblicas, explicar os textos proclamados que, como sabemos, são textos antigos, escritos num contexto e numa linguagem diferentes dos nossos e muitas vezes pouco compreensíveis.

Dizem os livros de liturgia que esse explicar as leituras não deve ser de caráter erudito, cultural, mas de cunho existencial. Deve ser uma extração, um des-entranhamento da força atual da palavra, da sua natureza de acontecimento. Uma demonstração de como Deus nos fala hoje por meio dela, de como nos anuncia a Boa Nova em nossa vida, certamente seguindo as linhas e a continuidade da História da Salvação.

De modo simples, mas profundo, P. Libanio consegue aliar a teologia especulativa, o conhecimento exegético dos textos com a prática vivencial, fruto de um trabalho de base que já vem desenvolvendo há vários anos. Por isso elas ficam tão “saborosas” de se ler e de orar. Acredito que aí está o seu sucesso.

Ao nos perguntarmos como se cumpre hoje a palavra, como ela atua hoje, salvando e libertando, vemos que como antes, Deus age através de sinais. Esses sinais, como ensina o quarto Evangelho, são ações libertadoras que mostram a presença redentora de Deus, sua presença atuante de um modo real, mas ainda oculto. Um desses sinais libertadores é esta publicação.

O que aconteceu foi a realização da parábola do grão de mostarda, que se tornou uma grande árvore.

P. Roberto Albuquerque, SJ

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01 - Deus Pai nos propõe o ano da misericórdia.....	09	26 - Maria traz para a história sementes de eternidade	72
02 - Batismo é compromisso com o futuro.....	11	27 - Buscando força interior	74
03 - A beleza na diversidade	14	28 - Dom Hélder: o mensageiro da esperança	77
04 - Gratuidade X reciprocidade.....	16	29 - Responsabilidade ética	80
05 - O invisível no visível.....	18	30 - O perdão que nos reconstrói	84
06 - O sentido do silêncio messiânico	20	31 - O privilégio do bem não é exclusivo	87
07 - Nós somos o limite de Deus	22	32 - O batismo nos faz profetas	89
08 - O Reino de Deus aqui e agora .	25	33 - Deus nos convida ao banquete da vida plena.....	91
09 - A grande lição de paciência e esperança.....	27	34 - Deus é contínua doação	94
10 - Nós não damos conta do amor.	29	35 - Deus ouve o grito dos excluídos	96
11 - Nós temos sede de infinito	31	36 - Somos iguais na radicalidade ..	98
12 - Amar é desejar a vida para todos.....	34	37 - O noivo do dia seguinte.....	101
13 - Jesus não deu conta.....	37	38 - A teologia nos descortina horizontes infinitos	104
14 - Jesus está sempre em má companhia.....	40	39 - Bem-aventuranças: a felicidade que ninguém nos tira.....	107
15 - Ascensão é o mistério da ausência.....	43	40 - Pontos de transcendência.....	110
16 - Pentecostes cria comunidade...	46	41 - A realeza que recebemos no batismo.....	113
17 - O símbolo traduz o amor	49	42 - Advento é tempo de confiança.	116
18 - Lidando com as perdas	52	43 - Atravessando o Rio Jordão	118
19 - A outra margem.....	55	44 - A transformação da história começa no mistério do coração de Deus.....	120
20 - Todas as leis se calam diante do amor	57	45 - A arte de formar-se.....	123
21 - A acolhida do saber ouvir	60	46 - Espiritualidade inaciana.....	142
22 - A semente de trigo que guarda a nossa esperança.....	62	47 - Deus Pai.....	156
23 - Só descobrimos o que já temos	65		
24 - A grande rede que procura bondade	68		
25 - Eucaristia é participar da intimidade de Deus	70		



*“Deus é aquele que modifica o nosso modo de olhar”
(Pe Libanio)*

DEUS PAI NOS PROPÕE O ANO DA MISERICÓRDIA (Lc 2, 16-21)

Se olharmos para os astros, todos os dias são iguais. Os astros, serenos pelos espaços siderais, não se perturbam em seus movimentos. Mas, se olhamos os seres humanos, os dias são diferentes. Precisamos marcar os dias com símbolos para que, de repente, acordemos e percebamos que a nossa vida tem sentido, que muda e modifica-se, conforme a passagem do tempo.

Hoje nós vivemos um dia marcante, um dia divisor. Um ano termina e outro começa. Como dizia na celebração penitencial, os romanos já tinham percebido isso. De tal maneira que, no mês de janeiro, cultuavam o deus Janus, – daí vem janeiro – que tinha duas caras. Uma voltada para o passado, o ano que terminava, e outra voltada para o futuro. Eles precisavam disso. Os pagãos tinham muito medo e, quando olhavam para o céu, viam aquele vazio imenso, viam os deuses ameaçando. Até que veio esse Menino e mudou tudo.

Portanto, não é o primeiro de janeiro que mudou o mundo, mas o vinte e cinco de dezembro. É ele que lança luz sobre o primeiro de janeiro, que seria vazio se não houvesse vinte e cinco de dezembro. E, para mostrar que primeiro de janeiro é a continuação do Natal de Jesus, a liturgia coloca, para ocupar este dia, a figura maravilhosa da Santa Maria, Mãe de Deus. Antes era a festa da circuncisão do Menino Jesus. Paulo VI dizia para si mesmo que, se no Natal já se enfocava Jesus, como também no dia primeiro, era hora de colocar um toque feminino para iniciar o ano. Tirou a circuncisão de Jesus, apesar de ainda permanecer no Evangelho que lemos agora, e deixou a festa da Virgem Maria, com este título tão bonito que os portugueses tanto gostam – Santa Maria, Mãe de Deus! É esta festa que vai iluminar este ano que começa.

Eu entendo o começo de um ano como se Deus chegasse aqui nesta igreja e nos desse uma argila mole. Todos nós receberemos de Deus essa argila e Ele nos dirá que ela nos é dada para que possamos, durante o ano, moldar aquela figura que queremos. No final do ano teremos moldado os nossos desejos. E neste ano especialmente, teremos um trinta e um de dezembro tremendo, pois vamos atravessar não só o ano, mas o século e o milênio. Temos todo o ano para trabalhar essa argila. O que vamos fazer

com ela? Essa é a grande interrogação neste primeiro dia do ano, sobre a qual vamos trabalhar.

O papa nos coloca neste ano a figura de Deus Pai Misericordioso, para que possamos moldar essa argila com a misericórdia. Talvez seja a virtude de que mais necessitamos. Misericórdia, em primeiro lugar, com nós mesmos. Será que pensamos um dia que necessitamos desse olhar misericordioso, não só de Deus, mas de nós para nós mesmos, para reconciliarmos o que há de mais profundo dentro de nós? Muitas vezes é essa fissura, essa ruptura, esse corte interior, essa esquizofrenia que nos divide e que é causa de tanto sofrimento, de tanta dor.

Às vezes queremos ser felizes, alegres, mas parece que o lado direito é alegre, o lado esquerdo é triste, e vice-versa. Talvez nunca consigamos ser totais numa ação. Parece que fazemos uma coisa e queremos outra. Estamos felizes, pensando que amanhã estaremos infelizes. Estamos no domingo, já pensando na segunda-feira. Sempre há essa insatisfação, essa divisão dentro de nós. E o Pai é que nos reconcilia. Por isso, o sacramento ligado à celebração do Pai é a reconciliação. Tenho a impressão de que hoje a Igreja acentua, não o sacramento da confissão, porque dá a impressão de que o importante é a gente se confessar, falar para fora e ir embora. O importante não é falar o pecado para o padre, mas nos reconciliar com a raiz última do nosso ser, que é Deus. O Pai e a reconciliação são os dois elementos que vão nos dar essa integração interior, a nossa imagem, a nossa figura, a nossa *Pietà*. Seremos o grande Michelangelo (*), esculpindo essa *Pietà* para, no fim do ano, tê-la diante de nossos olhos, com a beleza dessa figura do Pai da Misericórdia.

Qual é a grande virtude que nos é pedida este ano? No primeiro ano de preparação para a virada do milênio foi a fé. O facho que ilumina a nossa estrada. A esperança veio logo a seguir e é o holofote que lança a luz lá no futuro. A caridade é a que constrói, é a força maior. Este é um ano belíssimo do Pai, da reconciliação e do amor. Se essas três forças da nossa argamassa forem trabalhadas, teremos uma belíssima escultura. Amém. (01.01.99)

(*) referência ao artista da renascença italiana, que esculpiu, entre outras obras, a *Pietà*, que se encontra na Basílica de São Pedro, em Roma

BATISMO É COMPROMISSO COM O FUTURO

(Lc 3, 15-16.21-22)

Esta festa do Batismo talvez seja mais profunda do que parece à primeira vista. É necessário que façamos um esforço, um certo mergulho na Teologia, para captarmos sua profundidade.

Se olharmos a história da humanidade, perceberemos que há duas experiências que se contrapõem continuamente. Praticamente, duas estruturas. Quando o ser humano aflora e aparece a sua consciência, portanto, a sua responsabilidade, ele vem da noite do animal. Quando, no século XIX, Darwin escreveu o livro “A origem das espécies”, foi um grande escândalo. Imaginem, numa Inglaterra tão tradicional, religiosa, anglicana, de repente, esse cientista inglês diz que nós, seres humanos, não viemos da terra, criados pela mão de Deus, mas sim do longo processo evolutivo do animal! Isso foi muito humilhante para a humanidade. Um autor dizia, ironicamente, relembando os jornais daquela época, que era melhor esquecer isso, porque era humilhante sabermos que viemos do animal, que os nossos avós foram símios – *uns macacos especiais*. O macaco é nosso irmão, o elo anterior. Nós somos símios. Isso é humilhante para quem imaginava Adão e Eva passeando no paraíso, os dois conversando naquela beleza. Pelo contrário, nascemos bem animais, bem violentos. Levamos um milhão e meio de anos para chegarmos a esses animais que somos hoje. E ainda há tanta violência!

O animal não tem consciência da sua violência. Mas quando Caim – não é uma pessoa física, somos todos nós – matou Abel, escondeu-se, fugiu de medo, sentiu uma marca em sua testa – a marca da culpa, do peso da consciência. O ser humano é carregado de culpa. Nós do Ocidente, principalmente, temos uma dificuldade imensa de conciliar prazer e alegria. No Ocidente, prazer está muito ligado à culpa. Por isso, apareceu Freud e depois dele todos os psicanalistas. Estão até hoje tentando arrancar das pessoas um pouco da sua culpabilidade. Este é o quadro. E sabem o que faz Jesus? Entra nas águas – outra experiência fundamental.

A água nos dá experiência de clareza, de pureza, de transformação. Quando chegamos cansados do trabalho, sentindo-nos sujos, tomamos um banho e ficamos aliviados. Por isso, a água é a experiência da limpeza, da transformação. Quando Jesus entra nas águas do Rio Jordão busca, pela

primeira vez, essa experiência radical. As águas, doravante, terão força de transformar o nosso interior. Haverá uma água – naquele momento ninguém sabia qual era – que, quando tocar a nossa cabeça, tocar o nosso corpo e todas as vezes que a tocarmos, vai nos transformar. Ela não é apenas água, é a força do Espírito Santo. Naquela água há presença de Deus, presença do Espírito. Jesus quer nos passar que só a experiência profunda de um Deus livre, que nos acolhe porque quer, é que pode libertar-nos de nossas culpas. De outra maneira, não conseguimos. Todos os outros caminhos são de Sísifo (*), que levam a pedra até em cima e, quando pensamos estarmos livres da culpa, a pedra desmorona novamente. Sempre temos que reiniciar o mesmo trabalho. Essa experiência do mito grego, de carregar a pedra até o alto da montanha, é a demonstração de nossa impotência, de nossa incapacidade, de nossa impossibilidade de nos livrar das nossas faltas e culpas. Ninguém consegue. Nem padres, nem papa, nem a santa freira. Todos nós precisamos, um dia, ouvir uma palavra, precisamos de uma mão que nos toque e diga que estamos perdoados pela força de Deus. Precisamos saber que estamos perdoados, não porque buscamos, não porque atravessamos oceanos ou corremos mundo. Mas porque, um dia, Jesus entrou nas águas do Jordão e essas águas chegaram até nós. O Jordão chegou a Vespasiano!

Quando tocarmos essa água, sintamos esta experiência primigênia da humanidade. Somos novos, somos livres. Para que ser livre, para que despojarmos do peso? Apenas para esperar? Não. Para construir, para trabalhar, para comprometermo-nos. Batismo é compromisso com o futuro. Depois do perdão, não se volta ao passado. O passado deixa de existir. O perdão se volta é para o futuro. Batismo é um relançar para frente, para o futuro, é um construir. Por isso, essa comunidade deveria sentir hoje que, ao sair desta igreja, não será a mesma que entrou. Haverá mais justiça e honestidade. O dinheiro público será mais bem empregado, as pessoas serão mais responsáveis no cumprimento dos seus deveres. A cidade será mais limpa, as águas serão respeitadas, porque não a sujaremos. Uma água limpa nos faz mais limpos. É uma mudança ecológica, política, social. Tudo isso nasce dessa experiência primigênia de Jesus.

Se vocês forem à Palestina, verão um riozinho pequeno, mas aquelas águas não são mais águas poluídas, porque foram tocadas pelo corpo do próprio Filho de Deus. E são essas águas que vão modificar o nosso corpo diante da história, para fazer a nossa comunidade, a nossa família, o nosso

trabalho mais bonito, mais feliz, mais gostoso, mais prazeroso. Amém.
(10.01.98)

(*) personagem da mitologia grega

A BELEZA NA DIVERSIDADE ***(1Cor 12, 4-11)***

Apesar de o Evangelho ser muito bonito, a orientação da Igreja do Brasil para esses próximos anos, é que preguemos sobre a segunda leitura, que hoje é a primeira parte da epístola aos Coríntios e, depois, ao longo de todo o ano, os Atos dos Apóstolos.

A Igreja do Brasil tinha preparado o projeto “Rumo ao Novo Milênio”. Atravessamos o milênio, com tanto perigo, mas chegamos. Esse projeto acabou e se pensa em outro: “Ser Igreja no Novo Milênio”, que quer oferecer aos fiéis a reflexão, de modo especial, sobre os Atos dos Apóstolos. Mas ainda não começamos a lê-los na liturgia, o que se dará dentro em breve. Sobre eles, somos convidados a refletir. Neste ínterim, ficamos agora com a epístola aos Coríntios. Vamos começar por localizá-la, ver a sua importância e atualidade.

Corinto era uma cidade na Grécia, porto marítimo, uma espécie de encruzilhada de culturas. Como em todo porto, pessoas de todos os países passavam por lá. Uma cidade bastante devassa, perdida moralmente, e dentro dela surge uma comunidade cristã muito fervorosa e muito carismática. Paulo, de certa maneira, incentiva, dizendo que onde está o Espírito está a liberdade, e realmente as pessoas se entregavam aos delírios espirituais. Há uma grande efervescência de carismas. Paulo leva um susto e tenta moderar os devotos.

É interessante notar a pedagogia da Igreja. É sempre uma pedagogia da balança. Quando a balança pesa muito de um lado, força-se do outro, para que ela chegue ao meio. E assim vamos nós de prato em prato, subindo e descendo ao longo da história. Paulo viveu essa experiência de dar incentivo aos carismas pessoais, como vimos agora. Cada um traga o que tem, o que sabe, o que conhece, as suas qualidades. Faça aparecer, realize os seus dons. Agora vem o problema. Lá havia uma divisão muito grande. Até parece o Brasil! Havia classes. Os pobres passavam o dia todo trabalhando e só podiam celebrar à tarde ou mais à noite, quando voltavam para casa. Enquanto isso, os que não trabalhavam e que viviam dos seus bens, podiam celebrar, comer, beber. Paulo percebeu que havia essa desproporção e começa a ficar preocupado. De um lado, incentivava os talentos, os dons, as qualidades, exatamente como faz o

sistema neoliberal. Incentivava ao máximo as qualidades das pessoas, para que se desenvolvam e possam produzir com mais eficiência, com mais competência. É a cultura, por excelência, da sanidade, do valor, das qualidades, do triunfo, das elites, dos puros, dos melhores.

De repente, Paulo leva um susto. Isso nada tinha a ver com Jesus, em sua experiência profunda. É certo que tenho que valorizar os talentos, mas se isso se volta para o proveito pessoal, individual, para o meu gozo, o meu prestígio, a minha fama, a minha honra, o meu poder, isso não é de Jesus. De Jesus, é quando tudo isso é colocado a serviço da comunidade. Nesse momento, Paulo encontra a chave que vai iluminar os dois mundos: a chave interpretativa dos diferentes talentos das pessoas.

Poderíamos perguntar: se quem cria os talentos diferentes nas pessoas é Deus, será que Ele quer a diferença? Será Ele a causa de haver pessoas tão talentosas e outras tão pouco talentosas? Algumas tão ricas, outras tão pobres. Um nadando em felicidade e outras carregando cargas pesadíssimas? Será Deus a fonte, a origem de tudo isso? Paulo vai nos dizer que essa fé é alienante. Ela prestigia os poderosos, os glorificados, os talentosos e despreza a plebe, as massas, os excluídos. Será isso que Jesus vem nos ensinar? Paulo diz que não. Todo talento, toda qualidade, todo bem é para o crescimento da comunidade. Se for um talento espiritual, que seja para o crescimento espiritual da comunidade. Se for um talento intelectual, que seja para o crescimento intelectual da comunidade. Se for uma habilidade, que essa habilidade ajude a comunidade, para que todos possam usufruir. Que as pessoas que tenham qualquer talento, sintam-se convocadas a reparti-lo. Aí não haverá perigo, porque a diversidade é a coisa mais linda que existe e seria terrível se o mundo fosse uma pura igualdade. Todo mundo xerox de todo mundo. Seria uma monotonia terrível! Tudo cinzento, sem as cores. O preto, o branco, *até o azul, se precisar dele* (*). Cada cor tem o seu lugar, cada beleza tem o seu lugar, cada diferença tem o seu lugar. Tudo isso para que o conjunto possa ser mais rico. E o conjunto é a comunidade eclesial, é a comunidade municipal, é a comunidade estadual, nacional, mundial e, como pretendemos agora, a grande comunidade cósmica. Para isso, Paulo nos convoca. Coloquemos os nossos talentos à disposição. Amém. (13.01.2001)

(*) brincadeira em relação ao time mineiro Cruzeiro Esporte Clube

GRATUIDADE x RECIPROCIDADE

(Lc 6, 27-36)

Esse é um processo muito longo. No começo, por um mal que recebíamos, tínhamos que fazer dez, vinte ao outro. Matava-se um e vingava-se em dez ou quinze. Hitler, mais recentemente, quando um soldado alemão era morto, pegava dez civis inocentes e fuzilava. Israel faz muitas vezes isso com os Palestinos. Os Estados Unidos fizeram com Cuba. Um povo pobre e miserável que enfrentou o gigante, sofreu um boicote que dura até hoje. Essa é a fase bruta e animal do ser humano.

Num segundo passo – ainda não chegamos lá, pois ainda há muito bruto solto por aí – chegou a segunda lei: a lei de Talião – “olho por olho, dente por dente”. Isso foi um progresso, um avanço porque antes eram dez olhos para cada olho. Agora empatou – um por um. E essa lei valeu para Israel, ainda no Antigo Testamento. Tratar bem os amigos e mal os inimigos – 1 X 1 - sempre empate.

O último passo da história da humanidade foi dado por Jesus, e estamos longe de chegar lá. Ele diz que não devemos nos vingar. Não mais olho por olho, mas perdoar os que nos ofenderam. Esse é o ponto próximo da humanidade, e ainda não chegamos lá. Está aí a recomendação de Jesus. Talvez haja alguns heróicos que consigam, ao longo de sua vida, viver essa experiência do perdão gratuito a quem o ofendeu, sem mais. Sem vingança, sem cobrança, sem pedir nada em troca. Mas isso parece coisa rara.

Quando eu lia esse Evangelho, pensei em como estamos longe de viver o que Jesus nos propõe: a gratuidade no amor. O máximo que conseguimos é a reciprocidade. O marido faz uma gentileza à sua esposa e fica esperando a volta, e vice-versa. A mãe faz uma coisa para um filho e logo fica esperando um presentinho, um beijinho de volta. É um *comerciozinho*. Não é isso que Jesus quer, mas que a esposa faça um gesto gratuito para o esposo, para o filho e feche a janela. Não espere volta não. Nós buscamos o empate, e o amor não é empate. O amor é gratuidade. Se alguma coisa vier do outro lado, é festa.

Se conseguíssemos viver isso, a vida seria uma felicidade imensa. No dia em que descobrirmos a gratuidade do amor, faremos as experiências mais lindas. Quem não descobriu ainda não viveu. Isso vale

para os namorados, os amigos. Como é difícil! Estamos sempre cobrando, querendo uma resposta. Vivemos em condicionamentos, esperando sempre a resposta, como nos reflexos condicionados. Vivemos ligados aos reflexos condicionados dos presentes, da amizade, do carinho e não da gratuidade.

O Evangelho de hoje quer nos ensinar isso: a gratuidade livre, fácil, tranqüila, como a água que escorre da fonte. Porque, se formos gratuitos, receberemos de volta. Não receberemos pelo comércio, mas pela gratuidade. Seremos gratificados, não pelas cobranças, mas pela gratuidade. Quando as gratuidades se somam é uma maravilha, porque não têm limites. A cobrança tem. Se você tem dez reais, pode comprar uma mercadoria determinada. O dinheiro rende muito, mas a gratuidade é infinita, não tem limite. Como custa-nos aprender! Ficamos pensando em perdoar os inimigos e esquecemos de praticar esse Evangelho em casa, no trabalho, na escola. A professora tem um espaço gigantesco para a gratuidade diante dos alunos, que nunca irão agradecer porque, muitas vezes, são broncos. Passamos o ano inteiro dando aulas e algum aluno se dirige a nós para agradecer? E fazemos isso na gratuidade e na alegria. Quando um aluno agradece, levamos um susto. Quando a gente recebe é uma alegria enorme. Mas se tudo está contabilizado, não há surpresa nenhuma. O rico é mais infeliz, porque sabe que recebe muita coisa, mas que também há muita cobrança. Por isso o sorriso do político é todo ele de matéria plástica, porque sabemos que é sempre em troca de voto. Não tem nada de vida, porque é um sorriso e um voto, um voto e um sorriso. Não é um sorriso limpo, que brota como água cristalina, que jorra para a vida.

Hoje é carnaval. Que seja um carnaval tranqüilo, e não na cobrança, no jogo. Comércio é para as coisas materiais e a graça é gratuita, é para as relações com as pessoas. Amém. (08/02/97)

O INVISÍVEL NO VISÍVEL

(Mc 2, 1-12)

Esse milagre adquire uma importância toda especial porque reflete o que chamaríamos, em termos um pouquinho mais sofisticados, a estrutura sacramental da existência humana e da própria vida de Jesus.

Dizer que a nossa estrutura humana é sacramental significa que nós, seres humanos, somos muito interessantes. Temos todo um mundo interior: o que pensamos, o que queremos, o que desejamos. Ninguém sabe o que passa pela nossa cabeça, pelo nosso coração. Temos todo um mundo invisível, impenetrável, insondável. Aí está a nossa estrutura sacramental. Manifestamos, mostramos para fora este interior, este invisível, através dos sinais. Ora sinais conscientes, queridos, praticados; ora sinais inconscientes.

Só para dar um exemplo, a Psicanálise percebe exatamente aqueles sinais que refletem o nosso interior e que não queremos que reflitam. São os famosos atos falhos, que acontecem com todos nós. Esquecemos datas, trocamos nomes. Aí Freud (*) *delira*, porque estamos continuamente soltando o nosso interior. Às vezes de modo explícito, outras vezes inconscientemente. Pelos gestos, pelos sorrisos, pela maneira de andar. Não sabemos, mas estamos nos manifestando. Nossa vida é totalmente sacramental.

Uma das coisas importantes que aprendi na minha vida é observar, e observar muito; olhar muito as pessoas e ver como cada rosto, cada olhar, cada gesto, como certa timidez ou certa abertura vai refletindo aqueles rancores do interior. Como se nosso interior fosse todo envolvido em papel e fôssemos nos desenrolando numa série de gestos, de palavras, de ritos e descobrindo o interior uns dos outros.

Hoje Jesus fez isso de modo explícito. Ele fez tantos milagres e muitos não perceberam o sentido. Viam a exterioridade do milagre, mas nunca foram fundo, no seu sentido maior. É difícil e hoje Ele quis rasgar o véu do sinal, para que pudéssemos penetrar mais fundo, para que soubéssemos que o Filho do Homem tem poder na Terra para perdoar os pecados – olhe aí o invisível. Ninguém podia ver os pecados, ninguém podia ver que Ele era Filho de Deus, ninguém podia ver a infinitude de seu poder. Isso é invisível. E Ele diz para o paralítico: “Eu te ordeno: levanta-

te, toma a tua cama e vai para a casa!” Isso é o visível. Ele se levantou, tomou a cama e saiu. Ao verem esse gesto externo, todos puderam ir mais fundo e perceber que, por trás, estava o poder de perdoar os pecados.

Em outras palavras, todos os milagres de Jesus querem ir mais fundo do que o sinal visível. Assim, em Caná (**), transformou água em vinho. Transformar água em vinho é bonito, é gostoso, mas é pouco demais para Jesus. Água é cotidiano, vinho é vida, é festa. Água é batismo, vinho é eucaristia. Aí João joga com todos os sinais de coisas profundas. Assim Jesus faz com que a vida do cristão, que é água, que é batismo, seja também eucaristia. Muda água em vinho. Todas as vezes que vocês sobem até aqui para comungar, transformam a água do batismo, que os fez cristãos, no vinho da eucaristia. Aí está o milagre de Caná.

Ele também andou sobre as águas (***). Água é símbolo da mobilidade do mundo, símbolo da instabilidade da existência, símbolo do perigo. Ele caminha sereno sobre as águas. Pedro afunda e Ele o segura pelas mãos. Símbolo de todas as vezes que afundamos e precisamos da mão do Senhor que nos levanta.

Cada milagre de Jesus é a visibilidade do fato, mas muito mais profundo. É o mistério insondável do seu coração, que vai-se desvelando para cada um de nós. Assim somos nós. Em cada dia, em cada gesto, em cada palavra refletimos o que está dentro de nós. E assim vamos nos deixando conhecer, somos também conhecidos por outros e os conhecemos também. Vamos assim criando a nossa convivência humana e fraterna. Amém. (19.02.2000)

(*) médico austríaco fundador da Psicanálise.

(**) Jo 2, 1-12

(***) Mt 14, 22-33

O SENTIDO DO SILÊNCIO MESSIÂNICO

(Lv 13, 1-2.44-46/Mc 1, 40-45)

A liturgia quer ser, além de celebração da vida, da morte e ressurreição de Jesus, um momento de educação, de catequese, momento de homilética, onde as próprias leituras nos ensinam. A escolha das leituras não é arbitrária. Ela é pensada e dosada. A de hoje é muito interessante, porque coloca um texto do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento, falando do leproso, para que possamos entender alguma coisa bastante difícil, sobretudo por causa de nossos irmãos evangélicos. Nós não podemos entender a Escritura ao *pé da letra*, mas devemos vê-la como um processo, aonde Deus vai tirando o véu e mostrando a realidade cada vez mais clara. No início, Deus vai tirando o véu e aparece uma realidade muito escura, porque o povo ainda não podia ver claro. Vai lentamente tirando esse véu até aparecer mais claramente, quando Jesus chega.

Vejamos como o leproso era tratado no Antigo Testamento. Após a leitura dizemos “Palavra do Senhor” e damos graças a Deus. Será então Palavra de Deus essa maneira de tratar o leproso: obrigá-lo a ter os cabelos desgrenhados, impedi-lo de aproximar-se da cidade, carregar uma campanha para que todos se afastem? Quando as crianças viam um leproso saíam disparadas de medo. Será isso palavra de Deus? É, mas desde que a entendamos num processo. Ainda era um povo rude, que não compreendia bem as coisas. Ainda era uma situação em que o processo da medicina, da saúde, era muito primitivo. O que está por trás é aquela grande idéia da revelação: Deus quer a vida! Naquele momento, querer a vida era evitar que a doença se espalhasse. Jesus depois irá dizer qual o grande projeto de Deus sobre a doença. Não é o afastamento, a exclusão, mas a cura. Jesus vai tocar o leproso. No Antigo Testamento era proibido tocar, e agora Jesus o toca. Ele não infringe a lei, mas revela o seu sentido mais profundo, que é a vida. Lá, a ordem era não tocar, agora a vida é tocar. Trocando de não tocar para tocar, Jesus se manteve fiel ao princípio fundamental da revelação: Deus quer a vida de todos!

Outra coisa nos deixa perplexos: Jesus proíbe que ele fale e ele desobedece. Parece brincadeira. Será que Jesus os proibia de falar, ou o evangelista escreve esse texto depois da ressurreição de Jesus e, muito mais inteligente do que nós, quer passar algo mais profundo? Certamente

não era uma proibição de Jesus para não divulgar o milagre. É o momento da revelação que Marcos quer comparar com o antes e depois da ressurreição. Antes da ressurreição é o segredo de Jesus. Ele ainda não mostrara o que era e eles nunca perceberiam o alcance dos seus milagres, nunca perceberiam quem era aquele que curara o leproso. Os olhos dos discípulos, do povo de Israel ainda estavam vendados, porque o grande acontecimento ainda não viera, que é a ressurreição de Jesus. Esse jogo de silêncio e divulgação são dois momentos da revelação. O silêncio é antes da ressurreição e a divulgação é depois.

Hoje somos chamados a proclamar o Evangelho, como diz o próprio Mateus, sobre os telhados. Hoje temos obrigação de anunciar. Naquele momento em que Jesus ia revelando lentamente quem Ele era, os apóstolos foram aprendendo. Esse silêncio, esse segredo messiânico é um segredo didático, pedagógico, para que, no momento em que o povo estivesse maduro, a verdade aparecesse com clareza.

Isso vai acontecer também na nossa vida. Algumas vezes teremos que calar a Palavra de Deus, teremos que omitir algum fato importante, porque as pessoas não estão maduras para ouvir. Temos que esperar o momento da graça para dizer aquela palavra. Muitas vezes os pais em relação aos filhos querem ensinar tudo de uma vez, sem perceber que o processo educativo é lento, que as verdades da Escritura, as verdades de Jesus não são para serem ditas agora a todos ao mesmo tempo. Há um canto muito bonito que diz: “a palavra certa, para a pessoa certa, na hora certa”. O segredo messiânico é esse Jesus que espera a hora certa, para a pessoa certa, com a palavra certa. Amém. (26.02.2000)

NÓS SOMOS O LIMITE DE DEUS (Lc 4, 1-13)

No início da Quaresma a liturgia nos apresenta este Evangelho que foi, para os cristãos da Igreja primitiva, muito difícil de ser assimilado. Eles, que conheceram Jesus ressuscitado, portanto, glorioso, em todo o seu esplendor de Filho de Deus, tiveram que reconhecer que Ele foi tentado pelo demônio. Realmente era algo espantoso! Se não fosse a insistência dos três evangelistas, falando sobre isso, não acreditaríamos. Acharíamos que Jesus teria passado pela história *em brancas nuvens*, como esses anjos que flutuam por aí, sem que fosse tocado pelas lamas da terra e da história. Pelo contrário, Ele quis participar da nossa condição humana.

Uma das categorias que a filosofia moderna trabalha muito é a famosa condição humana. A palavra é muito profunda em filosofia. Quando queremos falar de condição humana, queremos falar dessas realidades que carregamos do nosso passado biológico e da nossa inserção na história. São dois veios que se unem na nossa existência. Temos um passado que explica muito o que somos. Tínhamos muita dificuldade de aceitar, mas hoje é uma evidência científica: nós viemos do animal. Não viemos de nenhum pó bonitinho que Deus pegou e soprou, uma argila de onde saiu um Adão lindo, uma Eva ainda mais bonita. Viemos de um animal muito próximo do macaco. Viemos grotescos, rudes, brutos; apenas com uma pequena luz iluminando aquela brutalidade gigantesca, que era a consciência e a liberdade. Esse animal foi-se desenvolvendo e até hoje é muito forte em nós.

Hoje mesmo conversava com um jovem, nos seus vinte e poucos anos, que foi brincar o carnaval em Porto Seguro, na Bahia. Ele me dizia que ficou assustado com a violência. Em pleno carnaval, de folguedos e alegria, tanta briga, tantos acidentes. É como se puséssemos alguns ratinhos juntos e eles ficassem agressivos. Os seres humanos, quando estão amontoados, adquirem uma agressividade tremenda. Essa é a nossa raiz animal.

Daí para a tentação do demônio não precisa muita coisa não. Não precisa vir demônio de fora. Basta a nossa animalidade que é feroz, que é terrível, que quer destruir, acabar com o outro, que qualquer palavrinha é capaz de fazer estourar. Não aconteceu lá em Brasília de alguns jovens encontrarem um mendigo e colocarem fogo? Isso é mais do que animal. E são filhos de gente importante, alunos do Colégio Marista. Não são

jovens de nenhuma favela escondida, mas conheceram o berço dourado da burguesia. São esses animais que pegam carros e motocicletas e saem por aí voando, fazendo barulho em plena madrugada. As vacas mugem, mas, em geral, em horas mais discretas. Os galos cantam e cantam bem, nos agradam. Os homens fazem barulho, ruídos, *pegas* de carros. Tudo isso é animal.

Quando falamos da tentação de Jesus, não precisamos imaginar alguma coisa muito sofisticada. É essa natureza que temos. Agora, nesse mês passado, foi julgado um grande criminoso de guerra. Já está velho, porque a guerra acabou em 1945. Se foi criminoso em 45, já é um homem provento, com mais de oitenta anos. Descobriram-no agora e levaram-no a julgamento. Era engenheiro, não um homem de uma cultura qualquer, encarregado dos fornos para queimar os judeus. Ao ser perguntado se não sentira nenhuma emoção ao mandar tantos homens, mulheres e crianças para os fornos de cremação, ele responde que estava tão preocupado em fazer funcionar os fornos, que não se preocupara com problemas éticos. Um cavalo é incapaz de fazer isso, mas o ser humano é capaz.

Quando falamos em tentação, não precisamos pensar em diabo. Basta pensar na nossa natureza e nos deter em Sigmund Freud (*). Ele vasculhou um pouquinho os subúrbios da nossa existência, que ele chamou de inconsciente, de porão, e disse que naquele porão todos os animais estavam escondidos. De repente, colocam as cabecinhas de fora. É o nosso inconsciente que nos leva a tanta violência e desrespeito.

A tentação é uma condição humana, é o nosso limite. Mas ao lado desse animal que somos, Deus está o dia todo insistindo para que ele se domestique. Ele não nos deixa um instante sequer. Por isso, estão sempre nascendo umas nuvenzinhas na nossa consciência. Depois de um dia de burradas, vamos para a cama, começamos a rolar de um lado para outro e ouvimos Deus nos dizendo para acordarmos. Ele só quer uma coisa – guardem isso – a nossa felicidade. Ele é o mais interessado.

E todas as vezes que fracassamos, o primeiro a sentir é Ele. O Aurélio (***) de Deus tem dois verbos: amar e perdoar. Não conhece julgar, vingar. Estes verbos não existem no Aurélio de Deus. Se Ele só quer nos perdoar, nos ajudar, não somos melhores porque nós mesmos impedimos. É como o coração que quer bater, mas está cheio de colesterol nas veias, não deixando o sangue passar. É bebida demais, é chocolate demais que impedem o sangue de circular, mas o coração continua. Deus

é esse coração forte, que está pulsando em cada um de nós. Se entupirmos as veias, Ele não pode fazer nada. Mas se desentupirmos as veias o sangue voltará a circular, nosso cérebro será iluminado e a nossa inteligência ficará lúcida. Da parte de Deus nada faltará.

Deus é muito inteligente, nós é que não entendemos. A lei mais importante para nós é a lei da gravidade, e também a que mais nos causa problemas. Sem ela estaríamos flutuando por aí afora. Ela faz com que possamos estar sentados, andar. Mas vá tentar sair pela janela de um quinto andar. A mesma lei da gravidade, que é a nossa força, é também o desespero de muita gente. Pela mesma lei, podemos cair e morrer. Não por culpa de Deus. Nós podemos usá-la bem ou mal.

Muitas vezes somos nós que vamos forçando o projeto de Deus, que quer sempre o nosso bem, mas não nos damos conta. Sobretudo, os jovens que pensam que Deus é um *desmancha prazeres*. Com os prazeres que fazem bem, Deus é o primeiro a estar feliz. Mas com aqueles que fazem mal, que fazem contrair doenças, morrer com vinte e poucos anos, é claro que Ele não pode estar feliz. Ele não quer a morte de ninguém. Quando o prazer destrói a saúde de alguém, quando um jovem entra na droga, Deus pode ficar feliz? Ele não proíbe a droga, mas sofre ao ver um jovem acabar sua vida aos vinte e poucos anos, como qualquer pai sofre ao ver o seu filho acabando sua vida antes do tempo.

O coração de Deus é um pai e uma mãe muito maior do que os nossos pais e mães aqui da Terra. A única tristeza dele é nos ver sofrer. Ele nunca terá ciúmes do nosso amor, da nossa felicidade. Somos nós que nos fazemos mal, no pecado, na tentação. No fundo, não machucamos, não ofendemos a Deus. Nos ofendemos, ofendemos os nossos irmãos. Deus está acima de tudo isso. Mas se machucamos um pobre, Ele fica triste por nossa causa, não por si mesmo.

Que Deus diferente nós temos e tantos têm medo de vir à Igreja, têm medo de encontrar Deus, fogem dele como se fosse inimigo. Ele é o único que nos ama até o extremo, até o infinito. Os amigos só serão amigos enquanto tivermos dinheiro e beleza. Mas Deus sempre estará ao lado, mesmo quando estivermos no lixo da história. Quando todos nos desprezarem, Ele não desprezará. Isso é Deus. O resto é brincadeira. Amém. (28.02.98)

(*) médico austríaco, fundador da Psicanálise.

(**) referência ao Dicionário Aurélio

O REINO DE DEUS AQUI E AGORA ***(Mc 1, 12-15)***

Esse início do Evangelho de Marcos é bastante impactante. Tem frases curtas e, sobretudo, o verbo escondido. Quer dizer que o tempo chegou ao seu ponto máximo. É como se toda a história caminhasse para chegar ao zênite, o ponto mais alto, e depois continuasse. Chegou esse momento é o que podemos imaginar, hoje talvez com mais força ainda, lendo o evangelista Marcos. Sabemos que essa história que preparou a vinda de Jesus já levava mais de quinze bilhões de anos. É impressionante a paciência infinita de Deus! É uma paciência gigantesca! Ele esperou quinze bilhões de anos! Esperou mais de um milhão de anos de humanidade para que o tempo chegasse à sua maturidade e aí o Verbo se encarnasse e começasse a anunciar a Palavra. Completou-se o tempo! Chegou a plenitude, o ponto último da história! E qual é o anúncio? O Reino de Deus está próximo!

Esse próximo não é temporal, é geográfico, é espacial. Em português, próximo tem dois sentidos: geográfico e temporal. Quer dizer, o Reino de Deus está pertíssimo, está aí, já. Está junto de nós. Próximo é o mais perto possível, é o superlativo de perto. Nós é que esquecemos a etimologia das palavras. Jesus diz que o Reino de Deus está próximo. Para nós essa expressão Reino de Deus é quase nada. Mas, para os judeus, significava muito. Era a expressão mais forte que havia no vocabulário religioso de Israel. Não poderia haver uma expressão mais carregada de sentido.

Reino de Deus não significa reino, como lugar territorial. Significa a maneira como Deus entra na história e a conduz. A maneira como Ele possui a história e, nela, se faz ativo. Quando Jesus disse que o Reino de Deus estava próximo, os judeus abriram um olho imenso, pois era como dizer que Deus agora estava aí. Mas Deus, aquele Javé que eles viram no meio dos relâmpagos do Sinai, que fez os judeus atravessarem o Mar Vermelho e entrarem na Terra Prometida? Aquele Javé, que para eles era tudo?! Deus dos deuses, o Senhor absoluto da História, aquele que o povo de Israel considerava gigantescamente distante de si?! O povo dizia: “não fale Deus! Fale você, Moisés!” Eles temiam a voz de Deus. O povo tremia diante de Javé. Chega Jesus e diz: “Ele está próximo!” Olhem que beleza! Está juntinho de nós. “Sou eu. Eu sou a presença de Javé entre vocês”.

Agora, o que podemos fazer? “Convertei-vos e crede no Evangelho”. Outra palavra que foi esvaziada: conversão. Em grego, é uma palavra bonita – é *meta-noia*. Significa uma mudança radical de mentalidade, da maneira de pensar, de ver, uma nova maneira de compreender a realidade. Isto é, a maneira de existir precisa ser mudada. Quando compreendemos a realidade, a entendemos numa cosmovisão. Isso marca a nossa maneira de falar, de andar, de dirigirmo-nos às pessoas. Tudo isso muda. Jesus diz que temos que mudar a nossa maneira de conceber a história, as pessoas, as relações com as pessoas e com o mundo. Não dá para continuar com a mesma maneira de pensar a realidade.

Agora vem o mais bonito ainda: “Crede no Evangelho!” Crede que agora vai chegar a grande notícia para todos nós. E qual é essa notícia? Não estamos mais condenados, mas salvos. Não poderia haver notícia maior. Não precisamos ter medo de inferno, de demônio, de exorcismos. Talvez vocês estejam vendo no “Fantástico”, o Pe. Quevedo (*) falando dessas coisas. Mas não precisam ter medo de macumba, de despachos. Nada disso pode tocar o cristão. “Crede no Evangelho”, crede na boa notícia! A boa notícia de que Deus está junto de nós. Se Ele está junto de nós, de que teremos medo? Da morte, da distância, como diz São Paulo, das forças da terra, de um desastre? Podemos ter medo, mas Deus está ao lado. Estará ao lado do marido para consolar a esposa. Essa é a vida humana. Enfrentamos riscos, temos dificuldades, mas com a certeza de que, em todas essas situações, Deus está colado. É isso que nos dá garantia, nos dá a segurança de continuar vivendo. Se não tivéssemos certeza de que Deus está ao nosso lado seria terrível. Se não temos certeza das coisas que acontecem aqui na terra, imaginem se não acreditássemos que Deus está ao nosso lado? Em meio a tanta dificuldade, a tanto problema, a tanto sofrimento, a tanta incerteza, esta certeza nós temos: “crede no Evangelho, crede na boa nova, crede que Deus está próximo, crede no Reino de Deus!” Esse agir de Deus na história, ao nosso lado, conosco, para que construamos uma sociedade cada vez melhor. O Reino de Deus acontece é em Vespasiano, com vocês participando da política, do serviço social, da formação da realidade. Aqui é só o ensaio, porque a orquestra final será ainda muito mais bonita. Amém. (11.03.2000)

(*) referência a uma série de reportagens levada ao ar pela Rede Globo, com a participação do padre jesuíta Oscar Quevedo.

A GRANDE LIÇÃO DE PACIÊNCIA E ESPERANÇA (Jo 8, 1-11)

Hoje Jesus descreve para nós, na palavra viva, o que Ele contou na palavra falada. Para Ele, a palavra falada e a palavra vivida se entrosam perfeitamente. Ele é essa palavra. O que falava não eram palavras de discurso, como essas que vamos ouvir agora, neste ano eleitoral, que não têm nada a ver com a vida de quem fala. No caso de Jesus, era bem diferente. Ele falava e realizava.

Nesse Evangelho, vamos perceber a coerência profunda da vida de Jesus. Moisés, não Jesus, dirigia o povo naquele momento em que eles precisavam de uma disciplina mais forte. As leis eram muito severas. Mas Jesus quer dizer que a Lei de Moisés foi um momento transitório na história do povo de Israel. Não refletia nada do coração de Deus.

Era como se Deus Pai estivesse angustiado porque o seu povo precisava de uma lei tão ruim, tão dura. Através de seu Filho, Deus muda a lei na sua maneira de ser. Não vai aboli-la, no sentido jurídico da palavra, mas sim através de sua prática.

Jesus olha para aquela mulher e seu coração se rasga de compaixão. Não é possível que o Pai permita que a apedrejem. Não existe este Deus que quer apedrejar as pessoas. Eles entenderam mal. O próprio Moisés não captou bem o coração de Deus.

Jesus simplesmente começa a brincar na areia. Evidentemente, não sabemos o que Ele escreveu. Muitos falam que foram os nomes, os pecados daqueles homens ou simples rabiscos. Mas como ele respeitou aquela mulher, deverá ter respeitado também aqueles fariseus. Não importa. Simplesmente, deu tempo ao tempo. Ao escrever, deixou que aqueles homens pensassem, que tivessem um pouco mais de compaixão, que sentissem a presença dela e que o olhar duro se amolecasse diante do sofrimento, da vergonha daquela mulher jogada no chão. Mas como eles não se comoveram, Jesus cortou-lhes o coração com uma frase forte, mas delicada também: “atire a primeira pedra quem nunca tiver pecado”.

Ninguém pode jogar a primeira pedra. Nem o papa, nem Teresa de Calcutá. Diante dos erros dos nossos irmãos, devemos seguir o exemplo de Jesus: esperar até o momento em que o seu coração das pessoas se abra.

Pais, mães, cujos filhos largam a Igreja e saem por caminhos perdidos, lembrem-se dessa cena de Jesus. Pode ser um, dez, trinta anos. Lembrem-se daquela mulher, chamada Mônica, que esperou tantos anos até que Agostinho voltasse e se transformasse num grande santo. Mas as suas lágrimas correram por anos e anos, pensando e esperando pelo seu filho.

Muitas mães, muitos pais estão esperando os seus filhos durante muito tempo. Esperem com essa paciência de Deus. Também, filhos, esperem seus pais. Esposas, esperem seus maridos. Essa é a grande lição de hoje: essa paciência, essa calma. Nunca condenar, nunca expulsar, nunca rejeitar, nunca excluir. Que o nosso olhar continue chamando, desejando que o pecador esteja sempre voltando. Amém. (28.03.98)

NÓS NÃO DAMOS CONTA DO AMOR

(Lc 22, 14-23.56)

Entramos nos umbrais da Semana Santa, essa solenidade que está diante de nós e que a cada ano passamos com um olhar misturado. É um olhar difícil! É difícil olhar para a paixão de Jesus porque, ao mesmo tempo, vemos esse amor infinito de Deus, que entrega o seu Filho, num gesto de generosidade e amor, mas também um gesto de dor. Entregar o Filho não deixa de ser também uma paixão do Pai. Sempre imaginamos que Deus Pai está feliz no céu e esquecemos que Ele também sofreu a paixão de seu Filho. O Espírito também, de certa maneira, vive essa semana de sofrimento.

Mas o que mais nos questiona é a razão do Senhor Jesus ter de assumir essa humanidade. Será que Ele veio exatamente para sofrer? Será que escolheu a humanidade para chegar até a cruz? Será que já, *meninozinho*, brincava com a cruz, como tantos pregadores nos falavam? Não. Jesus é como qualquer um de nós. Ele veio para estar conosco, para amar conosco, ser feliz conosco, conviver conosco. Ele queria estar conosco! Fomos nós que não o quisemos. Por isso celebrar a paixão é muito difícil.

Quantas vezes ouvimos tantas pessoas reclamando do quanto sofrem, de quantos as odeiam, de quantos as discriminam?! Não fomos feitos nem para odiar, nem para sermos odiados; nem para discriminar, nem para sermos discriminados. Jesus quis conviver o dia-a-dia conosco, viver as nossas alegrias, como viveu com Lázaro, com Maria, com Marta. Como na festa de Caná, com tanta alegria, com tanto vinho e tantas amizades que teve na Terra. Conheceu pessoas, amou homens, mulheres, crianças. Teve sua afetividade exposta, entregue. O seu olhar era de ternura. Se pudesse, teria vivido oitenta, cem anos.

Mas Ele tinha uma vocação, tinha uma missão e quis ser fiel a ela. Quis dizer-nos algumas coisas, como os pais têm que dizer coisas pesadas a seus filhos, e os esposos entre si. Jesus também teve que dizer, não para o nosso mal, não para o nosso castigo, não para nos repreender. Muitas repreensões no Evangelho são mais reflexos do amor do que da própria vontade de Jesus. Uma das frases que mais me impressiona nos ditos de Jesus é a proclamação das bem-aventuranças: “Felizes, felizes, felizes...” Ele vai nos dizer o caminho da felicidade. Ele sentiu que a humanidade

seguia caminhos inversos, errados, que levavam à tristeza e à infelicidade e teve pena de nós.

A humanidade, que já tinha mais de um milhão de anos, ainda não aprendera a amar, vivia enroscada na sua animalidade. Os seres humanos não tinham ainda aprendido o carinho, eram brutos, animais. Era preciso que Ele viesse nos ensinar carinho, acolhida. Os apóstolos machucavam as crianças. Ele veio nos dizer como devemos tratar uma prostituta com o perdão. Ele veio nos ensinar como tratar um herege, alguém de outra religião, de outra Igreja. A samaritana era uma herética, pertencia a uma seita, e Jesus conversa com ela. Conversa sozinho com ela, o que, naquela época, era quase um escândalo, de tal maneira que os apóstolos se espantam. Ele continua tranqüilo, sereno, falando com ela. Ele foi fazendo estas coisas e nós não demos conta do amor. Essa é a nossa grande derrota.

Li, certa vez, uma frase de um teólogo francês, que dizia: “A humanidade fala tanto em amor, mas quando apareceu alguém que lhe mostrou o que era amar, ela destruiu o amor”. Realmente, não damos conta do amor. Preferimos a nossa animalidade. Olhem um pouco em volta, a quantidade de violência, pelo simples gosto da violência, da brutalidade, pelo gosto de ser animal.

Os fariseus não suportaram, Herodes não suportou e o Sinédrio quis logo tirar Jesus da jogada, quando Ele começou a incomodar. Não incomodava enquanto fazia *milagrinhos* que deixavam o povo admirado. Mas Jesus simplesmente não disse uma palavra. Não criticou, não xingou, não falou nada. Calou-se. Essa sua atitude mais e mais enfurecia os poderosos. Curioso que o que mais incomodou as autoridades foi o silêncio, o olhar que se deixava envolver pela força do Espírito, um olhar de transparência infinita, que penetrava os corações. O olhar de Jesus certamente destruía toda a realeza de Herodes.

Se quisermos aprender alguma coisa nesta Semana Santa, não será o terrorismo, o sangue, mas o amor e a caridade. Amém. (04.04.98)

NÓS TEMOS SEDE DE INFINITO

(Jo 10, 1-10)

Cada vez que ouvimos um Evangelho pastoril e rural, mais sentimos a distância cultural. Se eu perguntasse aqui quem já viu uma ovelha – não na televisão – poucos levantariam o braço. Então, é mais uma coisa que aprendemos no Evangelho. Mas hoje eu queria fazer uma reflexão diferente, inspirada, é claro, pela leitura.

Vou começar com uma comparação. A história humana é como uma grande correnteza. Imaginem o grande rio Amazonas. É como se, até o século XVIII, as águas desse rio corressem lentamente, de tal maneira que as pessoas, que nele navegavam, pudessem levantar a cabeça, olhar em volta e conhecer as paisagens, porque dava tempo de ver. Iam todos e podiam conversar mais tranqüilamente, porque a água ia muito devagar. Olhavam, reconheciam as árvores, as casas, os portos porque as águas eram lentas. A partir do século XVIII, houve uma reviravolta cultural gigantesca. Quanto mais estudamos, mais nos espantamos. De repente, o rio começa a se acelerar. Queremos olhar para as margens e já não conseguimos enxergar. É como um trem em alta velocidade. As coisas passam tão rapidamente, que não conseguimos ver. A partir das décadas de 80/90, o rio adquiriu uma tal velocidade, que ficamos *baratinados* e perdidos. Não conseguimos ver mais nada. É isso que a Filosofia chama de pós-modernidade.

Quando a Filosofia fala de pós-modernidade, está falando da consciência de que cada vez mais o movimento das mudanças é tão acelerado que imaginamos que cada dia é diferente. Quando se liga uma televisão, já esperamos surpresas. Se um jornalista repetisse notícias de anteontem, já acharíamos sem graça. Um jornal de ontem já é velho, só serve para o lixo. No domingo já queremos ver o de segunda-feira. Quem tem *internet* já pode ler o jornal do dia seguinte. Vamos adquirindo uma rapidez enorme. O que interessa para nossa reflexão é saber o que isso provoca em nós.

Provoca uma quantidade imensa de efeitos. E como estamos na corrente, temos uma dificuldade imensa de perceber. O filósofo é aquela pessoa que consegue, de vez em quando, sair um pouco para a margem e ver a correnteza passar com toda a velocidade. Pára e começa a analisar.

Estava lendo um livro de um filósofo francês sobre a família. Dizia que até o século XVIII a família não se constituía por amor. Os casais não se escolhiam mutuamente. As famílias é que decidiam, eram outros interesses que decidiam: manter o patrimônio da família, a linhagem, a tradição ou outra utilidade necessária, mas nunca o amor conjugal. Não existia o que chamamos hoje de amor entre esposos. Poderia ser que alguns casais acabassem se amando, mas outros, não.

Também entre pai e filho não havia amor. Um filósofo do século XVIII diz que não se lembrava de quantos filhos teve e de quantos morreram. Dá para imaginar um pai que não sabe quantos filhos teve? Os filhos não tinham a mínima importância. Praticamente apenas o primogênito era cuidado e os outros eram entregues às aias. O amor, o carinho entre pais e filhos não existia. Uma coisa interessante é que eles não tinham medo de morrer, porque não existia amor. Existia todo um senso de fatalidade, de destino, que tornava a morte a coisa mais natural do mundo. Não havia essa confusão de hoje: hospitais, UTI's, velórios, nada disso.

Mas, na medida em que começamos a acelerar o processo histórico, começamos a descobrir que cada um de nós é importante. Se eu não me cuidar, se não cultivar minha identidade, serei levado, porque a correnteza é muito forte. Começamos a criar cada vez mais essa consciência individualista. Cada vez somos mais individuais positiva e negativamente. Positivamente, escolhemos, decidimos, não queremos mais que outros decidam por nós. Instâncias externas que decidiam sobre nossos destinos, cada vez mais perdem força. A sociedade, a religião, o estado, a ideologia, tudo isso vai mudando. Até o século XVI era a glória de Deus, depois veio a pátria, a nação. E a última grande causa, que matou a autoridade e fez com que tudo que viesse de fora não tivesse importância, foi a revolução socialista que acabou em 1989.

De lá para cá, não há nada mais a não ser o individual. Não há nenhuma grande causa que nos chame e atraia. Isso produz uma maior consciência de nós mesmos, mas também não temos idealismos, não temos coragem, não temos causa maior que nós mesmos e a vida fica muito cheia de aborrecimentos. Queremos novidades atrás de novidades, mas nenhuma delas nos satisfaz, porque são rápidas demais. É como se comêssemos tanto doce e acabássemos enjoados. Estamos enjoados de TV Globo. Os apresentadores ficam loucos em busca de novidades, ficam correndo o mundo todo em busca de coisas raras, exóticas, porque só conseguimos

viver de surpresa em surpresa. Esse dia-a-dia normal nos aborrece, nos cansa. Nos Estados Unidos já há tantos casos de assassinatos nas escolas, e devemos pensar que os Estados Unidos é o Brasil de amanhã. Não se assustem se nas nossas escolas, de repente, entrarem dois juvenzinhos vestidos de preto e resolverem matar seus colegas.

É essa a realidade que nos cerca. Uma urgência de algo que não sabemos definir, uma busca sequiosa de novidades, de surpresas, de sustos. Deus nos criou para o infinito e, como não o encontramos, continuamos buscando. Só que, sem introjetarmos valores verdadeiros, perderemos a nossa identidade de seres humanos. Sem valorizarmos a ética, a beleza, o bem que há em nós como seres humanos, a busca continuará e o vazio jamais será preenchido por coisas, porque a nossa fome é de valores que nos façam ser. Amém.(24.04.99)

AMAR É DESEJAR A VIDA PARA TODOS **(Jo 13, 31-35)**

Só por essa página, valeu a pena Jesus ter vindo à Terra. Só que a coisa é mais complicada do que a gente pensa. Talvez amor seja a palavra mais falada, talvez o verbo mais sussurrado nos ouvidos dos amantes – eu te amo, em todas as línguas do mundo. Mas talvez seja das realidades mais difíceis de entendermos e, sobretudo, de vivermos. Como nós, que viemos do amor, somos destinados ao amor, temos tanta dificuldade em amar? Uma parte eu sei. Porque viemos do animal e esse é um problema sério. Um dia fomos animais em cima das árvores. E acho que esse animalismo ficou muito dentro de nós. É o cachorro que existe escondido e late de vez em quando, que arreganha os dentes como essa fera que escondemos. Apesar de um milhão e quinhentos mil anos de humanização, esse animal ainda não está domesticado. Estamos vendo todos os dias nos jornais, hoje mesmo no “Estado de Minas”, uma página inteirinha só de crimes, e de crimes bárbaros, crimes de queimar crianças. Crimes horríveis, desumanos, crimes de colocar seis milhões de judeus em fornos. E quem praticou foram médicos, advogados, engenheiros, gente culta.

Hannah Arendt, uma socióloga conceituada, escreveu um artigo sobre Eichmann, um famoso alemão nazista, que conduziu à morte milhares e milhares de judeus. Depois da guerra ele fugiu, escondeu-se na Argentina e, depois de muitos anos, os judeus descobriram-no, raptaram-no e levaram-no para Israel. Condenado, foi executado porque havia assassinado centenas de milhares de judeus. Hannah Arendt escreveu: “Vocês pensam que esse é um monstro – como eu falava dos jovens de Brasília – mas não é”. É um burocrata, um funcionário público como qualquer um que está aí, nas nossas secretarias. Só que um funcionário público que viveu naquele momento em que a Alemanha passava por toda aquela loucura de assassinar judeus. Foi um eficiente burocrata do crime. Um homem como nós, mas tinha um leão, um animal, uma fera dentro de si e essa fera, de vez em quando, acorda.

É por isso que Jesus diz: “Eu vos dou um mandamento. Eu insisto e dou ordem: amai-vos uns aos outros!” É interessante que quando quiseram traduzir o Evangelho, notaram que o grego tinha várias palavras para amor. E João não escolheu essas palavras. A mais comum era *filia*

– amigo, amizade. João não escolheu essa palavra. Outra palavra era *eros*, que em português deu um sentido mais sexual, erótico. Mas *eros* em grego significa amor, e João também não escolheu. Preferiu uma palavra nova – *agape*, que depois deu, em português, uma palavra mais sofisticada. Quando somos convidados para um banquete, dizemos *agape*, uma ceia, uma refeição. Esta é a palavra que ele escolheu para amor.

Portanto, é preciso entender que só amamos quando nos reunimos com as pessoas, quando criamos uma *agape*. Não é o *eros*, não é a *filia*, não é a simpatia. Eu diria que nem a ternura, que eu considero a antecâmara do amor. Eu mesmo me pergunto: o que é amar? É difícil definir isso. Mas eu acho que a ternura é a experiência mais próxima do amor. Talvez a chave seja nos perguntar se realmente amamos as pessoas, quando nos amamos nelas. Olhem a questão da gramática em português: eu amo alguém quando eu me amo em alguém? Provavelmente, sem fazer mau juízo de ninguém, nós nos amamos muito mais nas pessoas do que amamos as pessoas. Sério isso! É muito o problema de namorados, de noivos, de esposos, de pais e filhos. De fatos eles não se amam entre si, mas a si no outro. Pensem bem nisso! Muitas vezes, a mãe se ama na filha, mas não ama a filha. A mesma coisa com o pai. Olhem o verbo: não ama o filho, mas se ama no filho. Como eu sei que não amo a pessoa, mas me amo nessa pessoa? É a pergunta mais difícil de responder e só a respondendo, saberei se amo.

Eu diria que eu só amo alguém quando o que eu lhe desejo é a vida em qualquer situação. No momento em que desejo o mínimo de morte para alguém, acaba o amor. O oposto do amor é a morte. Se eu vejo um criminoso, por exemplo, e desejo que ele morra, eu não o amo. Quem assistiu ao filme “Os últimos passos de um homem” pode ter percebido o jogo da freira e dos pais das vítimas. Os pais das vítimas odiavam o criminoso, queriam sua morte e assistiram a execução, porque nos Estados Unidos existe a pena de morte em muitos estados. A freira manteve-se, até o fim, amando, porque o que ela queria era a vida dele. Mesmo não conseguindo salvar a vida física, porque ele estava condenado à morte, lutou judicialmente até o fim. Não conseguiu, mas esteve ao seu lado até o último instante para dar-lhe coragem. Isso é amar. Agora, estar lá para assistir friamente à morte do outro é ódio, e ódio destrói.

Temos que nos perguntar realmente sobre essa questão. Como esse crime de Brasília, desses adolescentes que queimaram o índio Galdino. É que nunca ensinaram esses rapazes a amar. Provavelmente nunca tiveram

uma aula de amor. Tiveram muitas aulas de sexo, através da vida. Um sociólogo escrevia que a geração jovem das décadas anteriores conhecia o amor e tinha certo medo do sexo. Hoje, a geração jovem perdeu o medo do sexo, mas tem medo de amar. Jovens, guardem essa frase, não dita por um padre, mas por um sociólogo que estuda os fenômenos sociais. Do sexo, ninguém mais tem medo. Sexo está banalizado, está exposto em todos os lugares. Agora o amor, saber, desejar a vida a qualquer pessoa é coisa rara. Quando vocês encontrarem um menino de rua, olharem-no e não o espantarem como mosca, é sinal de que amam. Se eu quero que ele viva eu amo.

Termino com um fato que nos toca no mais profundo. Teresa de Calcutá talvez seja a mulher no mundo de hoje que mais deu exemplos de amor, por isso causa um fascínio gigantesco. Velhinha, freira, mas quando falava na televisão, fazia chorar os Estados Unidos inteiro. Aquela mulher passava para todo o mundo o que é amar. Passando pelas ruas de Calcutá, encontrava um miserável agonizando. Não podia fazer nada por ele porque, já estava nos estertores da agonia. Ela recolhia esse homem, carregava-o, dava-lhe banho, vestia-lhe uma roupa limpa, colocava-o num lençol limpo. Não para salvar sua vida, mas para que ele morresse dignamente numa cama. Isso é amar! O resto é outra coisa. Amém.(09.05.98)

JESUS NÃO DEU CONTA ***(At 2, 1-11/Jo 20, 19-23)***

Pentecostes, junto com a Páscoa, são as duas grandes festas da Igreja. E, em certo sentido, a festa do Espírito Santo é mais importante ainda que a Páscoa. Jesus não deu conta, como os monitores de crisma também não dão conta. Inscrevem-se duzentos jovens e, depois de duas semanas, reduz-se à metade. Jesus não deu conta, os ministros não dão conta, nós, padres, muito menos, damos conta.

Por que Jesus não deu conta? Vocês viram o que relata a leitura. Jesus entra na sala, e eles ficam alegres. Jesus sai, eles entram *na fossa*. Como os adolescentes: num dia estão alegres, no outro estão deprimidos; num dia, entusiasmados, no outro dia, lá embaixo. Assim eram os apóstolos. Jesus foi embora e baixou a tristeza, fecharam as janelas. Na semana seguinte, a mesma coisa: janelas e portas fechadas. Passaram a semana inteira fechados. Não viam televisão, porque não havia. Ficaram lá, morrendo de medo. Jesus vem uma segunda vez – é a alegria, a festa. Se não tivesse vindo o Espírito Santo, virariam todos defuntos e o Cenáculo iria cheirar tão mal, que a polícia os encontraria, já mortos.

Mas aconteceu o que ninguém esperava. Jesus tinha subido aos céus, portanto, não o tinham mais. Eles sentiram um tremor, um barulho gigantesco, um ruído, uma luz, um fogo, e se transformaram. Pedro, aquele medroso, mandou abrir as portas e eles viram uma praça cheia. Imaginem um homem caipira, da roça, falar para uma multidão! Pedro olhou para aquela multidão e começou a falar. Uma multidão que poderia condená-lo, matá-lo. O Espírito Santo já começara a atuar, e ninguém mais segurou esta Igreja. Esses doze homens, e depois mais alguns, rodaram o mundo inteiro. Foram até a Europa. Imaginem o pobre do Pedro, analfabeto ou quase, pescador de um *lagozinho*, correndo para Roma, a capital do Império, onde se falava grego e latim. É como se, de repente, pegassem qualquer um de nós e jogassem em *Times Square*, em *New York City*. Só saberíamos dizer *OK*. Ficaríamos totalmente desarvorados, porque perderíamos toda a possibilidade de nos comunicar. Pedro vai pregar em Roma. Hoje, sobre o seu túmulo, existe a maior igreja que já se construiu no mundo – a Basílica de São Pedro, o símbolo do poder. E ninguém mais esqueceu esse homem. Não por causa de Pedro, mas pelo Espírito Santo.

Vocês devem estar acompanhando esses bombardeios em Kosovo (*). Mísseis bombardeando todas aquelas crianças, tiradas de suas casas. Criaram um imenso acampamento onde, de repente, aparecem professores, pedagogos, médicos. Quem os levou lá? Quem fez com que largassem suas pátrias, seus comodismos e fossem trabalhar em acampamentos de um país distante, para alegrar as crianças? Só pode ser o Espírito Santo. Tantas vezes vocês viram na televisão, aquela velhinha – Teresa de Calcutá – que, onde havia miséria, onde havia catástrofe, estava ela para salvar, curar, alentar as vítimas. Carregava os moribundos, lá em Calcutá, na Índia. Quem levou essa mulher a fazer tudo isso? O Espírito Santo. E quando estamos desanimados, aborrecidos e, de repente, surge uma coragem inexplicável? Nos tornamos capazes de agir, de participar, reivindicar direitos. É a ação do Espírito Santo.

O grande problema dos adolescentes é encontrar a autonomia. Na infância, vocês vivem sob uma lei muito forte – o pai e a mãe e, mais tarde, a escola. Vocês assimilam essa lei, e isso é importante. Começam a crescer e não querem mais aceitar a lei que vem de fora – a heteronomia. E é bom que não queiram aceitar, porque, do contrário, não saem da infância. Quando isso ocorre, pode acontecer de os adolescentes passarem para o extremo oposto, que é a anomia, a anarquia e aí é o desastre. São esses jovens sem lei, sem regra, sem norma. Como encontrar a saída entre a heteronomia – a lei que vem de fora – e a anarquia – o não aceitar nenhuma lei, mas criar a lei dentro de si?! Essa é a tarefa que vocês cumprem agora, na adolescência. Se não a cumprirem, o perigo é imenso. É preciso criar uma lei interior pelo que vocês construíram. Os pais, a escola continuam sendo importantíssimos, mas não são mais uma lei externa, e sim alguma coisa que vocês irão interiorizando. Por isso é fundamental que vocês encontrem a objetividade e a verdade da vida, para construírem interiormente a própria autonomia. Se não encontrarem, serão anárquicos, fora de toda lei, e aí está o grande risco. É o que estamos vendo continuamente nos jornais, e agora não é só nos Estados Unidos. Também no Brasil, bem perto de nós. Matam brincando.

O Espírito Santo é aquele que consegue criar a lei dentro de nós. Não precisamos receber de fora, mas construir no nosso interior, porque a cada direito nosso, existe um dever. Se têm direito à escola, têm o dever de estudar. Se têm direito a uma cidade limpa, têm o dever de deixá-la limpa. É disso que nos esquecemos no Brasil. Perdemos a noção dessa relação

entre direito e dever. Os direitos são importantíssimos. Temos direito ao silêncio, à limpeza, à saúde, à alimentação, a termos pais honestos. Mas temos obrigação de sermos estudantes sérios, responsáveis, porque temos direito a uma boa escola, a bons professores. É nesta idade que terão que descobrir os seus direitos, porque não são mais crianças. As crianças quase não têm deveres, mas se não tomam consciência dos seus direitos e deveres correspondentes, não se formam. Serão eternas crianças e uma criança de quarenta anos é um desastre. Amém. (23/05/99)

(*) província autônoma da antiga Iugoslávia, atualmente Sérvia, que se encontra sob a administração da ONU

JESUS ESTÁ SEMPRE EM MÁ COMPANHIA ***(Ex 34, 4-6.8-9/Jo 3, 16-18)***

Esse Evangelho não deixa de ser impressionante, mesmo pequeno, com poucas frases. Esses apóstolos conviveram com Jesus, viram-no, tocaram-no, sentiram o seu hálito, dormiram juntos tantas vezes ao relento e, depois de tanto convívio, no momento da ascensão, ainda duvidam. Não é de estranhar que nós também tenhamos as nossas dúvidas, que passemos por crises de fé. Aqueles homens, que eram os baluartes da Igreja, que conviveram com o próprio Cristo até o final, ainda tinham dúvidas. Aí Jesus mandou-lhes o Espírito Santo para lhes transformar o coração. De fato, depois que o Espírito Santo veio, eles perderam todo o medo. Alguns foram a Roma, outros à Espanha e morreram mártires pelo mundo afora. Se nós estamos aqui, é porque aqueles doze homens palmilharam o mundo, levando o Evangelho de Jesus.

Celebramos hoje a Festa da Trindade. A primeira leitura é muito bonita. Às vezes a gente ouve distraído e não percebe a beleza, mas reparem que cena maravilhosa. O velho Moisés – talvez um dos maiores líderes de toda a história da humanidade – sozinho enfrentou o faraó, o símbolo do maior poder daquela época. Pois bem, esse judeu desconhecido enfrentou o faraó cara-a-cara. Discutiu corajosamente com ele, arrancou o seu povo da escravidão e derrotou o exército. Esse homem se encontra diante do povo e diz: “Vocês já viram algum Deus tão próximo do povo, como o nosso?” Eles tinham vindo do Egito onde conheceram aquelas imensas estátuas, que hoje podemos ver no Museu Britânico, e que eram adoradas por aquele povo. Todos aqueles deuses terríveis! Mas foi o verdadeiro Deus que conduziu o povo durante quarenta anos pelo deserto, que os alimentou com o maná, que fez brotar água das pedras e os conduziu à Terra Santa. Esse é o verdadeiro Deus. Moisés não conhecia Jesus, não conhecia o Espírito Santo. Se Javé, aquele grande Deus, já estava tão próximo, ainda mais para nós, que sabemos que o nosso Deus se fez homem, se fez história, se fez suor, se fez dor, se fez cruz, se fez morte, se fez ressurreição. Um Deus mais próximo não existe.

Jovens, não há religião tão bonita como a religião cristã, porque não há religião em que um Deus se aproxime tanto. Ele nos revela o mistério maior: a última raiz do nosso ser é ser amado. Guardem essa frase para

os momentos tristes e de dor. A última raiz do ser não é o vazio, não é a falta, como diz Lacan (*). A última raiz do nosso ser é ser amado. Quando mergulharem no mais profundo do eu de vocês, mesmo que sejam rejeitados por pais e por mães, mesmo que vivam na pior favela do mundo, mesmo que não tenham conhecido nenhum amor e nenhum carinho humano, mesmo que tenham visto os piores exemplos, olhem para o interior de vocês e encontrarão a certeza de serem amados por um Deus. Não há razão nenhuma para vivermos na *fossa*, na depressão, na tristeza, vivendo de *prozacs* (**), de químicas, porque não somos capazes de suportar o nosso ser. O nosso ser é marcado, plasmado pela Trindade.

Não sei se leram o “Estado de Minas” de hoje. Havia uma fotografia belíssima, de cortar o coração. É o *Sandrozinho*, aquele menino de rua, sendo abraçado por uma mulher maravilhosa, esposa de um empresário riquíssimo, que dedica toda a sua vida aos meninos de rua. Ela abraça aquele menino que seqüestrou um ônibus, no Rio de Janeiro, e matou uma professora. Olhando o rosto daquele menininho, acolhido por aquela mulher, devemos pensar o que passou pelo seu coração. Ela sabia quem ele era, mas queria salvá-lo. Não conseguiu, porque ele foi assassinado pela polícia. Nós não conseguimos tudo – isso é o terrível! Queríamos salvar todos os jovens, queríamos que vocês fossem ótimos, queríamos que depois do Crisma vocês continuassem, mas a maioria debanda por aí afora. Somos incapazes de segurar as pessoas. Isso rasga o nosso coração. A incapacidade humana é terrível!

São fatos como esses que estão acontecendo no Brasil. Não estão acontecendo na Coréia, na Rússia, na Polônia. Estão acontecendo no *Brasil brasileiro*. Talvez isso nos deixe insensíveis, porque é comum vermos tudo isso nas páginas de nossos jornais. Outra página interessante foi a entrevista de um psicólogo, não de um padre, embora bata muito com o que eu digo para vocês. Ele diz que o próximo milênio não será o milênio do sexo, mas do afeto. O sexo não faz ninguém feliz. Quem disse isso foi um psicólogo, alguém que vive trabalhando com vocês, jovens, mas vocês não acreditam. O que faz alguém feliz é amar e ser amado, é a ternura, é o carinho. O sexo é o término de um processo e nunca ele, em si mesmo. Talvez demore muito, mas eu tenho a certeza de que caminhamos para lá. Não é possível que sejamos tão burros, que não descubramos isso. É difícil, porque toda a mídia, toda a propaganda, toda a televisão, está voltada para o erotismo sexual, genital e não para o afeto, a coisa mais

linda que temos. Abraçar uma criança, beijar uma pessoa, sentir o calor humano de alguém. Isso nos enche o coração. Dizem que isso realiza qualquer pessoa, que nem precisa do ato sexual para sermos felizes.

Uma terceira coisinha que queria dizer-lhes. Moisés falou que o nosso Deus é maravilhoso, e Jesus veio nos mostrar isso. O nosso Deus não tem vergonha de ninguém. Às vezes os adolescentes têm vergonha da mãe, porque ela não é nenhum modelo de beleza. Eles a escondem. Mas Deus não tem vergonha de ninguém. Ele está colado a cada um de nós, em qualquer situação de nossa vida. Há um escritor alemão que procura estudar as marcas que o Cristianismo deixou na cultura. Ele diz que uma das marcas mais fortes foi saber valorizar cada pessoa, mesmo a menos digna da sua humanidade. Ele compara com a cultura grega, que valorizava enormemente o bonito, o bom, o belo. Pessoas interessantes, agradáveis. Mas os escravos, as pessoas largadas, marginalizadas eram desprezadas. O nosso Deus se fez homem para estar ao lado dessas pessoas. Olhem o Evangelho! Jesus se aproxima dos mancos, prostitutas, leprosos. O Evangelho está cheio disso. Jesus está sempre em má companhia. Esse é o nosso Deus, que não deixa ninguém de lado. Os ricos e bonitos não precisam, mas os feios, os jogados, ninguém os quer.

Hoje eu celebrava no asilo e fiquei sentado, olhando para aquelas pessoas – velhinhos, pobres, acabados – e pensei: aí está o meu Deus. Ter um Deus assim é algo impressionante! É para que todos se amem, para que construamos uma sociedade diferente, começando de baixo, da pobreza, da miséria, transformando este país, para que não se multipliquem os *sandros*, para que os *sandros* se convertam, para que os *sandros* sejam diferentes. Amém.(30.05.99)

(*) psicanalista francês, falecido em 1980.

(**) antidepressivo fluoxetina

ASCENSÃO É O MISTÉRIO DA AUSÊNCIA

(At 1, 1-11/Mc 16, 15-20)

Ascensão é uma grande porta que se fecha para algumas realidades e se abre para outras. Ela se fecha para isso que acabamos de ouvir: uma nuvem cobriu a humanidade física de Jesus. Quer dizer que nunca mais veríamos a sua humanidade física. A nuvem é o símbolo da história que passa, como nós nunca mais veremos fisicamente os nossos mortos. Com esses olhos, não os veremos mais. É bom que tomemos consciência dessa realidade. Ascensão quer dizer que não adianta ficarmos procurando sinais para ver Jesus numa vidraça, numa cortina que aparece vez por outra. “Eles não podiam mais ver!” Olhem que frase forte! O mistério da ascensão é o mistério da ausência. Ausência dói, como dói a ausência de todos os nossos mortos, de todos os amigos e parentes que estão ausentes de alguma forma. Por isso dói à Igreja não ter Jesus visível entre nós. Essa dor pertence à nossa condição humana. A porta está fechada.

Abre-se outra e essa é muito bonita. Abre-se essa porta que construímos para celebrar a memória de Jesus. Se Ele estivesse aqui, não precisaríamos pensar na sua memória. Memória é de quem já partiu, é para o passado. Ele mesmo disse: “Fazei isso em memória de mim!” Se Ele estivesse aqui, não precisaríamos estar reunidos. Se Ele estivesse na Terra, pegariamos um avião para irmos até onde pudéssemos encontrá-lo. Quereriam até levá-lo para Nova York para que Ele enchesse de dólares as Bolsas de *Wall Street*. Graças a Deus, essa porta se fechou. Ele disse que estaria de uma maneira diferente. “Reúnam-se!” – olhem que palavra bonita! Não se matem, não se digladiem, não se destruam. Reúnam-se! E também disse para que, como Igreja, pegássemos um pouco de pão, um pouco de vinho e Ele estaria ali. Essa é a porta que está aberta.

Quando Ele estava vivo, em corpo físico, podemos dizer que alguns milhares de pessoas o viram. Não muito mais que isso. Quando os Evangelhos falam em cinco mil pessoas, talvez exagerem. E mesmo essas que viram Jesus, não o viram. Viram um homem passando por ali. Mas ver, no sentido de reconhecer o que realmente Ele era, pouquíssimas pessoas conseguiram. O corpo dele era local, era marcado por tempo e espaço. Olhem como ganhamos ao fechar essa porta! Agora somos milhões que podemos pensar nele, recordá-lo, festejar a sua memória, reunirmo-nos.

Quanto hoje não se unem por todo o mundo em seu nome?! Seja em Cingapura, em Atenas, no interior mais interior do Brasil, na Espanha, estão cristãos celebrando a mesma Eucaristia. Com esse mesmo pão, esse mesmo vinho e dizendo “isto é meu corpo, isto é meu sangue!” e ali Ele está presente. Olhem quanto ganhamos com a ascensão! Ele se faz real por quantas vezes quisermos.

Outro dia fiquei gratamente tocado. Celebrava num lugar pequeno e fui convidado para almoçar. Um jovem médico começou a conversar comigo. Ele me ouvia interessado e eu lhe perguntei se praticava alguma religião. Ele me disse: “Sim, eu vou à missa todos os dias para participar da Eucaristia!” Eu olhei para aquele médico e pensei em como é bom que isso ainda exista. Porque o Senhor fez de si essa presença. Mas Ele quis mais sinais, não só o da Eucaristia, que é o mais bonito. Mas também no batismo, no crisma, no matrimônio bem vivido, está o Senhor presente.

Mas Ele abriu outra porta, que daqui a uma semana vamos comemorar. Uma grande porta por onde o Espírito Santo vai passar. Ele diz que o Espírito será abundante, e agora poderá *deitar e rolar* sobre todas as nossas cabeças. Ele foi dado a cada um de nós que agora carrega no seu interior, a marca e a presença da Trindade. É que não nos damos conta disso. Quem dera soubéssemos que estamos carregando pela rua, o dia todo, o mistério trinitário! Ele está lá dentro, talvez silencioso, porque as nossas orelhas estão cheias de barulho, de buzina, de fumaça e não conseguimos senti-lo. Mas Ele está lá. Não nos abandona nunca! De vez em quando – como nesse jovem médico – ele fala e nós ouvimos.

Certa vez um grande católico – Alceu Amoroso Lima – foi visto por um amigo. Ele ia encolhidinho, e o amigo mais tarde lhe perguntou para onde ele teria ido tão cedo, já que estava casmurro, circunspecto. Ele respondeu: “Eu devia estar com a cara séria e talvez um pouco triste quando eu ia, mas não depois que voltava. Quando voltava, estava alegre, porque voltava da Eucaristia”. Ele podia ir carregando seus problemas mas, quando encontrava o mistério do Senhor, voltava novo, renovado para enfrentar o dia de seu trabalho de intelectual, de professor universitário.

Quem dera descobríssemos esse mistério dessa nova presença de Jesus, que agora é muito mais forte, muito mais abundante, muito mais rica do que quando estava com o seu corpo físico na Terra. Aquele, poucas pessoas captaram. Mesmo os apóstolos estavam confusos. Eram distraídos, não entendiam muito. Um traiu, outro quase traiu, outros fugiram. O Jesus

físico não mexeu muito com as pessoas. Mas o Cristo glorioso, este que está presente, mexe muito mais. É muito mais poderoso, muito mais forte.

Sabem mais o que Ele disse? Ele disse que, quando caminhássemos pela vida e encontrássemos uma criança linda, acolhendo-a, o acolheríamos. Nós podemos abraçar Cristo de muitas maneiras. Quando encontrarmos uma pessoa sofrendo, precisando de uma palavra, se nos voltarmos para ela e dissermos essa palavra, foi a Ele que dissemos. Nós podemos falar com Ele o dia todo. Quando, no trabalho, vemos um colega que está mal, podemos encorajá-lo. Conversamos com o colega, mas, mais que isso, conversamos com o Cristo, que ali estará presente. Quando sentamos na sarjeta, ao lado de um bêbado desfeito, sujo, malcheiroso, que nos diz palavras sem sentido, que apenas escutamos, ouvimos a palavra do Senhor. Ele resolveu nos dizer que é fácil encontrá-lo. Antes era muito difícil, precisavam andar quilômetros para ver Jesus. Era difícil descobrir que aquele homem de Nazaré era Ele. Hoje não. Hoje é facilímo encontrar o Senhor. É que nós não o queremos encontrar. A ascensão abriu uma porta gigantesca para Ele estar no nosso meio. Amém. (01/06/03)

PENTECOSTES CRIA COMUNIDADE

(At 2, 1-11)

Talvez a maioria dos cristãos não sabe ou ainda não tomou consciência de que Pentecostes é uma festa tão grande, tão importante quanto a Páscoa. Não deve nada à festa da Páscoa. Como a Páscoa vem depois de toda uma Semana Santa, vamos nos preparando, quase como num crescendo. Pentecostes aparece de repente. Mas são as duas colunas do nosso ano litúrgico.

É fundamental, porque, se não houvesse Pentecostes, não estaríamos aqui. Se não houvesse essa grande ação do Espírito, ninguém estaria sentado nesses bancos e nem eu estaria pregando, nem existiria o ministério, a Eucaristia, a Igreja. Não existiria nada. O Cristo ressuscitado estaria feliz, junto de Deus Pai e nós, nesse imenso deserto do anonimato, da frieza, do vazio, da tristeza, do ódio, da vingança. Mas o Espírito Santo cobre tudo.

Agora mesmo, eu estava-me preparando para a missa, veio alguém dizendo que um jovem foi assassinado por um tio. Com trinta e poucos anos, leva um tiro e cai morto diante de todos. Falta Espírito Santo, falta Pentecostes. Um tio que mata um sobrinho, como se a vida fosse vazia, como se pudéssemos brincar com ela, arrancá-la a qualquer momento, por qualquer pretexto.

Quando eu olho para esses dons do Espírito Santo, escritos nas faixas, eu me pergunto: onde está a piedade que acolhe as pessoas? Será que o Espírito Santo está dormindo em Vespasiano? Não há piedade, não há perdão, não há misericórdia, não há carinho para as pessoas se acolherem, em vez de se ferirem, de se matarem. Falta Pentecostes!

Quando eu olho para lá e leio fortaleza, penso em tanto católico fraco, tímido, que é incapaz de testemunhar sua fé. Quantos jovens que não resistem a uma tentação! Uma primeira *cantada* desbanca toda a sua segurança. À primeira solicitação, lá vão eles por caminhos e descaminhos. Falta fortaleza!

Quando olho para alguns velhos de cabelos brancos, penso que, ao invés de passarem para as novas gerações alguma coisa de vida, de esperança, estão aí, traduzindo a sua velhice no descrédito, na tristeza, no abandono, no vazio. Falta Pentecostes!

Quando olho para tantas inteligências que estão aqui, nesta igreja,

lembro que ninguém pergunta nada sobre sua fé, ninguém questiona. Não sabem que há um Deus que é Pai, que é Filho, que é Espírito Santo. Não sabem o que é Pentecostes. Falta Pentecostes porque não há entendimento, não há ciência.

Vejo tantos pais que não sabem conversar com seus filhos. Ficam calados diante daquela *maquinazinha* cheia de cores e de imagens, que se sucedem com rapidez e que chamamos de televisão. Não sabem dizer uma palavra para o seu filho adolescente. Não sabem dizer uma palavra de carinho.

Outro dia, eu conversava com um colega que está acompanhando um caso muito difícil de um adolescente. Ele passara toda a tarde conversando com esse jovem. De repente, chegam os pais e não abraçam, não beijam o seu filho. Cumprimentam-se com um simples oi, como se um oi bastasse para um filho que está precisando do calor de uma mãe, está precisando de um abraço. Todas as noites esse jovem tem pesadelos. Falta conselho, falta Espírito Santo para os pais.

A maioria dos descaminhos dos jovens começa na falta de um pai, de uma mãe, que poderiam estar presentes passando ternura, esperança, coragem. Os jovens estão totalmente perdidos neste mundo. Não sabem como encontrar o caminho. E os pais, ao invés de ajudá-los, dizem bobagens, perdem a paciência, não sabem comunicar uma palavra. Falta Pentecostes!

Quando falamos em Pentecostes, não estamos celebrando aquele fato de dois mil anos atrás, cuja narrativa acabamos de ouvir. Isso passou. É história de ontem. Pentecostes é hoje. É Espírito Santo acontecendo nesta comunidade. É olhar para o lado e encontrar uma pessoa que pensa diferente de mim, que é de outro partido e, apesar disso, eu encontro. É olhar para uma pessoa de raça diferente, de religião diferente, que torce por outro time de futebol e, apesar disso, ser capaz de comungar com ela, de caminhar com ela, ser capaz de construir uma sociedade nova, na paz. Isto é Pentecostes!

O oposto de Pentecostes é divisão, é ódio, é raiva. Pentecostes cria comunidade. Todos nós aqui somos diferentes. Viemos de famílias diferentes, raças diferentes e, apesar disso, comungamos o amor do Cristo como comunidade. Isso é Pentecostes!

Daqui a pouco vamos ter as disputas políticas. Que disputem, mas não se odeiem. Que divirjam, mas não se rejeitem. Pentecostes não é proibição

de divergências, nem da pluralidade. Cada um que estava lá, como diz a leitura dos Atos, viera de um país diferente: Ponto, Síria, Mesopotâmia – todos os países daquela época. Cada um trazia a sua cultura, a sua religião e, de repente, todos se entendem. Não que os apóstolos falassem a língua deles. Eles é que entendiam na sua própria língua, porque percebiam que eram capazes de comungar com aqueles homens, de testemunhar um Jesus, vivo e ressuscitado.

Essa certeza de que podemos comungar com os nossos irmãos é a experiência de Pentecostes. É saber que, para além de todas as nossas diversidades – de sexo, de raça, de cultura – existe alguma coisa mais profunda que nos une. A primeira coisa é que somos seres humanos. É a humanidade, a justiça, a bondade, a pureza, a grandeza, a coragem. São qualidades humanas, cívicas que nos unem. E, além disso, nós aqui temos o elo da fé, que nos une a todos. Devíamos sair hoje desta igreja felizes, com o coração saltando de alegria, na certeza absoluta de que seremos capazes de superar todas as contradições, todas as oposições, todos os ódios, todas as feridas sentimentais. Começando naquele pequeno santuário que é a nossa família, estendendo à escola, ao trabalho, encaminhando para a economia e para a política, atingiremos a sociedade e a humanidade toda. Amém. (01.06.96)

O SÍMBOLO TRADUZ O AMOR ***(Mt 9, 36-10,8)***

O Evangelho é muito bonito e há certos elementos um pouco mais simbólicos, que talvez não percebamos, à primeira vista. Por que doze apóstolos? Terá sido fortuito? Poderiam ser treze, quatorze, quinze. Jesus olhou para a história de seu povo, como se olhássemos para a história de nosso povo. Somos formados pelos índios, que moravam aqui milhares de anos antes da chegada dos portugueses. Somos formados pelos negros, que vieram da África; pelos lusos, que vieram de Portugal e uma quantidade de outros migrantes e imigrantes que vieram da Europa, do Japão. Esses povos seriam como tribos que construíram o Brasil. Os judeus foram construídos e constituídos por doze tribos, que vieram de vários lugares, se reuniram e ocuparam a Palestina daquela época, que já estava ocupada. Tiveram de lutar, expulsar os inimigos e constituir um país novo.

Jesus pensou: “Eu vou construir um povo novo, não velho”. O velho foi construído com doze tribos. Ele escolhe doze apóstolos, um por cada tribo. Cada um representa uma tribo, e os doze representam o povo de Israel, para mostrar continuidade. E são doze, para mostrar a novidade. Os apóstolos são a novidade, o doze, a continuidade. Esses doze apóstolos foram tão trabalhadores, que nós estamos aqui hoje. Animem-se! A Igreja começou com doze pessoas e hoje somos um bilhão no mundo. É um espanto! E eram doze pessoas simples. Muitos não sabiam nem ler e escrever. Eram pescadores. Apenas um deles era um pouquinho mais culto – Mateus, um cobrador, que fazia cálculos de matemática, uma espécie de contabilidade daquela época. Os outros eram bem mais simples. Provavelmente, Pedro ditou as Cartas, porque não devia saber escrever. Jesus também não aprendeu muito. E daí nasce toda essa fé, para mostrar-nos que podemos ser pequenos, fracos, mas ainda assim ter uma força gigantesca.

Vocês, jovens crismandos, são uma pequena minoria, comparando com todos os jovens de Vespasiano. São milhares os jovens de nossa cidade. E a maioria vai sempre seguindo a onda, a inércia da História. São como barcos, jogados na correnteza dos rios. Às vezes, vocês são chamados a remar contra a corrente e precisam ser mais lúcidos. Se deixarem o barco rodar, ele vai embora e descerá correnteza abaixo. Mas

se tomarem os remos na mão, poderão dar a direção que quiserem ao barco de vocês. No curso de crisma é passada para vocês essa consciência de que podem dar o destino que quiserem às suas vidas. A maioria da massa é comandada, teleguiada. Vocês pensam que pensam, mas não pensam. São pensados. Pensam que têm idéias, mas não têm. As idéias vêm de fora. Ser jovem é exatamente criar um mundo novo, diferente, próprio. Se não começarem a construir um mundo próprio, se não se libertarem do *xerox* dos outros, nunca serão personalidades, nunca serão gente de valor. Serão, simplesmente, amebas jogadas. Esses organismos pútridos da História. Vocês são chamados a criarem um mundo novo.

E quando falamos da festa dos namorados, reparem bem que dentro da palavra n**AMOR**ado existe uma palavrinha pequena: amor. Quando falamos de amor, colocamos o ser humano em seu nível mais alto. O amor não é lá de baixo. É o último andar de nossa história. Nós somos animais, somos sentidos, somos inteligência, que já é muita coisa. Amor é mais que inteligência. Temos dois grandes braços superiores: a verdade e o amor. A verdade fala para a inteligência. O amor fala para a liberdade e para a vontade. Enquanto livres, enquanto vontade, amamos. Enquanto inteligentes, buscamos a verdade. São as duas grandezas do ser humano. É o único ser que busca a verdade. Mesmo os pequenos adolescentes buscam a verdade. Vocês perguntam aos professores, aos pais. As perguntas que fazem é a busca da verdade. Os exames, para os quais se preparam, são para testar um pouco de conhecimento e de verdade. Só que essas são verdades menores. A geografia, a história são verdades menores. As verdades maiores são a filosofia, a estética, a teologia e a religião – os grandes andares da verdade. E acima da verdade está o grande edifício do amor.

Ser namorado é cultivar tudo isso. Quando querem se alimentar, vocês comem comida. Mas sabem de que se alimenta o amor? De símbolos. O amor não se alimenta de arroz e feijão, não se alimenta de bebidas, de drogas. O amor só se alimenta de símbolos. E porque os símbolos estão desaparecendo, está acabando o amor. Quando um casal, após vinte anos de casados, pensa que não precisa mostrar símbolos um para o outro, o amor acaba, como qualquer realidade humana. E o que é símbolo? Primeiro, tomemos aquela palavra grega, que é belíssima – *sym+balein* que, em grego, significa unir-se.

O símbolo nasceu de uma história. Imaginemos dois jovens que se viram uma única vez. Tomaram um bastão, quebraram-no e cada um ficou com uma metade. Separaram-se e, quando se encontram, não sabem se são os mesmos. Tomam os pedaços dos bastões. Se ligarem, são eles. Se não ligarem, não são eles. Símbolo é, então, unir duas realidades que parecem separadas. Por exemplo, uma rosa. A princípio, é uma planta. Mas quando sai do canteiro, vira sinal do carinho do jovem para com a sua namorada – vira símbolo. Uma pedra não significa nada. O geólogo analisa e vê uma rocha antiqüíssima. Alguém toma a pedra, lapida-a, prepara um anelzinho e vira símbolo. Não é o presente que vale, não é o ouro que vale, não é a pedra que vale, mas o símbolo. Por isso o presente pode ser paupérrimo, mas se é carregado de símbolo, é carregado de amor. Pode ser um presente caríssimo, se é para despachar, não vale nada. Só é símbolo aquilo que traduz o interior espiritual do mais profundo que temos e o torna visível.

Se vocês, jovens namorados, noivos, esposos, não querem perder o amor, não querem deixar abalar o amor, guardem essa lição. Criem símbolos: sorrisos, olhares, escritos, *florezinhas*, papezinhos. Tudo isso é lindo! Qualquer pedacinho de papel é cheio de símbolo. Não é o papel que vale. Ele rasga, não vale nada bioquimicamente, não vale nada economicamente, mas faz a menina derramar lágrimas, porque é carregado de símbolo. O amor se alimenta de símbolos. Amém. (12.06.99)

LIDANDO COM AS PERDAS **(Gl 3, 26-29/Lc 9, 18-24)**

Hoje as duas leituras – Paulo e o Evangelho – têm uma importância que só agora a Teologia está percebendo. Na época de Paulo havia três antinomias: judeu/grego, livre/escravo, homem/mulher. Grego é a contracultura, é o povo da sabedoria, era o povo que dominava. Inclusive tinham a língua hegemônica. Os romanos dominavam os exércitos, mas os gregos dominavam a cabeça. É o mundo da cultura, é o mundo de Atenas. Do outro lado há o mundo dos judeus: o povo da Revelação, do Livro Sagrado, enquanto o grego tinha Platão, Aristóteles, os grandes filósofos. Paulo diz: “Depois que Cristo veio, nada disso tem valor”. Não é importante ser americano, não é importante torcer por Camarões (*). Tudo isso é secundário. Cristo trouxe para nós a igualdade.

Outra antinomia mais forte ainda: livre/escravo. Agora não há mais escravos. Ninguém merece ser submetido a outrem e nem deve sê-lo. Ninguém também tem direito de submeter outra pessoa. Isso na época de Jesus. E a nossa tradição hegemônica foi escravagista, até a nossa Isabel (**), resolver dar liberdade aos negros. Paulo já dizia: “Não há escravos. Onde está o Espírito, aí está a liberdade”.

Homem/Mulher. Dizem que Paulo era machista. Em algumas passagens, sim, mas nessa não. Nessa ele intuiu o que o movimento feminista agora, com muita dificuldade, está descobrindo. Não há diferença entre homem e mulher em sua estrutura radical. Vejam como esse homem, no *comecinho* de nossa cultura ocidental, semita, grega, latina e depois germânica, brasileira, já intuía. Esse homem conseguiu colocar os germes do que chamaríamos depois “*Libertas quae sera tamen*”, que marca a bandeira de Minas Gerais, que é um Estado para o qual a liberdade é muito importante, onde tantos e tantos morreram por ela.

Paulo já dizia: “Onde está a liberdade, está o Espírito, onde está o Espírito está a liberdade”. Liberdade quer dizer que não há mais essa separação gigantesca. Até há pouco tempo vivíamos a dualidade Rússia e Estados Unidos – Leste/Oeste. Agora a dualidade é outra: Norte/Sul. Norte, rico/ sul, miserável. Norte, super desenvolvido/ sul, atrasado. São essas grandes antinomias, realidades de nossa história, que Paulo já anunciava. Estamos longe de viver a mensagem de Jesus!

Em geral, esse projeto é pregado como se o Cristianismo fosse uma coisa dura, crua. Não! Qualquer pessoa que venha de outra cultura, qualquer psicanalista de primeiro ano sabe que a coisa mais difícil e mais importante é saber lidar com a falta, com a perda. Quem não é capaz de lidar com a perda é doente. O criminoso mesmo, o perverso é aquele que é incapaz de lidar com a falta. Não pode faltar nada para ele. Se faltar, ele mata ou suicida. Não é capaz de perder, não é capaz de identificar limites. Já falei tantas vezes e volto a repetir: quando aqueles jovens, em Brasília, queimaram o índio Galdino, o psicanalista Jurandyr Costa escreveu um artigo dizendo que aqueles jovens não aprenderam a lidar com a falta. Era uma noite meio tediosa, estavam sem graça. Não souberam lidar com o sem graça e partiram para a aventura – vamos queimar o mendigo! Não souberam lidar com a falta de sentido. É isso que Jesus diz. No momento em que soubermos lidar com a perda, aí estaremos salvos. Lidar com a perda é perceber que somos limitados, que não somos infinitos, que há dias que estamos mal, que estamos sentindo falta. Não somos completos, não somos perfeitos. Somos quebrados, fragmentados. Assumir isso e construir uma identidade é o grande sinal de sanidade mental, psíquica e humana.

Jesus, que nunca tinha estudado Freud, nunca tinha lido Lacan, já dizia que quem é capaz de lidar com a perda é feliz, esse é capaz de viver! Porque temos perdas a todo o momento. Temos que saber lidar com a perda pela morte – perda de pai, perda de mãe, perda de filho, perda de irmão, perda de amigos, perda de mitos. Vocês repararam que quando morre um ídolo da música ou do esporte toda a nossa cultura entra em depressão? Lembrem vocês da morte de Ayrton Senna. Aquela comoção imensa, porque não sabemos lidar com a perda. Nós perdemos muito e podemos também perder a Copa (*) – não quero renunciar não. Mas temos que aprender a lidar com a perda. Parece que a perda para nós é das coisas mais difíceis. Não sabemos sequer lidar com notas baixas. E quem não sabe perder não sabe existir, não sabe viver. Não temos que ganhar sempre. Os pais que não ensinam seus filhos a lidarem com a perda preparam-lhes o desequilíbrio mental e até o suicídio. É isso que Jesus quer dizer. Não é apenas masoquismo não. É da nossa condição humana. Todos nós defrontamos com fracassos e temos que crescer neles e não abaixar a cabeça, alquebrados.

O Senhor quer nos salvar. Ele não quer falar de culpas, mas de vida.

Não quer nos deixar abatidos. Quer que sejamos livres, que levantemos a cabeça e enfrentemos perdas e derrotas, porque perdas e derrotas pertencem à nossa história. Amém (20/06/98)

(*) referência à Copa do Mundo de 1998, vencida pela França, na qual se destacava a seleção de Camarões

(**) referência à Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea

A OUTRA MARGEM ***(Mc 4, 35-41)***

Seria muito pouco para Marcos, esse evangelista tão inteligente, nos contar uma história. Ele fala em três níveis. Vamos ver se chegamos lá.

Olhem bem. Cada palavrinha desse Evangelho é como um xadrez. Jesus vai para a outra margem. Quantas vezes na vida, nós vamos para a outra margem? Da infância para a adolescência, da adolescência para a juventude, da juventude para a idade adulta, depois para a terceira, quarta, quinta, nona idade. Cada vez, vamos passando de margem. Aí vem a pergunta de Marcos: “Será que levamos Jesus junto?” É a sua primeira brincadeira. Todas as vezes que passamos de uma margem para outra – pode ser de uma cidade para outra, de um emprego para outro – mudamos toda a nossa vida. No Brasil, há muita mobilidade social. Muitas pessoas vão de cidade em cidade e alguns vão até para o exterior. Eu me lembro quando saí, pela primeira vez, do Brasil para estudar no estrangeiro. Era bem jovem. Tomei o navio para uma outra margem distante. Será que levamos o Senhor conosco?

Segunda brincadeira de Marcos. Ele brinca conosco. Quantas vezes, na nossa vida, acontece uma ventania tremenda? Há ventanias, há mares encapelados nos namoros, nos noivados. Vejo esses casaizinhos sussurrando entre si aqui na igreja, em vez de ouvirem a Palavra de Deus, e eles não percebem que o mar está encapelado. Quanta ventania, quantos mares dividem as pessoas! E Jesus, dormindo. Os apóstolos tiveram medo – terrível medo. Jesus dorme, isto é, desaparece do nosso horizonte. Marcos brinca conosco. Ele está lá, mas para os apóstolos, não está. Parece que se não estiver acordado, se não estiver bem visível aos nossos olhos, não acreditamos na sua presença. Ele está dormindo ao nosso lado. E aí só existe uma coisa: medo. Eles o acordam. E quando é que Ele acorda? Para muitos, é o acordar de uma queda forte, para outros é o acordar num acidente. Para muitos, Jesus acorda à custa de muita dor, de muito sofrimento. Para outros, Jesus acorda só depois da morte.

Marcos continua. Jesus acorda e estende os braços. Serena as ventanias, os mares. Se encontrarmos esse momento de fé, seremos capazes de ultrapassar vários momentos difíceis. Mas, se não tivermos isso, será difícil ultrapassar. Hoje eu falava para os noivos e comparava

a caminhada deles com o aproximar-se de um grande castelo. O castelo da vida matrimonial, da construção da família, aquele castelo atraente e sedutor. Comparava com aqueles castelos medievais que, quando entramos, existe uma ponte levadiça. Atravessando-a, ela se levanta e aí não se pode mais sair, porque a ponte está erguida. Quantas vezes não temos coragem de atravessar essa ponte?! Essa ponte significa que realmente quebramos com o passado para uma vida nova, corajosa, comprometida. Muitas pessoas são como mineiro: *nunca põem o pé em pinguela podre*. Ficam sempre *com um pé atrás*. Só construiremos história se colocarmos os dois pés para dar apoio ao corpo.

Que o Senhor acorde e serene os nossos mares e que saibamos que Ele, dormindo, não está dormindo, mas sempre acordado. Amém.
(21.06.97)

TODAS AS LEIS SE CALAM DIANTE DO AMOR ***(Lc 10, 25-37)***

Essa parábola do Senhor Jesus é muito mais revolucionária e profunda do que pode parecer à primeira vista. Jesus escolheu cada personagem e não fez uma parábola de qualquer maneira. Esses personagens foram escolhidos conforme o contexto cultural do judeu. Por isso, é profundamente chocante e, de certa maneira, inverte os valores e a mentalidade daquela época. Em primeiro lugar, temos que compreender a relação entre o judeu e o samaritano. Samaritano é como o francês no dia da Copa (*) e o judeu seria o brasileiro. Era o grande adversário. O samaritano era considerado uma espécie de herege, de alguém afastado, porque vinha de outra dinastia. Eles não tinham o culto a Javé no Templo, mas o cultuavam no monte Garizim. Era alguém que não seguia os ritos. Seria, para nós, como uma pessoa de outra seita, de outra religião. Pois bem, nós temos aí uma vítima.

O primeiro a passar por ela é o símbolo do sacrifício: um homem dedicado ao Templo, que era o sacerdote. Ele passa ao lado e afasta-se. Ele não faz isso por ser mau. Havia um rito que dizia que o sacerdote que tocasse o sangue de qualquer vítima não poderia mais ir ao altar sacrificar-se. Ficaria impuro e não poderia participar do sacrifício no Templo. Havia uma lei e o sacerdote a obedeceu, simplesmente.

O levita era o teólogo daquela época. Aquele que conhecia a Escritura, que passava o tempo estudando. Como poderia cuidar de uma vítima, se ele precisava estudar e, provavelmente, preparar a explicação da Palavra de Deus naquela celebração que eles tinham todos os sábados? Ele não tinha tempo e passou à margem.

O samaritano é o desempregado. Não tinha compromisso com nada. Ele passa e acolhe. Com isso, Jesus quer nos ensinar que a lei está abaixo do amor. Isso é revolucionário! O sacerdote cumpriu a lei e ela era sagrada. Mesmo a lei sagrada é inferior ao amor. Todas as leis da Igreja, as mais rígidas, as mais sagradas, se calam diante do amor. Que os juristas tremam, que os advogados levem um susto, mas para o cristão a única e suprema lei é o amor. Quando alguém está possuído pelo amor, para ele não existe lei, porque ele paira acima dela. Não que ele vá praticar libertinagem. É que o amor é tão profundo, tão penetrante, vai tão ao cerne

da realidade, que alguém, impulsionado pelo amor, cumpre muito mais do que todas as leis pedem.

A lei que proibia ao sacerdote não tocar no sangue, era para que ele pudesse se recolher, se preparar, purificar-se para o altar. E deveria fazê-lo normalmente. Mas quando essa lei entrou em conflito com a caridade, o sacerdote foi curto de cabeça. Demonstrou que não entendia nada. Jesus afirma que aquele que prescrevera aquela lei, o fez para que a seguissem no normal da nossa vida. Mas ela cessa no momento em que entra em confronto com a radicalidade do amor. A mesma coisa com o estudo. O estudo é a Escritura. Isso quer dizer que se nós estivéssemos lendo a Escritura e alguém batesse à porta, precisando de nós, deveríamos fechar o Livro e atender à pessoa. Isso é mais importante que ler a Bíblia.

Jesus revolucionou todo o mundo religioso daquela época. Essa parábola talvez seja a coisa mais profunda e revolucionária do mundo e que até hoje não aceitamos. Porque até hoje as leis que funcionam em nosso país não se preocupam com o outro, com a caridade. A caridade e o amor estão acima de qualquer lei. No momento em que alguém necessita, que está morrendo de fome, não há lei nenhuma; a única lei que existe é o amor. Santo Agostinho tem uma frase, muito profunda, que diz: *dilige, et quod vic fac* – ama e faz o que queres. Se amarmos mesmo, podemos fazer o que quisermos, que o amor vai prevalecer. Mas que tipo de amor? Aí está o problema.

Livros e livros foram escritos sobre o amor. Já citei aqui um livro de um escritor francês – André Comte-Sponville – que nem é cristão: “Pequeno tratado das grandes virtudes”. No seu último capítulo ele escreve sobre o amor, uma das coisas mais lindas que já li. Lá ele fala sobre os três níveis do amor – *eros, filia* e *agape*. *Eros* é o amor da falta. É o nível mais baixo do amor. É aquele amor que completa a nós mesmos. É um amor muito voltado para nós. Nós sentimos faltas e queremos encher os nossos buracos, as nossas faltas, os nossos vazios. A gente ama muito para se encher por dentro. Quando vamos torcer, ninguém gosta de torcer sozinho. Precisamos ficar juntos de frente à televisão, gritando. Para sentirmos juntos o vazio de perder um gol. Os jogadores brasileiros entram de mãos dadas no campo. Isso é a falta. Precisamos sentir a mão do outro. É amor, mas no grau mais baixo, no primeiro andar, o porão. E paramos aí. A maioria dos seres humanos pára no primeiro andar, não chega nem ao segundo.

Filia já é o amor na alegria do outro. Não é mais a falta, é a presença que me faz feliz. Quando encontro um amigo, eu não sinto falta dele. Eu me alegro por ele estar ali. Quando eu sinto falta, estou no primeiro andar, quando eu me alegro com uma presença, cheguei ao segundo. É a alegria, a vontade de estar junto. Jesus fala do terceiro andar. É o amor que sai fora. A falta vem de fora para dentro. A *filia* é o encontro. *Agape* é o amor que transborda. É o copo cheio que derrama.

Eu gosto dos povos antigos, pois eles sabem mais que nós. Santo Tomás diz que o amor é beatitude e, quando define a beatitude da felicidade, o faz muito bem. E diz uma frase linda: *bonnum est diffusivum suiipsi* – o bem é difusivo em si mesmo. O amor é difusivo, ele esparrama, faz com que a coisa decorra. Enquanto que a falta é o amor fusional, quer puxar o outro para si.

O samaritano não sentiu falta da vítima, nem tampouco se alegrou com ela. Ele, simplesmente, derramou sobre a vítima todo o seu cuidado, todo o seu amor. Isso é realmente muito difícil. O primeiro e segundo andar vemos todos os dias. Pais, filhos, namorados, esposos, amigos vivem se beijando, se abraçando. É tão fusional que ficam quase parecendo um só. O amor fusional é sempre falta e sempre acaba na primeira frustração. É como água salgada, que deixa sempre um pouco mais de sede. O encontro, a *filia*, já satisfaz um pouco mais.

Mas se atingirmos *agape*, podemos fazer o que quisermos, porque aí saberemos amar e só veremos beleza, bondade. Amém. (11/07/98)

(*) referência à Copa do Mundo realizada e vencida pela França

A ACOLHIDA PELO SABER OUVIR (Gn 18, 1-10a/Lc 10, 38-42)

A primeira leitura e o Evangelho refletem muito bem a mentalidade semita. Para a sociedade semita era fundamental receber um hóspede em casa. Era a maior alegria, a maior festa. Vejam esse fato ocorrido com Abraão, que nem casa tinha, mas apenas uma tenda. De repente, três pessoas se aproximam. Sua preocupação é correr ao encontro dos três e oferecer tudo o que tem. Ele não sabia que esses três, mais tarde, à luz do Novo Testamento, seriam interpretados como sendo a Santíssima Trindade. Uma espécie de símbolo, imagem, sinal da Trindade. É uma presença divina, na forma de três pessoas, de tal maneira que deixam o recado do mistério. Aquela mulher estéril, velha, vai dar à luz. Só Deus é fonte de vida. Precisamos descobrir que, ao acolher alguém em nossa vida, ao receber alguém em nossa casa, acolhemos a vida, acolhemos o Mistério Trinitário, acolhemos a presença do próprio Deus – isso já no Antigo Testamento.

Mais bonito ainda é a cena do Evangelho. Tem vários lados. É um Evangelho muito estudado, muito interpretado, simbólico. Marta e Maria eram irmãs de Lázaro, esses três tão amigos de Jesus. Era a casa onde Jesus viveu mais tempo. Era bem acolhido, se sentia bem. Ia com o coração alegre, como quem vai para a casa de uma pessoa amiga. Podemos imaginá-lo aproximando-se, com o coração ardendo de ternura, porque sabia que seria bem acolhido.

Marta é o símbolo da tradição patrística, da vida religiosa ativa. Maria representa a vida religiosa contemplativa. Marta, símbolo do leigo que trabalha na Igreja. Maria, símbolo de todas as pessoas que rezam, estão enfermas, não podem trabalhar. Mas eu acho que, mais profundo ainda é o simbolismo de que Marta e Maria somos nós. Cada um de nós é Marta e Maria. São dimensões de nossa existência. Todos somos Marta, porque todos somos pessoas disponíveis. Queremos fazer, queremos trabalhar. Também as contemplativas pensam no mundo, rezam, trabalham, produzem. Estão inseridas na sociedade, a seu modo. São Marta também.

Somos Marta quando acolhemos. É a coisa mais difícil no mundo de hoje. Somos muito surdos aos nossos irmãos. Tem muita gente querendo falar, mas ninguém ouve. Tem muita gente querendo abrir o coração.

Sabem o que eles fazem? Pagam psicólogos. Pagam caro para serem ouvidos. Quando ouvimos de graça, quando ouvimos com carinho e amor, tem muito mais força do que qualquer psicologia. Há pais que não ouvem os filhos, filhos que não ouvem os pais, namorados que não sabem falar. O único gesto que conhecem é o gesto corporal. Faltam palavras. Parece que o nosso vocabulário diminuiu, as pessoas não têm palavras. Só fazem ruídos, mais próximas do animal que do ser humano. Nós criamos a palavra – essa grande descoberta humana! Repararam que os animais não falam?! Só nas histórias que eu conto para as crianças na missa de domingo. O papagaio repete sons sem saber o que representam. Nós criamos símbolos para exprimir o que há de mais profundo em nós.

Muitas vezes ficamos parados, calados, casmurros, fechados, sem palavras. Hoje, o Evangelho mostra um Jesus que fala e uma Maria que ouve. Uma Maria que ouve e uma Marta que fala. Isso é gente que sabe se comunicar. Esse é o nosso lado Marta. Também somos chamados a saber ouvir. Ouvir os outros, ouvir as palavras, ouvir um olhar, ouvir suspiros, ouvir a dor. O poeta não diz que ouve estrelas? Nós temos que ouvir as estrelas dos corações das pessoas. Ouvir tudo o que elas querem dizer. Como precisamos ter ouvidos hoje! Sentimos uma falta enorme. Quantas vezes, na minha vida de sacerdote, recebo pessoas que falam horas seguidas?! Às vezes não digo uma palavra sequer, e elas agradecem a conversa. Ela não precisava que eu falasse, queria que eu ouvisse. Bastava o meu olhar estar aberto para dizer que eu estava ali para ouvi-la. Ela volta renovada, porque precisava dizer alguma coisa. Precisava de alguém realmente presente.

Conheci uma pessoa que tinha contato com um grande filósofo francês – Teilhard de Chardin – e ela me disse que a coisa mais fascinante naquele homem, de uma inteligência extraordinária, era que, quando ele conversava, tínhamos a impressão de que éramos os únicos para ele. Ficava inteiro nos ouvindo, como se nada mais existisse.

Sejamos assim para cada pessoa que se aproximar de nós. Fechemos todas as janelas e nos abramos só para ela, para que sinta que, naquele momento, nós somos todo dela, todo para ela. Aí seremos como Marta e Maria ouvindo Jesus. Amém. (18.07.98)

A SEMENTE DE TRIGO QUE GUARDA A NOSSA ESPERANÇA (Mt 13, 24-43)

As parábolas do Senhor são comparações. Há um provérbio muito simples que diz que “a comparação é uma mesa de três pés: se apertar muito, ela cai”. Não podemos exigir da comparação que ela dê conta da explicação. Ela é sempre imperfeita. Muitas vezes, quando a entendemos ao pé da letra, parece que Jesus fala que há pessoas que são joio e outras que são trigo. Que no dia do juízo, Ele irá separar os bons dos maus. Os bons – o trigo – serão guardados no celeiro, que é a eternidade. E os maus – o joio – serão queimados no inferno. Essa é a leitura normal que se faz. Mas eu acho que o Senhor quer dizer-nos coisas mais profundas e que, portanto, sirvam para nós aqui e agora. Não precisamos esperar o último dia, porque, do contrário, estaremos esperando até o juízo final, para vermos se a parábola se realizará ou não.

O que é joio e o que é trigo? Naturalmente, na linguagem da experiência agrícola de Israel, joio seria a nossa pequenez que, a qualquer tentação, cai. Quem trabalha no campo sabe que, muitas vezes, a plantação pode estar muito boa, mas o mato pode vir e acabar liquidando com ela. O trigo é a planta que foi cuidada. Temos que olhar para cada um de nós. Somos, simultaneamente, trigo e joio, essa é a realidade. Houve um momento em que o Senhor plantou em nós um trigo maravilhoso. Foi ali, naquela pia batismal. Naquele momento em que recebemos no batismo o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em nosso coração só havia trigo, e do melhor, porque foi o próprio Criador que o colocou lá, com a presença de seu Espírito. Mas a criança vai crescer, e vai crescer no meio de tanto joio que existe na história: na família, na escola, nos colegas, nos amigos, no trabalho, no lazer, em todas as televisões, nos rádios. É o joio que vai penetrando, infiltrando dentro do trigo, plantado pelo próprio Senhor.

Aí começa o nosso trabalho pedagógico, catequético, educativo. O que vamos fazer para que o trigo germine mais, cresça melhor e evite que o joio abafe o bem que foi plantado? Nos primeiros anos é quando o joio mais aparece, e sem culpa da criança. Ele entra pela nossa inércia, pela nossa incapacidade. Ainda outro dia conversava com uma jovem psicanalista, muito lúcida, que está trabalhando na Pastoral da Criança. Ela está tentando passar às mães que têm filhos pequenos, que o fundamental

é que elas acolham a criança com o olhar de ternura. Ela ainda disse uma coisa, com a qual me espantei: que algumas mães, nos primeiros meses, não têm coragem de olhar a criança, que acaba mergulhando num terrível abandono e aí se planta o primeiro joio, que dificilmente será arrancado. A criança já nasce fazendo a experiência do abandono. Ela, que estava tão bem no seio materno – aquele lugarzinho escuro, envolvido em água, quentinho. Toda ela vivendo da mãe, da comida da mãe, sem risco nenhum. Só, de vez em quando, um exame atrapalhava o seu sossego. Ela estava toda protegida e, de repente, é jogada para fora e se sente absolutamente abandonada e desprotegida. Não podemos imaginar o choque para uma criança que acaba de nascer. Ela só se reencontra nos braços, no seio, no olhar da mãe que acolhe.

Mães, a responsabilidade que vocês têm para com as crianças nos primeiros meses, nos primeiros anos, é imensa! O olhar da mãe é o mais importante, mas também existe o olhar do pai. Ele também olha. E como os homens têm medo de olhar com ternura! Que grande equívoco! Que erro estupendo de antropologia, de psicologia, pensar que ser homem é ser durão, é ser machão, é ser estúpido! Cocheira não é lugar de homem, é lugar de cavalo. O homem também é capaz de olhar com carinho e ternura para o seu filho, para estruturar essa criança. E aí começa a germinar aquele trigo que Deus colocou antes mesmo do batismo, porque Ele foi o Criador. Desde o momento de sua concepção, a criança já tem Deus trabalhando, tecendo no seio materno, os fios que vão constituir a sua vida. Mas, sobretudo, no momento do batismo, a presença de Deus é muito maior.

Se os pais não ajudam, e a criança vai para a escola, começa a responsabilidade dos professores. Eles serão aqueles que colocarão na criança o joio ou farão o trigo crescer. Os professores talvez não saibam medir a importância que têm na história da criança. Medimos as pessoas pelos seus salários. Um executivo de uma transnacional, o qual só faz jogadas econômicas horrorosas, ganha uma fortuna, enquanto um professor do ensino fundamental no Brasil tem um salário miserável. Mas é na mão desse professor que está um bem muito mais valioso que o de muitos executivos. Ele está construindo um ser humano, enquanto outros estão construindo rios de dinheiro, ou talvez corrompendo ainda mais, como estamos vendo no atual cenário político.

Professores, não quero de forma nenhuma justificar o salário baixo de vocês, mas quero dizer que a vocação do professor, sobretudo do curso primário, maternal, é de uma importância única. E este país tem tanto criminoso, tanto assalto, tanta violência crescendo, porque nos primeiros anos a criança não é cercada de carinho. Porque nos primeiros anos a criança não tem aquela presença acolhedora. Falta aconchego. Aí são jogadas na rua. O que podemos esperar de uma criança que vive rodando nas ruas a qualquer hora? Podemos esperar que elas se tornem um São Tomás de Aquino, um São Luis Gonzaga? Naturalmente, é muito mais provável que sejam criminosos.

Temos que começar a acordar, porque não é possível que essa violência continue crescendo. Agora, nas menores cidades do interior, já há assaltos em ônibus. Quase não há pessoas que não tenham passado por experiências de violência. Depende muito desse joio e desse trigo que é cultivado nos primeiros anos. É um longo processo, que tem que começar logo. Quanto mais tarde começar, mais tarde também veremos os efeitos. É preciso que a criança cresça bem, para ser um cidadão digno da nossa sociedade. A humanidade é convivência, é convívio. E hoje é difícil crer no ser humano, tal é o descrédito que temos, vendo tanta maldade, tanta corrupção. Toca-nos ser os últimos a descreer no ser humano. Devemos confiar que, mesmo quando o joio crescer gigantescamente, alguma sementinha de trigo ainda existirá. É nela que apostamos. Amém. (17.07.05)

SÓ DESCOBRIMOS O QUE JÁ TEMOS **(1Rs 3, 5.7-12/Mt. 13, 44-46)**

A primeira leitura é muito bonita e eu não queria deixá-la passar sem uma palavrinha.

Vocês têm que imaginar o que significou para Salomão vir depois de Davi. Davi foi aquele grande rei que Deus havia escolhido. Foi praticamente quem constituiu o povo de Israel e lhe deu uma certa solidez como povo. De repente, vem um adolescente, chamado Salomão, para substituí-lo. Pesava-lhe uma enorme responsabilidade. Quando ele olha para aquele imenso povo – era grande embora, comparado com o Brasil, não fosse nada – e tem um sonho. Sonho não é só o sonho da noite, mas os desejos profundos. Sonhos, nós temos acordados ou dormindo porque o desejo nos move sempre. Os psicanalistas gostam muito de trabalhar essa categoria. Somos mexidos por dentro pelos desejos.

O que pode imaginar um jovem que, de repente, se sente com tanto poder, ao ser sagrado rei de Israel, cujo nome vai se perpetuar ao longo dos milênios? Até hoje falamos nele. Ele tem um sonho de encontrar Deus, esbarrar com a sua grandeza. E ele fala a Deus. Não pede poder para destruir os outros, como tantos que estão agora no comando e querem fazer guerras, preparam armas, pagam fortunas aos pesquisadores de armas mortíferas. Salomão não quer destruir. Também não pensa em aproveitar o pouco tempo para enriquecer-se. Quantos fazem isso?! Sabendo que têm pouco tempo no poder, tentam ganhar o máximo de *mensalões*. Salomão não pensa nisso. Ele não pensa em glória. Só quer uma coisa: ser compreensivo com o povo. Quer receber a graça mais importante para um homem que dirige, que governa, para um pai, uma mãe, um professor, e que nós chamamos de discernimento. Ser capaz de separar, de perceber onde está o trigo, onde está o joio, onde está o bom, onde está o mau.

Nenhuma realidade humana é pura. Nenhuma também é só perversa. Os dois elementos estão sempre misturados, mas não na mesma medida. Varia muito. Ele pede esse dom do discernimento, da sabedoria – *sofia*. Sabedoria, saber, sabor, todas têm a mesma raiz. Aquele sabor da realidade, aquele tato, aquele gosto, aquele paladar que descobre e sabe perceber onde está o melhor, onde está o pior. E ele vai tentar. Depois vai se desviar, vai se perder em meio a todas aquelas mulheres que virão do estrangeiro e

lhe trarão outros deuses. Mas, enquanto esteve fiel a Javé, ele foi sábio. A sabedoria salomônica foi famosa. Que cada um de nós se coloque no seu lugar, no seu trabalho e procure esse senso de distinguir as coisas. Todos somos jogados nessa realidade ambígua. Todos, sem exceção. E é lá que temos que nos mover.

A palavra de Jesus vem completar Salomão. Jesus diz que havia um terreno com um tesouro. A primeira coisa que temos que fazer é descobrir, achar o tesouro. Parece óbvio, mas não é. E se formos mais profundos ainda, só descobrimos aquilo que já temos. Guardem essa frase, que é de Agostinho. Se vocês descobrem uma gotícula de amor, vocês têm amor dentro de si. Se descobrem um pouquinho de pureza, é porque são puros. Se descobrem um toque de justiça, é porque têm justiça dentro de si. Os ímpuros, os maus, passam ao lado do bem, ao lado dos tesouros, e não vêem. Os tesouros estão aí. Falta-nos olhar, porque falta dentro de nós aquilo que São Tomás chama de co-naturalidade. Falta-nos ser conaturais, ser *sym+pathein*, isto é, ter uma simpatia. Quando dizemos simpatia, em português, atribuímos uma coisa muito superficial. Alguém é simpático porque ri, toma *Prozac*(*), faz uma maquiagem bonita. Então é simpático. Mas não é este o sentido etimológico. Por isso eu gosto de etimologia. Ela diz que simpatia é *sym+pathein* – participar da vida interior do outro, entrar dentro. Não é por fora não. Só há simpatia por dentro. Eu preciso ter simpatia com a justiça, com a beleza, com a paz, com a pureza, com a bondade. Eu só posso ter essa simpatia se entrar dentro, captar essa realidade. Aquele que passa no terreno onde está o tesouro deve ter uma espécie de olhar geológico, que atravessa as camadas. Vai fundo e descobre. Isso que hoje os geólogos fazem com seus aparelhos, nós fazemos com a nossa afetividade, com a nossa simpatia: ir aprofundando e descobrindo.

Agora vem o segundo passo. Depois que descobrirmos, o que faremos? Jesus fala em ir e vender tudo. O que significa ir e vender tudo? Se dispor para encontrar e arrancar este tesouro. Para isso precisamos nos despojar. Se estivermos fechados, presos em nós mesmos, ainda que passemos e percebamos um bem, não seremos capazes de captá-lo, porque estaremos fechados. Precisamos nos abrir para que o bem penetre dentro de nós. É isso que é ir e vender todas as coisas. Não é nada de material que temos que vender. Vender é limpar-se, purificar-se, abrir-se, acolher, ter o coração aberto para receber a realidade e a justiça que vem de Deus.

Jesus continua dizendo que é preciso comprar. Estamos acostumados por demais a comprar a toda hora, nos supermercados, nos *shoppings*. Mas não é isso, não é essa compra de comerciante. Comprar é tornar própria uma outra realidade. Eu trago para dentro de mim uma realidade que era de outro. A coisa pertencia à loja e agora é minha. Não importa se é comprar com dinheiro, nem se é uma simples troca. É trazer novas relações, novas compreensões, novas visões de mundo, novas percepções, que se tornarão minhas.

Aí Jesus poderá dizer: “o Reino de Deus é isso”. Se quisermos entrar no Reino de Deus, ser este Reino, precisamos trabalhar todas essas fases da descoberta. Mas a mais importante é já ter plantado dentro de si estes pequenos sinais de bondade, que irão captar os outros sinais. Essa sensibilidade, essa possibilidade, essa simpatia com o bem, com a justiça, com a beleza, com o amor. Amém. (24.07.05)

(*) antidepressivo fluoxetina

A GRANDE REDE QUE PROCURA BONDADE

(Mt 13, 44-52)

As palavras de Jesus têm duas faces. Elas revelam quem é Deus para nós e quem somos nós para Ele. Nas últimas parábolas eu interpretei mais quem somos nós para Deus. Mas nessas vamos tentar encontrar um retrato do próprio Deus. Será possível isso?

Quando Jesus diz que o Reino de Deus é semelhante Ele está dizendo que Deus atua dessa maneira. Podemos interpretar que o Reino de Deus é a sua maneira de agir, de atuar na história. Portanto, uma maneira de Jesus nos revelar um pouco o mistério escondido na ação de Deus. Olhando os acontecimentos, olhando nossa vida, com os nossos olhos normais, não o vemos, a não ser que alguém queira vê-lo naquelas vidraças que apareceram em São Paulo, como se fosse possível ver Nossa Senhora em vidraças (*). Mas Deus não age assim. Deus não age demonstrando ser, na sua visibilidade, como Ele é e nem pode fazê-lo, porque é infinito. Nossos olhos são pequenos. Não somos capazes de captar o infinito. Deus só pode revelar-se *escondidamente*. É a maneira de Ele se mostrar. Ele se mostra *escondidamente* como um tesouro ou uma pérola escondidos.

Quando dizemos tesouro ou uma pedra de grande valor, o que queremos dizer? Os tesouros estão sempre escondidos para que os ladrões não os roubem, para que a traça não os estrague. A maneira de Deus trabalhar na história é no *escondimento*, sem alarde, sem grito. Por isso, precisamos ter um olhar bem perspicaz para discernir a sua maneira de atuar. Jesus diz tesouro, e o que faz um tesouro? Um tesouro atrai. Se dissessem agora para vocês que em tal lugar há um tesouro escondido, imaginem a quantidade de enxadas que iriam aparecer, todas cavando para ver se o encontravam.

Por que não cavamos o nosso coração para encontrar lá, Deus presente? Por que a esposa não cava o coração do esposo para encontrar Deus lá dentro? Por que os pais não cavam o coração de seu filho adolescente para encontrar Deus lá dentro? Porque é lá que Ele está, escondido no coração de cada um de nós. Naqueles traços de bondade, de compaixão, de ternura, de compreensão que temos. Toda vez que aflora em nosso interior um *traçozinho* mínimo de bondade, um sorriso de perdão é o tesouro que mostra um pouquinho a sua face. Podemos cavar mais ainda

e vamos encontrar mais tesouros. Estamos muito mais habituados a ver os defeitos, as falhas, os limites, os pecados, que são muitos e devem ser punidos com tridentes, com fogo. Sempre imaginamos essa face de um Deus que pune e castiga.

Jesus nos fala hoje que Ele é como a pérola que os mergulhadores, aqueles que gostam de vasculhar os oceanos, encontram lá embaixo. Uma pérola que precisou de anos, séculos para se formar, gotícula por gotícula. Aquela maravilha se forma nas profundidades dos mares. É na profundidade dos mares de nossos corações que se formam as pérolas e não sabemos ver. Essa é a tristeza. Quanta pérola escondida nas profundezas do coração de vocês! Quantas belezas, quantos momentos, quantos sonhos, quantos desejos, quantas utopias, quantas buscas! Agostinho, quando estava totalmente desvairado na sua vida de jovem perdido, mesmo lá, ele dizia: “Inquieto está o meu coração!” Essa inquietude do coração é a presença da pérola em nós. Muitas vezes a dor, a tristeza, a mágoa que a gente pensa que é algo negativo, é um sinal de que Deus está acordando nossa consciência que dormia *eternamente em berço esplêndido*. Muitas vezes deixamos as nossas partes boas, nossas partes melhores adormecidas, e de vez em quando o Senhor as acorda. São as pérolas que aparecem. Esses são os tesouros que descobrimos.

E o que é essa rede? Por que Deus está continuamente jogando essa rede? Para Ele pescar, catar aqueles *peixezinhos* de bondade que temos dentro de nós para fazer esse imenso banquete. Ele mesmo quis ser e chamar-se peixe. Os cristãos quando queriam desenhar Jesus, desenhavam um peixe, porque, em grego, peixe é Cristo. As letras gregas de peixe formam Jesus Salvador Filho de Deus. O próprio nome de peixe já revela o nome de Jesus. E como os cristãos viam o peixe como símbolo de Cristo, também podemos ver os peixes destas redes. O pescador quando pega esse peixe fica feliz, aumenta e aumenta, e o peixe fica maior ainda. Nós devemos ser como os pescadores e fazermos crescer, até exagerar, os peixes de bondade dos outros. Esses exageros são felizes exageros. Quanto mais os nossos olhos virem bondade nos outros, melhores seremos. A bondade dos outros torna-nos bons e a nossa bondade torna os outros bons. Amém. (27.07.02)

(*) referência a notícias que circulavam na mídia sobre supostas imagens de Maria, em vidraças de janela.

EUCARISTIA É PARTICIPAR DA INTIMIDADE DE DEUS (1Rs 19, 4-8/Jo 6, 41-51)

É bonito que, na festa dos pais, tenhamos essas duas leituras, pois hoje nós temos dois tipos de pais. Há pais que, como Elias, estão deprimidos e preferem dormir. Dormir simboliza aqueles que se desligam de seus filhos. São os tristes pais do abandono. Infelizmente, há muitos. São pais, geraram. Talvez num momento de paixão, num momento de irresponsabilidade e permanecem irresponsáveis ao longo de toda uma vida. Tocam a ignorância, a irresponsabilidade, a tristeza, o vazio de si mesmos e de seus filhos. Mas há uma solução para eles. “Acordem!”, diz a voz do anjo. E acordar para quê? O anjo é um simbolismo bonito. Ele diz: “Olhe o que tem aí: um pedaço de pão grelhado!” Elias come do pão e bebe da água. Na primeira vez não deu certo e ele dorme novamente. Às vezes não basta uma vez para acordar o pai e ele volta a dormir. Mas o anjo não se cansa. Anjos são os filhos que acordam os pais. E o anjo diz novamente: “Acorda!” E o pai acorda de novo. “Come!”. O pai olha e vê aquele pão grelhado. Come do pão, bebe da água. Vem agora a coisa mais linda: “anda quarenta dias e quarenta noites”. Isso, em hebraico, significa a vida toda. A criança salvou o pai. O filho salvou o pai e agora ele vai andar. Mas para onde? Reparem nos simbolismos. Para o monte Horeb, que é o mesmo monte Sinai. Onde Deus apareceu para Moisés, onde Ele pregou a Lei, onde apareceu nos relâmpagos, nos trovões gigantescos. Esse pai encontra-se com a Lei. Mas isso é ainda no Antigo Testamento.

Vem Jesus e vai mais à frente. Pai, você comeu aquele pão que ainda produz a morte. É o pão do Antigo Testamento, é o maná que os pais comeram e morreram. Mas existe um pão que dá a vida eterna. Aí o pai pergunta: qual o pão que dá a vida eterna? É o próprio Cristo. Mas como eu posso participar do Cristo? – essa é a grande pergunta. É uma coisa abstrata, uma coisa geral, como posso dizer que participo, que como da carne do Cristo? Eu não sou antropófago para comer da carne de alguém. Comer da carne de alguém, para o judeu, é participar intimamente da vida da outra pessoa.

Eles imaginam que quando somos convidados para comer numa casa, para comer da mesma comida, beber do mesmo vinho, entramos na intimidade da família. Isso é que é comer e beber: entrar na intimidade,

dentro do recesso da família. O judeu não convida qualquer um. Só convida os que ele quer que participe de sua intimidade. Jesus diz que todos nós podemos participar da sua intimidade. Ele não colocou nenhuma barreira, nenhum impedimento. Toca a nós querer participar da intimidade de Jesus.

O que significa participar da intimidade de Jesus? Será uma coisa abstrata, sentimental, emocional? Não tem nada de emocional. É muito prático, muito concreto, muito exigente. Ele é aquele que nos disse a verdade mais óbvia: nós só encontramos Deus se nos comprometemos com as realidades deste mundo, para fazê-las melhores. Não é saindo das realidades, não é saindo deste mundo, não é saindo dos amores da Terra que encontraremos o amor de Deus. É nos amores da Terra, bem vividos, bem percebidos, profundamente captados, que encontramos o amor de Deus. Essa é a grande revelação.

Todas as outras religiões tentaram encontrar Deus saindo, fugindo, caminhando, subindo grandes montanhas, até mesmo como Moisés. Ele foi lá para o alto monte para encontrar Javé. Jesus nos lembra que não é necessário ter *bom coração* e chegar até Cusco ou La Paz (*), para conseguir encontrar Deus. Podemos encontrá-lo na planície. Na planície dos homens, na planície da história, na planície dos sofrimentos, nas ruas, nos becos, nas praças, nas encruzilhadas, onde os mendigos estão pedindo, os bêbados trocando as pernas. Ali está o Senhor, escondido no maltrapilho, no sujo, com a barba mal feita. Nós o encontramos por todos os lugares

Essa é a beleza do Cristianismo. Não precisamos fugir para encontrar Deus. Precisamos entrar. Não precisamos cavar, precisamos nos imergir na realidade mais profunda. Os pais só encontrarão Deus nos seus filhos, amando-os, educando-os, passando-lhes ternura e afeto. Aí está Deus. Como uma mãe vai precisar de outro Deus, além desse que ela carrega em seus braços? Vejam essas crianças, presenças lindas da Trindade! Como é que pensamos que precisamos ficar longe de Deus, se Ele está dentro do coração de cada criança? Quando um pai leva essas crianças para dentro de si mesmo, ele está comendo e bebendo o pão do Cristo. Amém. (09/08/03)

(*) referências a cidades do Peru e Bolívia que, devido à altitude, exigem corações fisicamente saudáveis.

MARIA TRAZ PARA A HISTÓRIA SEMENTES DE ETERNIDADE

(1 Cor 15, 20-27/Lc 1, 39-56)

Na história humana e também na história sagrada, na história da salvação, podemos considerar a pessoa de Maria, naqueles privilégios individuais, pessoais que ela teve. No caso da história do Brasil, poderíamos perguntar sobre o Duque de Caxias. Terá ele sido um bom pai, brincava com seu filho ou nem seria pai? Podemos nos deleitar na vida íntima, própria, pessoal desses personagens. Mas, em geral, não fazemos isso.

É verdade que os católicos se envolveram muito nesse lado mais pessoal e individual dos privilégios de Maria, mas a Escritura não pensa dessa maneira. Ela se pergunta sobre a função, o papel que essa pessoa desenvolveu na história da salvação. Não nos interessa saber se um Duque de Caxias tinha carinho por um filho pequeno. Queremos saber o que ele fez na guerra do Paraguai, nas demais revoluções, se teria sido ou não violento. É o nosso olhar histórico.

Uma das novidades que o Vaticano II (*) trouxe, em decorrência do diálogo com os evangélicos, foi deslocar a devoção a Nossa Senhora desse nível puramente pessoal, piedoso e bonito, que também devemos ter, para uma coisa mais ampla, mais profunda, mais importante, de onde vem toda a sua grandeza, que é a sua função histórica. Hoje a função histórica de Maria é belíssima.

Se pensarmos apenas em privilégio, vamos dizer que ela, sozinha, foi levada ao céu pelos anjos, enquanto todos ficaram olhando sorridentes, bonitinhos, felizes. Mas isso nada toca a nossa vida. Ela estaria no céu e nós, aqui na Terra. Mas se começamos a perguntar o que significa assunção de Nossa Senhora, vamos ver Maria imersa na história. É muito mais profundo. Ela carrega no seu corpo, como cada um de nós carrega em seu corpo, aquele germe de eternidade. Todos nós, sem exceção. Espero que todos vocês tenham muitos germes, muitas sementes de eternidade. Muitas sementes de luz, pelas Eucaristias, pelas práticas, pela catequese, pelo cuidado de ser pai ou mãe, pelo cuidado com o namorado ou namorada, por todo esse carinho. Isso são as belezas históricas que construímos. Tudo isso vai nos transformando em seres luminosos. Quando chegar

o momento da nossa morte, romperemos a maior escuridão – como diz São Paulo: a última a ser vencida – e entraremos na plenitude. Isso é assunção!

É Maria que viveu uma dedicação imensa a Jesus. É Maria que viu que era importante que ela ajudasse e preparasse as pessoas para Cristo. É Maria que, depois da morte de Jesus, quando a Igreja se encontrava perdida e desvairada, traz a necessária esperança, ao dizer: “Não desanimem! Não pensem que os romanos vão acabar conosco, não pensem que os judeus vão nos destruir. Somos fortes, somos unidos!” Isso é história que vai explodir na assunção. Não é um *privilegiozinho* subjetivo, mas a sua beleza histórica, que qualquer protestante entende e aceita porque eles sabem a importância do seu papel na comunidade primitiva. Foi rezando com ela que os apóstolos receberam o Espírito Santo e, acompanhados por ela, se dispersaram. Foi na cruz que ela recolheu os sofrimentos de Cristo e contou para os discípulos a maravilha de participar da morte de seu Filho, na dor silenciosa daquela mulher impotente diante de seu filho. Com toda aquela dor, ela mergulha na história e, quando ressuscita, toda a dor se transforma em esplendor, em beleza.

Portanto, não é ir para um lugar, subir ou descer, não é anjo que carrega. É muito mais. É a história que se enche de graça e beleza. Maria é a única pessoa humana como nós, que teve o mesmo corpo que nós. Jesus foi muito humano, mas Maria foi só criatura. E, sendo assim, ela pode acumular, acolher todas as graças da história e, portanto, dar esse salto qualitativo para a luz imarcescível da plenitude. Amém. (20.08.05)

(*) referência ao Concílio Vaticano II, cujo 40º. aniversário de encerramento se comemorava naquele ano.

BUSCANDO FORÇA INTERIOR

(Js 24, 1-2.15-18/Jo 6, 60-69)

Josué recorda ao povo: “Vós éreis escravos no Egito!” Portanto, uma experiência de escravidão, de quem estava atado, amarrado. De repente, por uma profunda força interior, conduzidos por Moisés, esse povo sai da escravidão. É uma experiência de libertação. Quantas vezes nos sentimos atados, amarrados, até fisicamente. Não precisamos ir ao Egito não. Podemos ficar no *egito* de nossa casa, da nossa escola, de nosso trabalho. De repente, surge dentro de nós, uma força, uma energia e começamos a caminhar. São situações difíceis que acontecem na nossa vida e que nos levam a assumir algumas atitudes um pouco mais corajosas.

Conheci um casal que levava uma vida um pouco burguesa. Trabalhavam na Embaixada do Brasil, em Roma. Ele era cônsul e levavam uma vida de festa e recepções. Parecia um casal normal, que não tinha nenhuma energia especial. Acontece de serem transferidos para o Uruguai e esse cônsul brasileiro foi seqüestrado pelos Tupamaros, um grupo clandestino uruguaio que combatia o governo militar naquela época. Para pressionar o governo, seqüestraram o cônsul. Diante dessa situação, vocês não podem imaginar a mudança dessa jovem esposa! Era uma moça frágil, sensível, delicada. Pois bem, quando viu o seu esposo seqüestrado, muitas vezes ela se camuflava e ia conversar com os guerrilheiros. Atravessou várias vezes a fronteira, clandestinamente. Conseguiu arranjar todo o dinheiro para o resgate de seu marido. Lutando e se esforçando com uma coragem gigantesca, enfrentando a morte, nos bairros mais perigosos de Montevidéu. Parecia uma leoa. Quem diria que aquela mulher tão frágil, tão afetiva, tão simples, tão burguesa, de repente, diante de uma situação limite, acorda e encontra uma energia profunda?!

É isso que Josué pergunta ao povo. Muitas vezes, estamos parados, tranquilos. De repente, acontece uma situação difícil, um desemprego, uma doença. Isso é descobrir Javé. Nós talvez precisemos passar por situações mais difíceis para perceber e descobrir, dentro de nós, energias maiores que, muitas vezes, passam toda a vida dormindo, se não tivermos essas ocasiões. O povo de Israel conheceu esse momento e os apóstolos também conheceram esse momento.

Imaginem, eu falando para vocês aqui e, de repente, todo mundo vai

embora e só ficam doze pessoas aqui na igreja! Aí eu perguntaria, como também no curso de Teologia: “Vocês também não querem ir embora?” Mas Pedro diz: “Não, quero continuar!” Quantas vezes nós – sobretudo vocês, jovens, adolescentes que começam a frequentar a Igreja – de repente vêm seus colegas partindo, saindo? Não se lembram que há um, dois meses houve uma enorme celebração do Crisma, com mais de duzentos crismandos? Onde estão eles hoje? *Escafederam-se*, sumiram. E porque sumiram, os colegas ficam tentados a sumirem também. Cada um que sai, de certa maneira, quase que arrasta o outro. É como dizer: você também quer ir? A mesma coisa com a primeira comunhão. Levas e levadas de crianças que desaparecem. Como aquela frase que dizia o bispo: “Se quiseres mandar embora os morcegos, dê para eles o diploma do Crisma”. Mas se continuam a vir a cada domingo, a participar, a estudar, isso é força, é coragem. Isso é duro, é difícil. O normal é não vir. O normal é irmos levando na onda, na inércia. A lei básica da física é a inércia. Pois bem, essa lei também é da psicologia humana. Nós somos terrivelmente inertes. Somos um barco que vai seguindo a correnteza. Que barqueiro quer remar contra a correnteza? Nenhum. Todos só querem descer. Assumir as nossas energias, a nossa vida em nossas mãos e dar um destino a ela, poucas pessoas são capazes disso. A maioria segue o *arroz-com-feijão* normal do cotidiano. Não é capaz de tomar uma decisão mais firme, mais forte.

Haverá uma ocasião, da qual ninguém escapa: quando esbarrarmos com a morte ou quando a morte bater na nossa família. Aí somos sacudidos. E, sobretudo, quando morre um jovem, uma criança, os pais ficam realmente desfeitos, principalmente em casos de suicídio, que são cada vez mais frequentes. Não dá para continuar inerte, é preciso acordar, refazer, recriar toda uma vida.

É claro que não devemos esperar isso. O ideal é que possamos acordar antes que aconteça isso em nossa vida. Mas a história humana é dura e muitas vezes nos coloca diante desses fatos. Por exemplo, uma separação. Tudo que ia bem precisa ser reestruturado. A quantidade de famílias que têm somente a mãe para sustentá-las é muito grande. Seja por ser mãe solteira, ou porque o marido a deixou. Aí vemos coisas belíssimas. É que nossos olhos não conseguem penetrar a beleza da história.

Hoje mesmo, um colega me contava de uma família alemã, família burguesa, vivendo num país rico. Acolheram um negro do Zaire, que não pôde voltar para a sua terra. Aquela senhora, já aposentada, voltou

a trabalhar para, com o dinheiro de um segundo salário, sustentar esse zairense. Uma pessoa aposentada, já garantida em sua vida, na inércia de sua existência, de repente volta a trabalhar, somente para ajudar um estrangeiro. É muita energia, é muita coragem!

“A quem iremos, Senhor? Vós tendes palavras de vida eterna!”
Amém (23.08.97)

DOM HELDER: O MENSAGEIRO DA ESPERANÇA (Mt 16, 21-27)

Ontem se apagou uma das lâmpadas mais brilhantes da nossa Igreja no Brasil. Faleceu, em Recife, Dom Helder Câmara. Vou pedir licença a Jesus para falar sobre ele, ao invés de comentar o Evangelho, pois muitos de vocês são jovens e não se lembram.

Dom Helder foi uma das consciências mais lúcidas deste país, e também das mais corajosas nos momentos escuros da repressão. Para vocês terem uma idéia, era um homem franzino, fraquinho, magro, nordestino, cearense subdesenvolvido. E o governo militar, com tropas, canhões, tanques, galardões, temiam esse homem. De tal maneira que, secretamente, houve um decreto, que depois veio a público, que determinava que o seu nome não poderia ser citado em nenhum jornal do país, em nenhum canal de televisão. Decretaram, o que chamavam, naquela época, a sua morte civil, tal era o medo que tinham desse homem franzino. Pequenininho, mas de uma coragem de atravessar oceanos. Era talvez o brasileiro mais conhecido no estrangeiro. Quando ia a Paris, aos Estados Unidos, os auditórios se enchiam para ouvir aquela pessoa pequenina. Tinha coragem, tinha clareza de visão e amava o país, o povo brasileiro. Amava o mundo, amava a humanidade.

Ele nos mostrou a esperança, despertou a consciência desse povo, para que pudesse abrir os seus olhos para horizontes maiores. Nunca perdeu a esperança, nunca perdeu o otimismo, nem nos momentos mais difíceis. O seu secretário foi assassinado violentamente pelas forças militares. Chegaram investigadores, dizendo-lhe que iriam investigar quem fora o assassino. Ele respondeu: “Não precisam investigar. Procurem entre vocês mesmos!” Não tinha medo de ninguém, enfrentava a todos. Armaram-lhe muitas armadilhas. Certa vez uma moça chegou para conversar com ele. Era uma espiã do governo militar. Ele olha para ela e diz: “Minha filha, que tristeza! Você, cumprindo este papel. Você, uma pessoa tão bonita, tão jovem, querer trair os seus amigos”. Era um homem de nitidez, de total transparência, com uma coragem enorme.

Foi candidato ao prêmio Nobel e não o recebeu, porque o nosso governo pressionou o júri da Suécia, para que não votasse no seu nome. O prêmio Nobel envolve política também. Milhares e milhares de cartas

chegavam à Suécia pedindo que lhe conferissem o Prêmio Nobel da Paz. Mas, para não enfrentarem o governo militar brasileiro, criaram um prêmio especial para ele. Ele recebeu todo o dinheiro, que era muito, fez uma pequena reforma na casa paroquial, comprou uma grande fazenda e dividiu entre os posseiros. Não ficou com nenhum tostão sequer.

Quando era arcebispo de Recife, deixou o palácio episcopal e foi morar na sacristia de uma igreja. Não tinha nem casa para morar. Eu conheci o seu quartinho, ao lado de uma igreja. E era o arcebispo de Recife! Não tinha motorista, não tinha carro, não tinha segurança. Saía pelas ruas de ônibus. Foi um homem que ficou conhecido por todo o mundo, pela sua caridade, pela sua grandeza. É bom que guardemos esta memória, porque tivemos um grande homem neste país.

Cada vez que olharmos os nossos políticos, tão corruptos, tão perdidos em tanta sem-vergonhice, é bom saber que o Brasil – o Ceará, do sofrido Nordeste – teve a glória de gerar a coragem, a grandeza desse homem. Noventa anos de idade. Morreu na sua velhice, mas no seu esplendor.

Quando João Paulo II veio pela primeira vez ao Brasil, em 1980 - naquela época estava bem lúcido e forte -, levantou, o abraçou e disse: “Meu amigo Helder!” Era um homem que realmente vivia o mundo, no meio do povo. Quis identificar-se com Jesus, deixando todas as glórias, todas as pompas. Não usava uma insígnia sequer.

Eu tive a alegria imensa de pregar um retiro para ele. Uma vez, convidou-me para ir a Recife. Dormia no quarto ao lado do dele e percebi uma coisa. Durante a noite, umas cinco, seis vezes, o despertador tocou. Depois eu soube que ele levantava-se várias vezes durante a noite para rezar. Era um místico. Rezava durante a noite, porque o seu dia era tomado por outras atividades. Passava grande parte das noites em oração. Dormia pouco, porque vivia mais do Espírito.

E agora, aos noventa anos, um pouquinho antes de morrer, um grupo de amigos escreveu um livro sobre ele, que acabou de sair. Eu mesmo tive a alegria de participar. Ainda deu tempo de ele ver amigos do mundo inteiro prestando-lhe essa homenagem. Para mostrar que o mundo estava grato a essa pessoa grandiosa, com quem tivemos a felicidade de conviver.

Vamos agradecer a Deus por ter existido esse homem, por ter vivido, sobretudo naquela época difícil. Quando o Recife estava todo cercado pelo Exército, enfrentava, defendia os presos políticos, ia às delegacias arrancar

as pessoas que estavam sob a tortura. Não tinha medo de nada. Nem de metralhadora, nem de canhão! Mas também ninguém tinha coragem de tocá-lo, porque sabiam que tocavam num santo. E as pessoas, por piores que sejam, por mais criminosas que sejam, quando encontram um santo, estremecem.

Um santo é coisa tão rara que, quando nos aproximamos dele, sentimos alguma coisa diferente. Vinham muitas pessoas de fora, de outros países, só para vê-lo, nada mais. Chegavam, olhavam e diziam: “Eu encontrei um santo, encontrei alguém que é grande. Eu vi o olhar de alguém que atravessa horizontes!” Ele pensava mil anos à frente. Não cabia na pequenez. Usando a imagem de Leonardo Boff, ele era águia. E quantas vezes somos essas *galinhazinhas*, ciscando nos nossos terreiros?! Ele era águia e suas asas abriam-se para céus de brigadeiro.

Saber que a Igreja do Brasil, saber que o Brasil gerou e albergou este homem, é uma alegria. Rezemos mais a ele do que por ele. Amém. (28.08.99)

RESPONSABILIDADE ÉTICA **(Ez 33, 7-9/Mt 18, 15-20)**

Numa linguagem da época, seja de Ezequiel, seja do Novo Testamento, as leituras de hoje falam de um dos problemas mais graves da atualidade. Falam da responsabilidade ética. Há um grande filósofo alemão, Hans Jonas, que escreveu um livro monumental sobre a responsabilidade. E hoje é um dos temas mais discutidos na ONU (*), nas grandes assembléias mundiais. As pessoas se perguntam sobre quem é responsável.

Por exemplo, quando vaza um segredo – como quando o real foi desvalorizado – e aí alguém ganha uma fortuna. Alguém pode ter sabido dias antes, comprado dólares e, no dia seguinte, ganhado o dobro. Quem é responsável por essa jogada econômica? Essa é a pergunta. E é uma pergunta muito séria, muito grave. Vale a pena começarmos a refletir sobre ela.

Em primeiro lugar, diante de quem somos responsáveis? Eu faria uma comparação muito simples. Imaginemos um lago tranqüilo. Eu jogo uma *pedrazinha* no meio do lago e formam-se círculos concêntricos, que vão-se afastando. Lentamente, esses círculos vão-se apagando, até chegarem à margem, onde se dissolvem. Onde caiu a pedra, o círculo é mais forte, porque houve o choque da pedra. Pois bem, nós somos mais responsáveis pelas coisas e pessoas que estão mais próximas do nosso círculo.

A responsabilidade maior é para com a nossa família. É o primeiro círculo, onde nascemos, onde fomos criados, onde vivemos. A responsabilidade maior é entre esposos, entre pais e filhos, entre filhos e pais. Essa é a primeira grande responsabilidade histórica que todos temos. Aí não podemos nunca ser omissos. Também o filho tem obrigação de advertir seus pais, quando estes se desviam. Adultos e até anciãos também se perdem. Muitas vezes há pais que entram por caminhos errados e os filhos têm obrigação de também ajudá-los. Assim como os pais também têm obrigação de ajudar os filhos. Da família nasce a sociedade. É o germe da sociedade, sua primeira célula.

Para as crianças eu contei a historinha de um menino. A professora pediu, na escola, que cada um trouxesse um símbolo da família. Uma das crianças trouxe uma grande rede de pesca. A professora estranhou

que uma rede pudesse ser símbolo da família. Rede é para pescar peixe. A criança pegou uma tesoura e cortou um nozinho que estava no meio da rede e ela toda se desfez. E ela disse: “esse nó central é a família. Se eu cortá-lo, a sociedade, o país se desfaz”. Nós estamos vivendo agora essa crise ministerial, com as dificuldades no mundo da economia, falta de orientação sobre qual caminho a tomar. O que vai sustentar este país são vocês, na família. Disso não há dúvida. Essa é a primeira grande responsabilidade.

O segundo círculo é o da escola, para quem estuda; o círculo do trabalho, para quem trabalha; o círculo da amizade, para quem tem amigos, que somos todos nós. Vou tomar a amizade, porque é muito pouco trabalhada. Quando falamos de amizade, em geral falamos de carinho, de afeto, de estar junto, de gostar um do outro. Mas esquecemos um ponto fundamental da amizade, que é a responsabilidade pelo amigo. Há um genial pensador francês – Exupéry, que, aliás, esteve várias vezes no Brasil. Em Florianópolis, há até um hangar, onde ele deixava seu pequeno avião. Morreu num acidente, quando seu avião caiu no mar. Ele diz que nós somos responsáveis por aqueles que cativamos (**). Isto é, quando criamos um elo de amizade, começamos a ser responsáveis pelos nossos amigos. Muitas vezes, amizade tem sido, para muita gente, caminho de perdição. Quantos jovens entraram no mundo da droga e do sexo através de seus amigos? Aí a amizade vira o inverso. Vira descaminho, e não caminho. Vamos pensar naquele amigo que temos na escola, em todas as nossas relações. E perguntemos se um dia nos preocupamos, se nos sentimos responsáveis por ele, quando estava triste, desorientado. Será que me sinto responsável por aquela juvenzinha que está andando por caminhos escusos? Será que parei e pensei em dizer-lhe alguma coisa?

Eu acho que os jovens se esquecem de que eles têm uma força enorme para com os seus colegas. Eu li um livro de um dos maiores terapeutas europeus, e ele dizia que, quando um jovem começa a sair da infância, na sua adolescência, o lugar onde ele é mais influenciado são nos grupos, e não mais na família. Ele começa a sair da família e cria o seu mundo de grupos, do qual recebe sua maior influência. Muito mais do que de um pai, de uma mãe. Estes começam a perder influência na medida em que o jovem vai deixando a infância e entrando na puberdade, na adolescência, na juventude, até chegar na idade adulta. Nessa passagem, nesse interstício de tempo, de formação, são os colegas que têm maior peso sobre eles.

Vocês se influenciam muito, vestem-se, falam como os outros! É *tipo isso, tipo aquilo*. É *massa*. Basta um começar a falar, daí a pouco está toda a *patota* repetindo as mesmas expressões. Vestem as mesmas *grifes*, têm os mesmos cacoetes. Gostam das mesmas músicas, da mesma barulheira, das mesmas festas, dos mesmos grupos. É um contágio geral, às vezes bom, às vezes ruim.

É hora de parar e se perguntar: será que, neste circuito da amizade juvenil, eu faço também passar algo de positivo? Será que sou capaz de influenciar os meus colegas no caminho do bem, da verdade e da beleza – essa famosa tríade que eu sempre repito? Será que eu os ajudo e influencio?

Essa maneira que o Evangelho falou é arcaica. Hoje é muito mais direto. A gente se enfrenta, conversa diretamente com as pessoas. E devemos ter coragem de dizer aos nossos colegas: “Jovem, você está estragando o seu pulmão, com essa fumaceira toda. Deixem as fumaças das fábricas, que já estragam tanto. Está estragando a sua saúde, a sua beleza!” Se nós adultos dizemos, eles acham que somos *caretas*. Mas se um jovem diz, o colega começa a pensar. Sobretudo, se fazem, agem e atuam com coerência, essa palavra pesa.

Ezequiel dizia: “se dissermos para o ímpio que ele está errado e ele se perder, já não somos mais responsáveis. Mas se não dissermos e ele se perder, seremos culpados”. E, muitas vezes, somos culpados, porque não chegamos a tempo para salvar alguma pessoa que está no descaminho. É esse o senso de ética e responsabilidade.

Vou pegar mais um *circulozinho*: família, amizade, escola. Escola em todos os níveis, desde o maternal até a universidade. A escola também tem um papel importante de responsabilidade dos professores em relação a seus alunos. Há muito professor que esquece que não é apenas um transmissor de matérias. Ele não pode ensinar só física, química, biologia, matemática. Isso, talvez um vídeo possa fazer. Nos Estados Unidos, quando começaram a substituir muitos professores por vídeos, perceberam que os alunos aprendiam menos. Mesmo que o professor não tivesse aquele sotaque especial, a presença física é mais importante que toda a quantidade de vídeos que são projetados nas escolas. O vídeo é morto, é virtual, é imagem. O professor é olho, é carne, é sangue, é respiração, é carinho, é transmissão. E ele é responsável por cada aluno e talvez mais por aquele aluno mais aborrecido, aquele que mais atrapalha a aula. É

por ele que somos mais responsáveis. Aquele desatento, aquele que nos provoca, que faz perguntas indiscretas, aquele que muitas vezes é pedra no nosso sapato. Temos que parar e nos perguntar porque não alcançamos este jovem, porque não conseguimos dizer uma palavra que o toque.

Também os alunos são responsáveis pelos professores. Vocês, alunos, têm muito mais influência do que podem imaginar. Os professores são sensíveis. Eles estão à cata e à espera de uma palavra de estímulo. Querem ouvir elogios, incentivos, que nunca ouvem. Quando um aluno é atento, é carinhoso, passa energia para o professor. Sobretudo quando está azedo, chega na sala, encontra crianças e jovens alegres, felizes. Começa a melhorar o humor e pode ser que os alunos até salvem um matrimônio, que estava ameaçado de ir a pique.

Este Evangelho é muito mais bonito do que podemos imaginar. Ninguém que está aqui nesta igreja está isento de ser responsável na família, na escola, com todos os amigos. Amém. (05.09.99)

(*) Organização das Nações Unidas

(**) frase adaptada do livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry.

O PERDÃO QUE NOS RECONSTRÓI *(Mt 18, 21-35)*

Já no domingo passado, começávamos a falar sobre perdão. Eu continuava a refletir e perguntava por que o perdão é tão difícil? O perdão cura a nossa dimensão animal. Todos nós somos animais e entre os animais há esse grande processo primitivo. Lá atrás, há dois, três milhões de anos eram símios que andavam por essas árvores e carregamos essa tradição animal. O animal não conhece perdão. Açulado, provocado, reage violentamente. Com esse um milhão e quinhentos mil anos de humanidade, ainda não domamos suficientemente a nossa natureza animal. Ainda somos muito animais. Aí está porque não perdoamos. Primeira simples, direta, escancarada, vergonhosa razão. O animal não perdoa. Quanto mais animais formos, menos perdoaremos. Precisamos guardar isso na cabeça para não começarmos a andar de quatro por aí. Muita gente não perdoa nada e isso é próprio do animal. Guardemos isso! Se quisermos sair um pouco dessa nossa condição e abrirmo-nos para horizontes mais humanos, vamos entender mais o perdão. Mas mesmo assim é difícil, mesmo para seres inteligentes e racionais que somos.

Por que é difícil? Primeiro, porque nós somos cultura. O que quer dizer isso? Nós somos soma do que vivemos, do que vemos e ouvimos. A cultura nos envolve como o oxigênio, e não nos damos conta dela, a menos que paremos e reflitamos. Do contrário, não nos damos conta. Vocês vão ao supermercado vêm as coisas e pagam depois, compram um carro e começam a pagar alguns meses depois. Já pensaram o que realmente significa isso? Eu faço alguma coisa, e parece que no futuro não haverá cobrança. Depois eu me arrumo. Há entre nós uma divisão de irresponsabilidades. Isso passa todo dia pelos programas, pelas propagandas, pelas casas comerciais. Nós fazemos e não precisamos pensar no amanhã. Ora, o perdão só existe se eu tenho visão de amanhã. Quem não pensa no amanhã, não precisa perdoar. Para que perdoar se não existe o amanhã? Por isso não perdoamos. Lentamente, perdemos a dimensão das conseqüências dos nossos atos. O perdão é refazer alguma coisa que, de fato, escapou da nossa mão, já não é nosso. Ora, se tudo é nosso, não precisamos perdoar. Mas nem tudo é nosso.

Mais ainda. Olhem o que passa em nossa vida. Nós temos mais e menos. Muitas vezes preferimos esse mais imediato, mesmo que mais tarde venha o menos. Isso vai mudando a nossa capacidade de reflexão sobre a realidade. Para ficar mais completo, vou dar outro exemplo. Um problema conjugal. Há uma briga, onde um quer dominar. Fecha a cara e fica fazendo aquela guerrinha toda para vencer. O que é vencer? Vencer é querer agora, é não pensar na consequência disso amanhã. É por isso que não se perdoa. Perdoar é ter que pensar que alguma coisa virá depois. Quando alguém se entrega a um prazer imediato, de fumar, por exemplo, o câncer virá daqui a vinte anos. Quando ele chegar... que importância tem? Então fumamos, sabendo que amanhã pagaremos um preço. Bebemos muito, apesar de sabermos que amanhã poderemos ter uma cirrose. Preferimos o **mais** do prazer, mesmo prevendo o **menos** gravíssimo. Só que esse menos é amanhã e o amanhã não existe no nosso horizonte moderno. Já não dizia o Renato Russo que devemos amar como se não houvesse amanhã? E se nos pusermos a refletir, de fato não existe amanhã. Vocês não cantam isso *russamente*? Se não temos amanhã, então para que perdoar? Vamos brigar porque só existe o agora. Mas se existe amanhã, as coisas mudam muito.

Vamos imaginar que eu tenho um fio e eu dou um nó nesse fio. O barbante está com um nó. Eu posso desatar o nó e o barbante volta exatamente como estava. As nossas ações não são assim. As nossas ações, quando desfeitas, não voltam a ser como eram. Eu posso desatar o nó que eu fiz, mas as ações escapam das minhas mãos. Quando eu dirijo a palavra a uma pessoa, essa palavra já saiu de mim. Eu já não sou mais dono dela. Não posso refazer, destruir, voltar exatamente ao que eu fiz. Se eu pudesse fazer isso, não precisaria de perdão. Eu te roubei dez, te devolvo dez. Estamos *quites*. Para que perdão se eu te devolvi exatamente a mesma coisa? Não há perdão – elas por elas. Mas quando eu ofendo alguém, nunca mais eu conseguirei reconstruir, refazer, porque eu não posso arrancar a dor, o sofrimento do outro. Não posso arrancar a humilhação. Estou acompanhando agora um casal que está vivendo uma situação difícilíssima. Viveram uma situação de violência terrível e a mulher está destruída. O marido não poderá refazer a situação porque a destruiu. A única realidade capaz de reconstruir é o outro perdoar. Se o outro não perdoar, nunca me redimirei, porque eu não sou dono dele. Por isso, precisamos de perdão. Porque nossos atos são maiores que nós mesmos.

É como a água que escorre da minha mão. Quando ela cai, eu já não sou dono dessa água. Pensamos que somos donos de tudo e não somos. Qualquer ato que fazemos escapa de nossas mãos. Entra na história, nesse grande movimento, e já não podemos dominá-lo. Quando fazemos o mal, só podemos pedir perdão, porque não temos outra maneira de refazer o mal que fizemos. Se ofendermos alguma pessoa, será o seu perdão que poderá nos dar o consolo, a alegria, a paz. Mas se essa pessoa não quiser dar, podemos ter certeza absoluta de que o Senhor Absoluto poderá nos dar o perdão. Precisamos de perdão porque muitos males que fazemos não conseguimos desfazê-los. Os nós que damos, não somos mais capazes de desatá-los. Só o perdão de Deus desfaz o que não somos capazes de desfazer. É o perdão do qual necessitamos. Do contrário ficaremos enrugados a vida toda. Podemos ir ao psicanalista que quisermos, deitarmos em todo e qualquer divã do mundo. Nunca encontraremos o perdão, porque não há analista que tenha força de perdoar. Ele usará sua técnica. Perdão é dom, é gratuidade, é amor. É dele que precisamos, é ele que nos refaz, nos recria até do pecado maior que cometemos.

Quando Pedro traiu Jesus, bastou aquele olhar simples de Jesus. Pedro se reconstruiu e se tornou esse grande santo. Se não houvesse o perdão, Pedro estaria enforcado como Judas. Judas não procurou o perdão, enforcou-se. Pedro acolheu o perdão, é santo. Amém. (14.09.02)

O PRIVILÉGIO DO BEM NÃO É EXCLUSIVO ***(Nm 11, 25-29/Mc 9, 38-48)***

Esse Evangelho parece forte e é, mas, talvez, não ao pé da letra.

O que o Senhor nos quer dizer? Ele quer nos colocar diante de dois extremos que considera equivocados. Em geral os extremos são equivocados, os fanáticos são equivocados, aqueles que se agarram a uma idéia e dela não abrem mão nunca, em geral, são equivocados. Aqueles que se agarram ao óbvio, ao que parece a pura verdade que não pode ser questionada, em geral, estão equivocados. Jesus nos pede que evitemos os dois extremos.

O primeiro extremo é pensar que só nós temos a verdade. Ninguém pode falar, a não ser nós. Vocês viram os dois exemplos do Antigo e Novo Testamento. No Antigo Testamento, Moisés pediu que o espírito de profecia baixasse sobre setenta homens, porque naquela época as mulheres nunca entravam na jogada. De repente, dois, que não eram dos setenta, começam a profetizar. Vem um garoto e fala primeiro com o secretário de Moisés, Josué: “Diga que aqueles dois, que não são do nosso time, estão torcendo por nós. Mande que eles se calem!” Moisés diz: “Vocês não entendem nada. Se eu dei a setenta o dom da profecia e ainda vieram mais dois, é muito melhor. São setenta e dois. Oxalá, todos fossem profetas!” É isso que Deus espera de nós. Aqui na nossa Paróquia temos um pároco. Oxalá, todos fôssemos párocos; oxalá, todos fôssemos teólogos; oxalá, todos fossem da equipe da catequese! Não é privilégio de ninguém segurar a verdade. Ela está esparramada, diluída, jogada, como semente, por todos os lados. Só que as sementes caem em terrenos diferentes. Mas, da parte de Deus, o grande semeador, a semente é lançada para todos. Todos têm migalhas de verdade, chispas de luz, intuições boas. Devemos aproveitar de tudo. Nossa comunidade cresceria muito mais se cada um desse aquilo que tem de verdade, de beleza, de bem, de ética, de compromisso, de luta pela harmonia da sociedade. Se todos fizessem alguma coisa, seria muito melhor do que se apenas três ou quatro o fizessem. Essa é a idéia. O poder centralizado é pior. Os fascistas e nazistas já foram derrotados definitivamente. Vivemos num mundo democrático, num mundo onde a comunidade detém a força, o poder. Poder não para dominar, mas para espargir dons e graças.

A mesma coisa acontece agora com os apóstolos. Também eles são ciumentos. Receberam o poder de expulsar demônios quando, de repente, outros começam a fazê-lo e eles proíbem. Proibir alguém de fazer o bem? Nunca! Que façam os espíritas, os evangélicos, os que não crêem. Bem sempre é bem! A justiça sempre é justiça. O amor sempre é amor, feito por qualquer pessoa que seja. Se ajudarmos a sociedade a melhorar, os pobres a saírem da miséria, a criar uma nova sociedade, ótimo! Que todos ajudem, que não haja discriminação, que não haja separações! Tenhamos o coração aberto! O ciúme é doença, não só das mulheres, mas também dos homens. *Dores de cotovelo* produzem inflamações. Precisamos ter essa abertura de ver a luz que brilha nos olhos das pessoas, do bem e da justiça.

Agora Jesus retoma o sermão e diz que não é qualquer coisa que é bem, que é justiça, que é ética. Quando vocês atuam em causa do mal, aí é severidade. Claro que não é arrancar fisicamente o olho. É tomar uma atitude radical, forte, de oposição contra a corrupção, contra a droga, contra a perversão, contra o escândalo, contra a destruição da inocência da criança. Aí não há complacência. Existe o mundo jurídico para condenar. Devemos defender a sociedade, defender o futuro das crianças, que têm direito de viver a pureza, a beleza, de não serem estragadas. É neste momento que Jesus diz que se o teu olho te escandaliza, se tua mão te escandaliza, arranca-a, corta-a, porque é melhor que andemos claudicantes na história do que caminharmos perversamente por ela. De que adianta esses homens que roubam milhões de reais e têm que ficar escondidos como raposas nas tocas da história? Essas raposas ficam em suas tocas porque não podem caminhar na praça, porque estão corrompidas. De que adianta esse dinheiro? Morre o cidadão e não poderá ter um caixão de ouro.

O Evangelho é ótimo. De um lado, o bem, para todos que o quiserem. Bem-vindos! O mal, sempre *mal-vindo*. Diante dele, a radicalidade, a oposição, a luta, a coragem, a tenacidade. Amém.(23.09.2000)

O BATISMO NOS FAZ PROFETAS ***(Nm 11, 25-29/Mc 9, 38-43. 45. 47-48)***

Com essas *frasezinhas* soltas Marcos teceu e fez um único conjunto. Cada frase tem um significado próprio, um contexto diferente. O primeiro contexto está relacionado com a primeira leitura. É muito simples. Tem a ver com aquela pedra (*). Dali recebemos a água sobre a nossa cabeça e depois o celebrante nos marcou com o óleo sobre a testa e disse que passamos a fazer parte do povo de Deus, portanto, sacerdote, profeta e rei. Todos nós somos profetas, todos os batizados são profetas. Não como no Antigo Testamento. Lá eram apenas aqueles sobre os quais o Espírito caía. Mas sobre nós, não. Ele desceu sobre todos. Nenhum de nós está excluído do dom da profecia. Será então que podemos anunciar quando o mundo vai acabar, quem vai vencer as eleições no próximo ano, quem vai ganhar o campeonato nacional? Não é por aí que vai a profecia. Profecia não é anunciar o que virá. Isso fazem os búzios, as cartomantes.

Ser profeta é muito mais profundo. É saber ler o que está acontecendo, aqui onde estamos vivendo, em 2003. Não somos profetas para 2004, mas para setembro de 2003. Profeta é aquele que tem o olhar diferente. Profeta é a mãe que olha nos olhos da filha que chega em casa às três da madrugada e diz: Minha filha, este caminho não te levará à felicidade! A mãe foi profetiza nesse momento. Profeta é o pai que coloca a mão no ombro de seu filho adolescente e diz: Filho, por este caminho você não encontra a felicidade. Você perderá a sua saúde, sua juventude, sua beleza, sua transparência! Neste momento, o pai foi profeta. Uma criança, em sua transparência, também pode ser profeta. Ela nos mostra a beleza dos pássaros, o deslumbramento de tudo aquilo que nos passa despercebido.

Quantas vezes um filho induz uma mãe a comungar, simplesmente porque ele observa que a mãe não se levanta e vai para a fila, como todos os outros?! E vocês, mães e pais, podem perceber como as crianças pequenas nos dizem coisas muito importantes. Gosto muito de repetir a pergunta que me fez o Samuel (**): Padre, quem fez Deus?, ou aquele que me perguntou: O que faremos no céu? São perguntas de crianças, mas são perguntas proféticas. Tantas crianças me perguntam de onde elas vêm! É a pergunta mais filosófica, do início da Filosofia. Quando uma criança de sete, dez anos me faz essas perguntas, eu fico pasmo. De onde brotam

essas dúvidas? Brotam daquela água que foi jogada em suas cabeças. É o Espírito que mora nessas crianças.

Não pensem que profeta é quem vai anunciar o mistério lá fora. Ele está questionando cada um de nós em nossa vida. E Jesus responde a todos nós, com uma frase muito simples: “Aquele que escandalizar um desses pequeninos, é melhor que coloque uma mó no seu pescoço e se jogue ao mar, para que nunca mais aflore” Essa *frasezinha* tão simples Jesus disse para que não percamos as inocências deste mundo! Eu sempre me vejo fascinado pela beleza das crianças. No meu quarto está aquela folha cheia de coraçõezinhos desenhados que o Pedro (***) me deu e ali eu vejo inocência.

No Brasil não há mó suficiente para colocar nos pescoços de tantos por aí, nas televisões, nos vídeos, nas *internets*, nas músicas. Sabem que agora na Alemanha está surgindo uma onda de pedófilos, que estão surgindo milhões de *sites* eróticos? Precisaríamos de milhares e milhares de mós para colocar nos pescoços de todos esses que semeiam imoralidades, que as crianças e adolescentes irão ver, porque a curiosidade existe. Quem semeia tudo isso não são demônios, mas seres humanos. São inteligências tecnológicas, são doutores com cursos em grandes universidades.

Jesus nos abre a porta da eternidade dizendo que é melhor que lá entremos com um braço, uma perna a menos, do que mergulhar a integridade do nosso ser na escuridão de uma existência sem sentido. É claro que o fogo é metáfora. O inferno de que Jesus fala não é para ameaçar-nos. É para dizer do inferno que existe em nossos corações, quando não sabemos abri-los para a inocência. O inferno não está fora, se estivesse, não haveria perigo e não faria mal a ninguém. O inferno, nós o levamos dentro de nós, porque nos dilacera e é terrível. Sartre (***) dizia que o inferno são os outros, porque nos fazem perceber a nossa maldade. Conviver com certas pessoas não é realmente um inferno? O Senhor nos quer íntegros e transparentes. Amém. (28.09.03)

(*) referência à pedra da pia batismal

(**) referência a crianças da paróquia

(***) Jean-Paul Sartre, filósofo francês, falecido em 1980.

DEUS NOS CONVIDA AO BANQUETE DA VIDA PLENA (Mt 22, 1-10)

Essa parábola é muito bonita e também muito profunda. Os ouvintes de Jesus, certamente, entenderam muito menos que nós. Eles não sabiam quem era esse Filho do Rei, não sabiam de que casamento se tratava. Imaginavam que era uma historinha de Jesus, falando de algum casamento. O pai, o rei, é Deus Pai. O filho é Ele, Jesus. O casamento é a encarnação. É o Verbo que assume a história humana, assume a humanidade em três momentos. Portanto, nós recebemos três convites e há três possibilidades de respostas negativas. Assim diz o Evangelho. Há o convite para a vida, para o Reino de Deus e para esta Eucaristia. Vou me deter no grande primeiro convite e deixarei os outros dois para uma outra oportunidade.

Nós somos convidados à existência. Já repararam que fomos convidados a existir? Podíamos não existir, se os nossos pais não tivessem se conhecido, ou se tivesse acontecido qualquer outra coisa, como um descuido médico. Cada um de nós foi chamado a existir. Achamos que isso é banal, mas não é. Estamos aqui, enquanto milhões e milhões de crianças morrem nos primeiros anos de vida. Nós não somos essas crianças. Milhões não estão aqui, porque morreram – por miséria, fome, doença, epidemias, crimes. De tudo isso morrem as crianças em quantidades gigantescas, seja na África, na Índia, no Nordeste brasileiro. E nós estamos aqui, fortes, bonitos, bem alimentados, *iogurtados*. Existir já é um grande convite.

E como respondemos a esse convite? Uns dizem que foram para o campo. Que coisa é ir para o campo? Fiquei pensando e fui buscar uma categoria, em Hegel e Marx. Os dois filósofos falam de alienação. Eu acho que “ir para o campo” é alienar-se da existência. É uma palavra forte de Marx. Alienado é aquele que é outro do que realmente é. Em vez de sermos uma pessoa colocada na história, vivendo num determinado lugar, vivemos num outro mundo. Nem sabemos, por exemplo, que haverá um plebiscito para decidirmos se queremos ou não a comercialização livre das armas. Não sabemos que houve um terremoto no Paquistão. Não sabemos que há tanta coisa acontecendo na Índia, na China, no Japão, no Iraque, nos Estados Unidos. Não sabemos que milhões de pessoas morrem de fome. Não sabemos de nada. Estamos no campo, alienados, com outra cabeça.

Para Marx, essa era a coisa mais trágica. Uma pessoa vazia de si mesma não é ela, vive de outra cabeça. A maior fonte de alienação que temos chama-se mídia. Se fôssemos desenhar algumas cabeças, desenharíamos como visores de televisão, onde passariam as imagens. Imagens que não vêm da pessoa, mas de fora. Uma menina vê a Xuxa e fica *enxuxadinha*. Os rapazes só vêm *rock and roll*. Tudo isso rodando pelas cabeças. Nada vem de dentro deles. Tudo vem de fora, *made in States* – comprado, importado e *enlatado*.

Se algum dia tiverem oportunidade, leiam o prefácio que Chico Buarque e Paulo Pontes escreveram para a peça “Gota d’água”. Era a época da repressão militar e, ao lermos aquilo hoje, nos impressionamos, principalmente se pensarmos que Chico Buarque tinha pouco mais de vinte anos. Eles falavam exatamente dos *enlatados* que *faziam a cabeça* do brasileiro. E as músicas de Chico Buarque – não sei se ainda conseguem ouvi-las em meio a tanto barulho – são densas de consciência crítica. É alguém que ajudava a juventude a tomar consciência, a ser ela mesma, a viver e entender o seu momento.

Triste alienação de quem vai para o campo! É como uma árvore que nem sabe que dá jabuticaba. Vêm as crianças, arrancam as frutas e a árvore permanece tranqüila. São pessoas que vegetam. Ou são como pequenos cachorrinhos que lambem a mão do seu dono. Não pensem que é carinho ou amor. É puro instinto *cachorril*. Não passa disso. Não chega ao nível da consciência, da liberdade, da percepção de si. Estão no campo da alienação.

Outros – diz o Evangelho – mergulham nos seus negócios. Estão sempre ocupadíssimos e não têm tempo para nada. Um celular em cada ouvido. Ficam *celularmente* enlouquecidos, de tão ocupados que estão. Os adolescentes já saem da escola teclando todo o tempo. Pura alienação! Estão enredados no barulho, nos sons. Não podem viver. Não respondem ao convite da existência.

Nós vivemos quando existimos. Existir é um verbo forte na filosofia. É saber que eu sou um ser livre, consciente, relacional. É saber que eu me ligo com os outros e começo a ser eu mesmo no momento em que encontro uma outra liberdade, tão livre quanto a minha. No encontro com ela, começo a traçar a minha existência. A criança ainda vegeta muito, mas já busca, no olhar da mãe, um pouquinho de liberdade. A criança fixa o olhar buscando um pouco de vida, de originalidade e assim vai formando

a sua consciência de gente. Para nós, que já passamos dos primeiros meses de vida, já sabemos andar, falar, existir é relacionarmos. Quem não se relaciona com outra liberdade não existe.

O mais trágico é a terceira resposta. Rejeitamos aquele que veio nos acordar para o convite da vida. Apedrejamos, espancamos e matamos. Claro que era alusão à crucifixão de Jesus, pois é sempre bom lembrar que os evangelhos são escritos pós-pascais. Quando Jesus veio ensinar aos judeus que a única realidade que dá sentido à nossa vida é o dom de si, os homens e mulheres de seu tempo não agüentaram e o crucificaram.

Eu já citei esta frase de um teólogo francês, que nunca mais esqueci. Ele diz que no momento em que aparece o amor mais puro da Terra, nós o matamos. Falamos do amor em quantidades de poesias, em músicas e canções, vemos amores coloridos em todas as novelas, mas quando aparece o amor que é dom e entrega de si, o crucificamos. Não agüentamos o amor.

Jovens, saibam disso! Saibam que é difícil suportar o amor. O carinho, o afeto, a sensibilidade são fáceis de aceitar. Os animais também têm isso. Mas o amor, que é liberdade, que é dom de si, que é singularidade, que é originalidade, que é respeito ao outro, que é valorizar a liberdade do outro, que é se alegrar com a diferença e com a alteridade, é difícil. Tantos casais brigam, se separam porque nunca conheceram o amor, nunca se relacionaram. O convite da vida não foi aceito.

Volto a lembrar das três respostas que nos afastam do convite de Deus. A alienação, o enredamento nos nossos afazeres e a incapacidade de receber o outro que nos questiona, que nos arranca de nós mesmos, para que saíamos. Se um dia experimentarem isso, de ver alguém crescer diante de vocês, talvez façam a experiência humana mais bonita. Quando alguém estiver quebrado diante de vocês, arrasado, sem conseguir viver, e com sua palavra, com seu carinho, com seu olhar, com sua força interior, vocês ressuscitam essa pessoa, talvez estejam fazendo uma das coisas mais lindas da humanidade. Amém. (09.10.05)

DEUS É CONTÍNUA DOAÇÃO

(Lc 18, 1-8)

A leitura do Evangelho de hoje é intrigante. Há uma conversão imediata para várias passagens do Evangelho, em que Jesus insiste para que persistamos em nossos pedidos, isto é, nas nossas orações. A maioria das pessoas entende que Deus está lá no céu e não pretende nos conceder graça nenhuma. Quando a gente pede, aí Ele concede. Se não pedirmos, não concede. Comparamos Deus com esses pais um pouco tacanhos, que ficam esperando o filho pedir e insistir. Depois de muito tempo pedindo e aborrecendo toda a família, aí o pai atende. Será que Deus é assim? Uma imagem muito feia para Deus. Não pode ser isso que Jesus ensina. É óbvio que Jesus não se refere a Deus, mas a nós.

Deus não precisa ser interpelado. Não precisamos pedir nada para nós. Ele já sabe de que precisamos e já está dando-nos tudo, continuamente. Essa é a primeira coisa. Ele está dando tudo o que pode dar, sem que precisemos pedir. O pedido, então, não é para Deus. E se não é para Deus, para quem será? Só pode ser para nós. O que significa pedir? É isso que precisamos aprofundar um pouquinho.

Vamos usar uma imagem muito simples. Se atravesso uma chuva, eu molho. Chego em casa, troco a roupa e fico enxuto, mesmo que a chuva continue caindo. Se eu levo uma vasilha, ela enche e eu levo a água para casa. Pedir, da nossa parte é abrir o coração, como se fôssemos uma vasilha aberta para receber graças e dons que Deus já está dando. Se não tivermos nenhuma vasilha, os dons cairão e passarão. O problema é nosso e não de Deus. As nossas comunhões, nossas orações insistentes, as nossas devoções de virar santo para cá ou para lá, colocar de cabeça para baixo não têm sentido nenhum. Temos é que dispor nosso coração para acolher os dons, as provocações, as graças de Deus que, muitas vezes, ultrapassam de longe a nossa capacidade de percepção. O que talvez não entendemos muitas vezes são os dons que Deus nos dá e que não vemos como dons.

É difícil entendermos que uma doença é dom e até uma morte é dom. Deus nos enche de dons a vida toda. E quando acontece aquilo que chamamos de desgraça? Será que vem de Deus? Certamente, não. Deus nunca vai permitir uma desgraça. E por que acontece? Porque ela

pertence ao mundo criado, do finito, do possível e Deus não pode fazer o impossível. Uma vez que entramos na história, a história está aí. Uma vez que vivemos, vamos morrer. Não há outro jeito. Deus não pode, ao mesmo tempo, introduzir-nos na vida e concedê-la sempre, porque seria contradição. Entrar na vida humana é entrar na vida para a morte. A morte pertence à história. E o que faz Deus, então? Está sempre ao nosso lado, apoiando, animando, dando coragem, iluminando a nossa inteligência para encontrarmos soluções, dando-nos iniciativas. Mesmo nos momentos mais difíceis, Deus não vai fazer uma mágica, mas vai despertar em nosso coração a força, a tenacidade, a paciência, a luta, a busca para que encontremos a solução. Essa é a graça de Deus.

Conheço um psicólogo, especialista em doentes terminais. Ele visitava todos os dias uma senhora que sofria de um câncer já avançado, que lhe dizia que estava rezando pela própria cura. Um dia, chega e a senhora diz ter conseguido a graça. Ele espanta-se e pergunta se ela ficara curada. Ela responde: “Não, aceitei a morte!” Essa foi a graça. Não a cura, mas a aceitação. Assim é a presença de Deus. Essa a palavra misteriosa do Senhor.

Claro que nenhum de nós sabe explicar, mas eu acho que Jesus quis deixar uma interrogação na nossa cabeça. Se essa leitura fosse feita na Idade Média, eles entenderiam porque a fé era comum a todos. Só havia uma possibilidade de ser cristão – sendo católico. Hoje talvez comecemos a entender. Países profundamente cristãos, como França, Holanda, estão altamente descristianizados. O Cristianismo está desaparecendo. A quantidade de adolescentes que nunca ouviu falar de Jesus Cristo é imensa. Num país como a França, cheio de catedrais e de igrejas, muitos jovens nem sabem quem é Jesus. Mesmo em Cuba, na nossa América Latina, um rapaz foi comprar um crucifixo e o vendedor perguntou se ele queria com bonequinho ou sem bonequinho. O bonequinho era Jesus, só que ele não tinha a mínima idéia disso. Essa frase começa a ser questionadora. No Brasil, ainda não. Mas, quem sabe? Lentamente, as gerações vão-se afastando e vem o Senhor anunciar o fim dos tempos. Daqui a pouco podemos entrar nesta igreja e encontrar apenas algumas velhinhas do Apostolado da Oração, apagando a última vela de uma adoração perpétua. Amém. (20.10.01)

DEUS OUVI O GRITO DOS EXCLUÍDOS

(Ex 22, 20-26)

A primeira leitura é extremamente emocionante. Talvez por não estarmos acostumados, não damos tanta importância, mas é algo absolutamente inédito na história da cultura, algo espetacular em todo o processo da história humana. São mais de mil anos antes de Cristo. Um povo, através de seu profeta, sobretudo Moisés e outros profetas, inspirados por Deus, dita essa lei, que ainda não funciona no Brasil. Isto é que é terrível! Não funciona e já foi dita há mais de três mil anos: “Não trates mal o estrangeiro!”

Quantos estrangeiros sentem-se maltratados?! Na Europa – Europa dos santos, tão culta – vive-se um *xenofobismo* terrível. A França quer expulsar os africanos, a Alemanha detesta os estrangeiros, Hitler matou seis milhões de judeus, perseguiu os escravos. Tudo isso três mil anos depois que o profeta Moisés e outros disseram: “Não trates mal o estrangeiro!” Muitos nordestinos que vão para São Paulo são discriminados. Quando o papa esteve nos Estados Unidos sussurrou no ouvido de Clinton (*): “Lembra-te que foste estrangeiro nesta terra e não trates mal os mexicanos, os porto-riquenhos. Tua família veio de Paris. Tu foste estrangeiro e como tratas mal os estrangeiros, como os latinos, aqui nos Estados Unidos!” João Paulo II não fazia nada mais que repetir a voz de Moisés.

“Não trates mal a viúva!”, diz o profeta. Sobretudo num país onde o homem era o único esteio da família. A mulher era discriminada, não trabalhava. Imaginem uma viúva, sem apoio do marido, numa sociedade onde não havia trabalho para ela. Era condenada à miséria. E Deus diz: “Eu ouvirei o grito da viúva, se não a tratares bem. Ela vai gritar para mim e eu, Deus, a ouvirei!” Olhem que coisa bonita! Quanta força! É Deus que diz que ouvirá o grito da viúva.

“Não trates mal o órfão!” Essa criança abandonada. Deus diria: “Não trates mal o menino de rua, as crianças que estão na FEBEM (**), porque, se elas gritarem, eu as ouvirei. Eu, Javé, as ouvirei”. Olhem que força! É Deus que fala isso. É Deus que diz que ouve o grito da criança; é Deus que ouve o grito da viúva; é Deus que ouve o grito do estrangeiro. “Se pedires emprestada a túnica para um pobre, devolva-a antes que se faça noite, porque é a única cobertura que ele tem. Se não devolveres, ele passará frio à noite, ele gritará e eu o ouvirei. Eu, Javé, o ouvirei”.

Imaginem se Deus ouvir o grito dos brasileiros, desses dez, quinze milhões de brasileiros que vivem metidos na mais terrível miséria! Imaginem a gritaria que deve estar chegando aos céus e como Deus deve estar olhando o Brasil e dizendo: “Mas como é possível que esse povo tão rico possa tratar tão mal os seus pobres, tão mal as suas crianças, jogarem tantas crianças nas ruas?!” Tantas crianças sem escola, sem vacina, sem saúde! Na semana passada, estive no Nordeste ouvindo tantos falarem da miséria, da seca terrível. E sabemos que a seca existe, não porque Pedro fechou as torneiras do céu, mas porque os políticos enriqueceram-se com o dinheiro destinado aos poços e os fizeram em suas fazendas e não para o povo. É isso que Deus ouve. Esse grito imenso dos brasileiros.

E se falarmos da África? E se a África desse um grande grito? Toda ela está metida na miséria, porque não interessa aos Estados Unidos, não interessa à Europa. A África é o continente deixado, o continente excluído.

Como é possível que, três mil anos depois, essa frase seja tão atual, como era na época de Jesus, na época do povo de Israel? Talvez mais atual hoje que outrora. Porque o povo de Israel tinha o famoso ano sabático. A cada sete anos eles faziam uma redistribuição, uma reforma agrária para que aquelas pessoas que acumularam muito pudessem devolver os seus bens. Imaginem se esses fazendeiros, esses grileiros que tomaram esse território todo, a cada sete anos devolvessem aos pobres, aos sem-terra?! Não teríamos esse exército de famintos, essas favelas amontoando-se em Belo Horizonte, São Paulo e outras grandes cidades. Isso Israel fazia e nós, depois de três mil anos, não conseguimos.

Eu fico espantado com o atraso da nossa cultura. Esta frase está escrita há três mil anos. Parece que entra e bate como água no mármore, escorrega e não penetra. Será possível que não ouvimos ainda essas palavras? Será que é uma língua que não é a nossa? Ou para nós não é Palavra de Deus? É como se lhe disséssemos: “Você está longe, você não existe, você é uma brincadeira, você não é importante”. Se Deus fosse importante, não haveria miséria no Brasil, porque a coisa mais clara na Bíblia é a opção radical de Deus, desde o início, pelo menor do povo de Israel. Nunca optou por Salomão, nem por Davi. Apenas os colocou, para que cuidassem do menor, da viúva e do estrangeiro. Amém. (23.10.99)

(*) referência a Bill Clinton, então Presidente dos Estados Unidos

(**) Fundação Estadual do Bem Estar do Menor

SOMOS IGUAIS NA RADICALIDADE ***(Lc 18, 9-14)***

Esse Evangelho é profundo e até diria, socialmente revolucionário. Primeiramente, temos que localizar o momento cultural de Jesus e depois transferir para o nosso momento. Não é um Evangelho moralista, que dá um bom conselho. É um Evangelho que quer mudar a consciência social. Ele pretende uma mudança mais profunda na maneira de ver a realidade.

Primeiro: na época de Jesus, qual era a consciência social, a cultura daquela época? Qual era a visão social daquele momento cultural em que Jesus vivia? A sociedade era dividida praticamente em dois grandes grupos: os puros, os honestos, os cumpridores dos deveres e o povão simples, pobre, os que não conseguiam cumprir as leis. Uma distância gigantesca! Os fariseus eram aqueles que tinham condições econômicas, culturais de poder observar uma quantidade enorme de leis e regras. O farisaísmo chegou a criar mais de seiscentas pequenas normas para cada dia. Precisavam de uma memória muito boa. Precisavam de condições, até econômicas para as cumprir: lavar as mãos, tomar banhos e tantas outras coisas, que era impossível que as pessoas pobres pudessem cumprir a lei. É como quando os impostos são muito pesados e os microempresários precisam sonegar impostos, porque se pagarem, irão à ruína. Era uma exigência tão grande, que poucas pessoas podiam cumprir e esse fariseu era um desses poucos. Pagava o INPS (*) direitinho, pagava Imposto de Renda no dia certo, descontava tudo, nunca falsificava nenhum documento. Pagava IPVA, IPTU e tudo o mais. Era perfeito. Aquela pessoa que o governo adora. Se todos os brasileiros fossem assim, já teríamos pagado as dívidas interna e externa.

Mas a maioria é como o publicano. Esconde pra cá, duplicata pra lá, notas frias e todas essas coisas que já conhecemos e que também existiam na época de Jesus. Um desses comerciantes, no caso, era funcionário público, que fazia muitas jogadas por fora. Mas era humilde, coitadinho! Chegou no Templo, que era um só e ficou na porta, arrependido de não ter pagado todos os impostos. E o fariseu, lá na frente, vangloriando-se de toda a sua possibilidade. Qualquer judeu daquela época, que fosse perguntado sobre qual era o justo, responderia que era o fariseu. Quem voltou para casa justificado, isto é, reconciliado com Deus? O fariseu. O publicano era

o pecador, sem salvação. Essa era a resposta normal da época. Por isso a frase de Jesus foi revolucionária. Ele inverte e diz: “esse não é justificado. Aquele sim”. Não porque esse cumprira o seu dever, mas porque ele, em cumprindo o seu dever, despreza os outros. Esse é o problema. Se apenas cumprisse o seu dever, ótimo, estaria justificado. Mas não. Ele, cumprindo o seu dever, desprezava todo o mundo.

Passemos agora para a cultura brasileira. Uma vez, eu participava de uma mesa redonda – como já contei para vocês – e estava presente um dos maiores antropólogos brasileiros: Roberto Da Matta. Na palestra, ele disse essa frase que me impressionou muito: “A cultura brasileira cria em nós uma consciência de que há dois tipos de brasileiros: os superiores e os inferiores. Em qualquer situação em que estivermos”. O brasileiro nunca se pensa igual ao outro. Ele sempre se pensa ou inferior ou superior. Por qualquer razão que seja: cultural, econômica, profissional. Mesmo que a pessoa seja um *mequetrefe* qualquer. Se ele alcança um *postozinho*, já se sente superior. Coloca uma *fardinha*, fica na porta de um hotel, se passa um mendigo, já o manda retirar-se. Por que ele toma conta do hotel, se sente superior ao mendigo. Isso em qualquer cargo, mesmo que não tenha nada. Essa é a cultura brasileira. Pensem um pouquinho nisso. Reflitam sobre isso e comecem a trabalhar na sua realidade.

Nós bebemos isso desde crianças. Chega um padre, é importante, nos sentimos por baixo. Eu falo daqui de cima e vocês estão embaixo. Um juiz chega, é um *deus nos acuda*. Os advogados e funcionários *beijam o chão*. Chega um prefeito, *todos desmaiam*. Um vereador, nem se fala. O presidente, o papa, a gente vira pó de *pirlimpimpim (**)*. Nós sempre nos vemos assim. Será que Deus nos criou assim? E o que diria Jesus se contasse essa parábola para nós? Você não é superior nem inferior, você é igual. O superior não desce para ficar inferior, nem o inferior sobe para ficar superior. O importante é que um subindo e o outro descendo, se encontrem em nível de igualdade.

A revolução francesa, no século XVIII, proclamou como direito humano a igualdade e nós estamos longe de chegar a isso. Já se passaram dois séculos desde que foi formulada a trilogia da revolução francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – e até hoje o brasileiro pensa a si próprio e pensa os outros divididos em níveis diferentes. Precisamos acabar com essa idéia. Temos uma igualdade radical e fundamental.

Em primeiro lugar, somos todos seres humanos. Todos saímos da noite do animal. Todos, uns mais, outros menos. Chegamos ao patamar da racionalidade, da consciência, da responsabilidade e por aí somos iguais. Prosseguindo, somos iguais pelo batismo, que nos fez todos cristãos. Essas as duas igualdades radicais. De ser humano para ser humano. E para os cristãos, a força do batismo deveria arrancar da nossa cabeça essa idéia de superioridade em qualquer coisa. Inteligência, beleza, cultura não são sinais de superioridade. Nada disso faz ninguém superior a outro. Porque há o momento radical da igualdade – o momento da morte. Aí seremos absolutamente iguais.

Vimos de uma igualdade radical quando nascemos. Todos nascemos pequenos, carentes, chorando, mamando. Todos temos essa igualdade radical, humana, cristã. Mas colocamos essa diferença na cabeça, por cultura e uma cultura terrível, que começa lá na casa grande e na senzala, com os senhores fazendeiros e os escravos, depois os donatários nas Capitâneas, os coronéis do interior, os políticos que arrotam poder sem ser nada. Temos que terminar radicalmente com isso e redescobrir o que Jesus colocou hoje no Evangelho: aquele miserável que está lá atrás volta justificado. Ele é grande diante de Deus. Amém. (24.10.98)

(*) atual INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

(**) referência a um elemento da obra de Monteiro Lobato, “O Sítio do Pica-pau Amarelo”, que tem o poder de fazer desaparecer as pessoas.

O NOIVO DO DIA SEGUINTE

(Mt 25, 1-13)

Se estivéssemos no primeiro século, na época em que a comunidade de Mateus escreveu esse Evangelho, entenderíamos que o fim do mundo estaria próximo. Ficaríamos aguardando o momento em que o Senhor viria gloriosamente a julgar os vivos e os mortos. Eles viviam na iminência, na expectativa do fim do mundo. Era um pouco o clima desse primeiro século. Lentamente foram mudando de mentalidade.

Nós não estamos no primeiro século, mas no século XXI. Quem é esse noivo que vem? E que vem à meia-noite? Quem são essas jovens que carregam óleo e as que não carregam? É claro que o noivo é a história. É ela que está chegando a cada minuto. Hoje, dois de novembro, amanhã três. O noivo está sempre chegando e dando um grito. Cada vez que o relógio bate doze badaladas, começa um novo dia. É o noivo chegando. É o noivo do dia seguinte! Já pensaram que noivo bonito é esse – sempre do dia seguinte?! Não sabemos como será o dia seguinte. Eu conheço os noivos de agora, os que estão acontecendo neste instante. Mas como será o noivo do dia seguinte? Não sabemos. Mesmo que faltem apenas algumas horas. Entre essa hora em que estamos até a meia-noite, pode acontecer tanta coisa. Quantas pessoas poderão passar desta vida para a outra? Quantos poderão sofrer alguma coisa ou alegrar-se com outra? É sempre o noivo que está chegando, é a história que vai despontando.

Para nós, a história não é vazia, mas está carregada de Deus. Por isso, Jesus a chama de noivo. Pois praticamente o cristão identifica essa pessoa do noivo como o próprio Jesus. Não que Ele venha em pessoa, mas nos acontecimentos, nos fatos, nas horas, nos minutos, nos instantes, no fluir do tempo que está sempre chegando.

Talvez o que mais nos preocupe sejam as jovens. Cinco trazendo óleo e outras cinco não trazendo. Aí está todo o *grilo* da parábola. Quem traz o óleo e quem é que não traz? Vamos logo pensando que quem traz o óleo são os prudentes, os previdentes. Não! Isso está escrito, não precisa ser dito. Eu acho que quem traz o óleo é quem tem esperança. Quem não traz o óleo é aquela pessoa que só vive o minuto e o instante, agora e nada mais. Viver com a lâmpada acesa sem óleo é viver só o presente. Não sabem o que vem depois porque o óleo não dá para depois.

É uma lâmpada que acende somente naquela hora. Passada aquela hora, a lâmpada se apaga porque ela não tem futuro, não tem perspectiva, não tem utopia. E eu lhes pergunto: como vocês podem viver sem esperança? Como podem viver sem utopia? Como podem viver com uma lâmpada sem óleo? Como alguém pode querer viver apenas com esse pouquinho de óleo do instante, do presente, do aqui, do agora, dos prazeres imediatos, dessas *alegriazinhas novélicas*, como se a vida fosse um fluir de imagens vazias? Como poderemos viver assim? São as imprevidentes. Não têm esperança, não têm luz, não têm óleo para amanhã. Não têm nada dentro que construa um mundo mais amplo, um horizonte mais vasto. Esse óleo é o da utopia, da esperança.

Para mim, a esperança é o elemento mais sedutor, mais maravilhoso do Cristianismo. Diria até que é mais que a caridade. Teria a coragem de dizer que a esperança é mais importante que o amor. São João vai ficar bravo comigo, mas não faz mal, porque depois eu me arranjo com ele, no céu. A esperança é crer no amor. Pode ser que eu ame e não creia no amor. Esperar é muito mais! É acreditar que o amor é a maior força que existe. Há pessoas que dizem que amam e se acham felizes, mas não acreditam no amor. Esperar é crer no amor. É lançar uma ponte. É saber que o amor triunfa, que é maior que o tempo. Por isso os nossos mortos, que morreram no amor, vazaram todas as escuridões, ultrapassaram todos os horizontes sombrios, entraram e mergulharam na luz infinita. A esperança é essa certeza de que nos espera, após a morte, uma luz muito maior. Este é o óleo que carregamos! Como poderemos caminhar sem ele?

Eu diria mais ainda. A esperança supõe que nos voltemos para dentro de nós e nos perguntemos sobre o que há de mais profundo no nosso coração. Na verdade, o que é que nós somos? Será que sabemos a estrutura fundante da nossa existência? Será que já percebemos e entramos um pouco dentro do nosso interior e nos perguntamos se podemos nos satisfazer apenas com a luz deste instante? Já tomamos consciência de que somos seres de desejo, princípio-esperança, seres que buscam, que caminham, sempre vasculhando horizontes mais amplos? Se somos isso, como podemos ter uma lâmpada sem óleo? Mas somos alguém que nunca está satisfeito consigo, e Deus não permite que fiquemos satisfeitos.

Quando ouço alguém dizer que é plenamente feliz, eu fico triste. Ou ele mente ou é um animal. Não é possível que um ser humano diga que o instante o faça plenamente feliz. Apenas o animal é plenamente

feliz. Podem reparar. Eu sempre cito a vaca como símbolo da felicidade. Aquele olhar bonito, tranqüilo, sereno, engolindo todo o verde de todos os pastos. Mas ela não ultrapassa a sua *vacacidade*. Nós somos espírito, somos inteligência, somos liberdade, somos capacidade de amar o mundo inteiro. Não podemos ficar contentes apenas com um pasto verde. Ou somos animais, ou mentimos. Se não mentimos e nem somos animais, somos seres que caminham, seres que têm consciência de que sofrem, mas sabem que esse sofrimento é anúncio de uma felicidade.

Dói-nos existir, doem-nos as mortes, doem-nos as pessoas que partem, doem-nos ver os outros sofrerem, doem-nos a dor de tanta gente que está carregando sua vida pesada. Quem é feliz diante de tudo isso só pode ser como um cachorro que late no fundo do quintal, ou aquele *luluzinho* das madames. Mas se somos realmente seres humanos, vivemos esse jogo da felicidade, da alegria, mas também da busca, da dor, da caminhada.

Quando experimentamos os pequenos gozos e felicidades, podemos dizer que nos espera a eternidade dessa felicidade. Amém. (02.11.05)

A TEOLOGIA NOS DESCORTINA HORIZONTES INFINITOS (2Mc 7,1-2.9-14/Lc 20,27-38) (#)

Já que os meus companheiros do Curso de Teologia me provocaram, vou falar um pouquinho sobre a Teologia. Mas, antes, falarei sobre o Evangelho.

Para entender o Evangelho é preciso entrar um pouco a tradição de Israel. A Bíblia é como se fosse um grande tapete que vai-se desenrolando aos poucos. Os primeiros desenhos não são os últimos. Deus não nos revela o último desenho. Começa pelos primeiros, e o tapete vai-se desenrolando até chegar ao fim. Quando chega Jesus, aí todo o desenho está revelado.

Durante milênios, não se sabia, não se tinha clareza sobre a vida depois da morte. No primeiro desenho, acreditava-se que todos morreriam e a vida continuaria nos filhos e netos. Daí a importância de se ter filhos e netos, para se viver mais tempo, não em si, mas nos outros. Depois, acreditou-se que haveria um lugar escuro, uma espécie de grande porão, chamado *sheol*, para onde as pessoas, morrendo, desceriam, misturando-se bons e maus. É o segundo desenho. Vem depois um terceiro desenho, mais perfeito. Perceberam que aquele lugar escuro era separado: os bons de um lado e os maus de outro.

Somente duzentos anos antes de Jesus – portanto, alguma coisa relativamente recente – aparece este livro: Macabeus. Só aí fica claro que um dia Deus ressuscitaria homens e mulheres. Nesses duzentos anos, esse ensinamento começou a ser explicado. Quase todo o povo de Israel aceitou isso, exceto estes senhores, chamados saduceus, que continuaram com aquela teoria antiga. Sempre há conservadores, que preferem ficar com o passado. Esqueceram que o tapete já estava desenrolado, e ficaram com os primeiros desenhos, esquecendo os seguintes.

Jesus quer dizer que eles não entendem nada e que Ele, o Filho de Deus, sabe que o Pai irá ressuscitar a todos. Esse é um pouco o sentido do Evangelho.

Agora, um pouco sobre a Teologia. Desde 1958, é a única coisa que eu faço. Portanto, há quarenta anos, eu só estudo Teologia. E é uma coisa tão bonita, que eu nunca me arrependi. Arrependi-me de muita coisa que fiz na vida, mas não de me dedicar à Teologia. É a minha maior alegria, a maior festa, o meu maior prazer, pois é algo realmente fascinante.

Às vezes fico até triste, mas triste mesmo, quando vejo tanta beleza, tanta maravilha que tantas pessoas não conseguem ver. E sofro com isso. É como alguém que viu uma paisagem bonita, que um dia chegou diante do mar, viu aquela maravilha, enquanto outros só conhecem *tiriricazinhas* pequenas do seu quintal.

Eu tive essa graça – é graça, porque o Senhor me ofereceu a chance de mergulhar neste mistério. E eu não sei nada, porque é tão grande este mistério da Teologia, que sempre nos sentiremos pequeninos. Agora o papa (*) escreve uma encíclica tão bonita, chamada “Fé e Razão”, em que ele volta a dizer isso.

Homens e mulheres do mundo de hoje, toda vez que a razão humana se afasta da fé, da Teologia, ela anda por desertos terríveis. Ela ensina tanta coisa que só faz mal à humanidade. Entristece-me ver a quantidade de horas que as pessoas passam absorvendo a vacuidade de um Faustão, de todos esses programas de domingo, vazios de tudo. Dá tristeza pensar neste Brasil, nesta cultura que temos. É a cultura dos *fantásticos*, das televisões, de uma superficialidade espantosa, que não acrescentam nada.

Terminando um dia de domingo, pare e se pergunte: o que eu aprendi, que valor eu vi, que coisa iluminou a minha vida, deu-me existência, alegria de viver, coragem para que eu ande? Nada. É a vacuidade total. É irreverência, é crime, é sexo, é tudo misturado num amálgama terrível. E nós, com todos estes mistérios belíssimos: toda a Bíblia, toda a Patrística (**), todos os grandes teólogos, todas as reflexões. São dois mil anos em que se pensa a fé cristã. São dois mil anos! Não um *fantasticozinho*, uma *globozinha*, não. São dois mil anos de pessoas sérias, como Agostinho. Gênios que passaram toda a vida pensando. Um Tomás de Aquino, jovem ainda, tranca-se num mosteiro dominicano e escreve aquela obra belíssima – “Suma Teológica” – palavra por palavra, à mão, porque naquela época não havia computador, nem caneta. Era à mão, com uma *penazinha* de pássaro, com a letra quase ininteligível e ilegível. E todos copiavam os seus textos para serem lidos nas universidades. Não havia tipografia e, ainda assim, esses textos chegaram até nós. São lidos, relidos, copiados, coletados. São obras gigantescas. Só no ISI (***), temos mais de cento e vinte mil livros de Teologia. Só na minha casa. Claro que não os li todos, nem poderia. Mas estão lá, para iluminar a nossa inteligência, para nos lembrar que há algo maravilhoso.

Entristece-me também sentir tão pouco interesse em Vespasiano. Eu fui a Caxias do Sul dar um curso de Teologia para mil e duzentas pessoas. Cheguei lá, num ambiente desconhecido. De repente, entro no auditório e me deparo com mil e duzentas pessoas sequiosas. Durante cinco manhãs, cansados, pagando para ouvir. Depois, à noite, todos cantando teologia, numa festa gigantesca, como nunca vira na minha vida. Tanta alegria diante de uma simples teologia! Simplesmente falei de Deus para eles. Tudo isso numa cidade menor que Belo Horizonte, menor que tudo isso aqui. E lá eu senti toda essa sede de Teologia, como vejo em tantos outros lugares. Aqui, vejo sede talvez de outras coisas. Realmente dá tristeza. Não por eu ser teólogo, mas pelas águas cristalinas que não se bebe, pelo que há de bonito, pela beleza que não se vê, pelo prazer, pelo encanto que não se sente.

Podemos morrer sem ver, sem fazer coisas bonitas, mas se conseguirmos vê-las, será muito mais bonito. Amém. (07.11.98)

(*) João Paulo II

(**) referência aos santos padres dos primeiros séculos.

(***) Instituto Santo Inácio, residência dos jesuítas em Belo Horizonte.

(#) missa celebrada em ação de graças pelo término do sétimo ano do Curso de Teologia na Paróquia de N.S. de Lourdes, em Vespasiano (MG)

BEM-AVENTURANÇAS: A FELICIDADE QUE NINGUÉM NOS TIRA (Mt 5, 1-12a)

Quantas vezes, irmãos, vocês ouviram essas bem-aventuranças? Ora de Mateus, ora de Lucas – cada um com seu gênero literário próprio. Mateus mais sapiencial, um pouco mais longo, com mais propostas de bem-aventuranças.

Eu me perguntava por que essas bem-aventuranças? A palavra bem-aventuranças é uma palavra um pouco sofisticada para dizer **felizes**, nada mais do que isso. Jesus escolhe umas coisas raras para indicar o caminho da felicidade. Será que Ele não quis dizer que outras coisas não nos fazem felizes? É claro que não, porque Jesus não quer falar o óbvio. De alguém, por exemplo, num dia de festa, numa reunião com amigos. Todos alegres, todos conversam, naquela paz e serenidade. Que todos estejam felizes, é claro! Não era preciso Jesus dizer, nós experimentamos. Quando uma mãe dá à luz sua criancinha ou a carrega no colo, não precisa Jesus que essa mãe está feliz, as mães sabem disso. Quando a noiva entra na igreja, toda bonita, esparramando sorrisos, com o pai ao seu lado, sorrindo também, não precisa dizer que eles estão felizes. A experiência mostra. Jesus não quis falar daquelas felicidades que nós conhecemos. Um jovem passa no vestibular. Ele fica todo feliz e sai espalhando alegria pela rua. É claro que ele está feliz! Lembrem-se daquelas fotografias que se tiram no princípio do ano, quando saem os resultados dos vestibulares. Aquelas pessoas pulando, gritando, chorando de alegria. É claro que eles estão felizes. Não precisa Jesus dizer. É óbvio, nós sabemos.

Jesus escolheu aquelas felicidades que nunca pensávamos que nos fossem tocar. É essa a dialética de Jesus. Até nós, quando falamos, dizemos “pobrezinhos, coitados deles”. Jesus não diz coitado, diz feliz! É diferente. Por que Jesus diz que o pobre em espírito é feliz? Em Lucas é pobre, sem mais. Não faz mal, são apenas matizes diferentes. Nós diríamos coitadinho, pobrezinho. Imaginem um Bill Gates (*), olhando para esse país e imaginando como somos pobres e miseráveis. Com os seus sessenta bilhões de dólares, ele pode calar a boca de qualquer político desse país. Ele nem vai-se dignar olhar para nós. E Jesus diz que nós somos felizes porque somos mais pobres. Aí eu fico perguntando: por quê?

Procurei conversar com um grande filósofo, pedindo inspiração para ele. Tentei conversar com Santo Agostinho, mas como ele já morreu no quinto século, não pude conversar com ele. Mas, antes de morrer, deixou-nos um livrinho que se chama “Vida Feliz”.

Interessante, Santo Agostinho escreveu um livro sobre a vida feliz, onde imaginou uma conversa durante uma refeição. Convida para um banquete a sua mãe, que nós sabemos que é Mônica, que ele chama *Mater*, sem mais – minha mãe. Convida seu filho, seus colegas de reflexão filosófica e, claro, ele inventa um diálogo. Vai perguntando e as pessoas respondendo. A primeira pergunta que fez foi: “Vocês são felizes quando não têm o que querem?” Todos disseram: “Não, se queremos uma coisa e não a obtemos, ficamos infelizes”. Talvez fosse essa a nossa *respostinha*. Quando uma pessoa obtém uma coisa que é ruim, é feliz? Aí a Mãe disse: “Não. A gente só é feliz quando obtemos coisas boas e somos infelizes quando obtemos coisas ruins”. Agostinho diz, então: “Minha mãe, você é sábia!”

Imaginem vocês que algum jovem quer obter o que está querendo: uma dose de cocaína. Obtém, fica feliz. Vem o transe, depois aquela *cara de sexta-feira santa de tarde*, aqueles olhos escuros, a cara amarga, o estômago revoltado. Onde está a felicidade? Obteve o que quis, mas não é feliz. Felicidade é saber valorizar o que não temos.

Agostinho continua: “Mas se obtemos alguma coisa boa, sabendo que podemos perdê-la e por isso temos medo, seremos felizes?” Se a gente tem medo de perder, já se perde a felicidade. Pensem bem: eu comprei um carro zero km. Não sou feliz, porque a cada momento eu fico imaginando que ele poderá ser roubado. Sabemos que os ricos das grandes cidades já não saem mais com seus carros. São felicíssimos em vê-los na garagem. A garagem fica feliz, porque o dono tem medo de ser assaltado. O senhor como Bill Gates, com sessenta bilhões de dólares terá sempre medo que apareça outro concorrente, com um programa melhor que lhe leve a fortuna. Não dorme, fica com úlcera, infarto aos quarenta anos. Que felicidade é essa? Agostinho torna a perguntar: “Quando então poderemos ser felizes?” Um casal vive feliz, mas e se alguém rouba a sua esposa, o seu esposo? O pai tem um filho e esse filho vai trabalhar longe e nunca mais volta? Todas as realidades humanas nós podemos perder. Por isso, nossa felicidade é minada.

Daí Jesus diz: “Bem-aventurados os pobres, que vosso é o Reino de Deus!” É a presença de Deus e essa ninguém nos pode tirar. Todas aquelas experiências que Jesus descreve nessas bem-aventuranças são aquelas que ninguém pode nos roubar. Quem pode nos roubar a misericórdia? Ninguém. Quem pode nos roubar a mansidão? Ninguém. Quem pode nos roubar a sede pela justiça? Ninguém. Quem pode nos roubar a pureza do olhar? Ninguém. Podem cegar-nos, tirar-nos a visão física. Mas ninguém pode tirar a visão da transparência no coração de uma pessoa. Mesmo cega, ela vê com o coração. Ninguém pode tirar a presença de Deus na hora em que estamos aflitos. Ninguém pode tirar a presença do Pai quando Jesus estava na cruz. O centurião pode abrir-lhe o peito, rasgar-lhe o coração morto, mas não pode tirar-lhe o Pai. Os fariseus puderam xingar, blasfemar, zombar de Jesus, mas não puderam tirar o amor infinito de Deus Pai, que o envolvia naquela sexta-feira santa. Ninguém pode roubar-lhe a ressurreição. E ninguém poderá roubar-nos a eternidade que Deus nos promete e realizará. Ninguém poderá roubar-nos a ressurreição. Podem matar o nosso corpo, estraçalhar-nos, mas não podem impedir que esse corpo um dia seja glorioso e triunfante.

Somos fortes, porque grande é a nossa recompensa no Reino dos Céus. Amém. (07.11.04)

(*)milionário americano, dono da empresa de computadores
Microsoft

PONTOS DE TRANSCENDÊNCIA (Mt 25, 14-30)

É uma história. E a grande pergunta é esta: o que o Senhor quer nos dizer? Claro que não é uma aula de economia, não é Jesus falando para empresários: “você têm muito dinheiro, multipliquem este dinheiro porque eu vou lhes fazer feliz”. Jesus não era professor de economia. Não veio da Escola de Economia de Londres, mas da pobreza de Nazaré. Que coisa é ser mais e que coisa é enterrar os talentos? Essas são as grandes perguntas que o Evangelho não responde e sobre as quais temos que pensar. Jesus deixou em suspenso a pergunta e a resposta.

Eu diria que enterra os talentos aquele que se conforma com aquilo que é e não quer ser nada mais. Em qualquer aspecto da sua vida. É aquele que pára. Interessante que na mitologia esse problema foi muito conhecido. Também nas histórias infantis. Peter Pan era aquele menino que não queria crescer. Temos a história do menino do tambor, que ficava numa bolha porque não queria crescer. Parece que existe no ser humano o medo de crescer. Jesus diz que enterrar o talento é não querer crescer. Claro que não se refere a crescer fisicamente, mas interiormente.

Mas será que não podemos chegar a um momento – aos quarenta, cinquenta, e eu, aos setenta anos – e dizer que agora estamos cansados, já trabalhamos muito e queremos nos aposentar para o bem? Negativo. Nunca poderemos nos aposentar para o bem. As aposentadorias são para o INSS (*), não para a virtude, para o trabalho interior, para crescer, esperar, sonhar, desejar. Até o último instante, ou se quiserem, enquanto funcionarem os neurônios. Enquanto os nossos neurônios fizerem as sinapses e conseguirmos pensar, querer, amar, somos chamados, convidados, impelidos pelo Senhor para crescer. Portanto, não podemos nunca enterrar o nosso talento.

Há uma frase que repetimos muitas vezes e que mais ainda numa vida matrimonial, familiar, se repete: eu sou assim mesmo. Enterrar o talento é dizer exatamente essa frase. Nem o animal é assim mesmo. Até um cachorro pode ser domesticado, pode ser melhorado. Será que somos menos que um cachorro? Será que não poderemos trabalhar os nossos defeitos, desenvolver as nossas qualidades, cuidar das nossas arestas, cortar os nossos espinhos? Há pessoas em quem apenas nos encostamos e já saímos sangrando. Será que não podem tomar uma tesoura e cortar

os seus defeitos, seus limites e tentar melhorar? Enterrar o talento é não querer trabalhar a si mesmo, não querer crescer interiormente. É não ambicionar, não no sentido econômico, mas no sentido espiritual.

A segunda pergunta é: como nós podemos crescer? Eu diria que há três grandes correntes culturais atualmente que respondem a essa pergunta. Deixarei para que vocês escolham a que quiserem, desde que assumam a responsabilidade.

A primeira corrente, a mais forte, vai dizer-nos que seremos mais todas as vezes que alguma coisa de fora nos valorizar. Quando vestimos uma roupa de *grife* e achamos que somos mais. Quando saímos da garagem com um carro bonito e achamos que somos mais. E se conseguirmos uma Ferrari vermelha, como a do Ronaldinho, aí seremos muito mais ainda, porque toda cidade vai parar. Não serão cinco, mas milhares de talentos. É isso que o capitalismo, que a sociedade de consumo nos oferece. Vejam as propagandas: você é mais porque veste isto, é mais porque bebe Coca-cola, é mais porque prefere Skol e tantos outros mais. E, na nossa ingenuidade de crianças pequeninas, embarcamos nestes mais, como se fossem um grande transatlântico que nos conduzisse às praias eternas da felicidade.

Outra corrente oposta afeta apenas *uma elite da elite* intelectual, sofisticadíssima, principalmente no Rio e São Paulo e uma meia dúzia de belorizontinos. É o Budismo, que está crescendo muito no Brasil, como já cresceu na Europa. O Budismo diz exatamente o contrário. Devemos nos despojar totalmente dos nossos desejos, de tudo o que ambicionamos. Vamos para o alto contemplar, rezar, tentar ser feliz, perdendo até a nossa identidade. Apenas desaparecer num imenso *nirvana*, no imenso cosmo, beber da natureza. Se pudéssemos viver apenas de oxigênio seria o ideal, mas no máximo de algumas ervas. Vamo-nos tornando fininhos, enquanto outros malham nas academias, tornam-se musculosos. Saímos espiritualizados e podemos até sair voando, tanta é a leveza espiritual.

Entre as duas correntes está o Cristianismo, que vai dizer que não devemos desprezar as coisas terrestres, nem tampouco viver só de coisas espirituais. Foi Deus quem criou todas as coisas materiais. Portanto, elas são boas. Ele nos deu inteligência para criarmos toda esta microeletrônica que nos facilita tanto nas comunicações. Um simples e pequeno aparelho pode carregar tudo o que pensamos, desejamos, sonhamos. Tudo isso foi criado pela nossa inteligência, que nos foi dada por Deus. Portanto, tudo isso não é mau.

Mas é importante tomarmos consciência de que todas as coisas materiais são símbolos de uma realidade maior que nós. Aquele que não consegue ver assim é um materialista, um consumista. Devemos olhar as coisas materiais e nos perguntar o que elas significam, que pontes elas nos lançam? As coisas materiais servem para que possamos voar alto. É a imanência, são as coisas terrestres como instrumento para que o nosso corpo se perca no azul da transcendência. Para isso elas existem. São reflexos da face infinita de Deus. E se não conseguirmos ver a face infinita de Deus nas coisas, estaremos nos perdendo nelas. Aí elas nos fazem mal, não por serem materiais, mas porque, ao invés de revelar-nos a face transcendente de Deus, a escondem e nos perdemos na sua materialidade. Ficamos materiais, com o olhar perdido, a esmo, carregados de baixezas que nenhuma presença de espírito consegue acender. Nos tornamos noites escuras.

O Senhor nos lembra que nas noites escuras Ele acende as estrelas para nos nortear e, durante o dia, acende o sol para nos orientar. Com as estrelas e com o sol podemos caminhar e cada estrela é um ponto de transcendência que Deus imerge nas coisas para que, olhando-as, descubramos luz e caminhemos um pouco mais felizes.

Vou dar mais um exemplo: comer e beber são fundamentais para a existência humana. Por isso lutamos contra a fome. É importante comer, beber. Queremos isso para todos. Mas comemos como seres humanos, como quem convive. Não apenas para viver, mas para conviver. Quanta diferença! O animal come para viver, nós comemos para conviver, para conversar, para olhar, para trocar idéias, para sonhar, para desejar, para amar. O que mais nos destrói é transformarmos os atos da natureza em elementos que reduzem a nossa espiritualidade, a nossa mística. O que nos faz místicos não é acumular coisas, mas descobrir a presença da transcendência em todas elas.

Na mais escura noite brilha a estrela de Deus. Amém. (13.11.05)

(*) Instituto Nacional do Serviço Social

A REALEZA QUE RECEBEMOS NO BATISMO ***(Jo 18, 33-37)***

A festa de Cristo Rei é relativamente recente na liturgia. Sabemos que a liturgia não é algo que se constrói de ontem para hoje, mas por séculos e séculos. Há textos rezados na missa que existem há mais de mil e quinhentos anos. Festas que se celebram desde o quarto século. Portanto, a liturgia tem uma longa tradição. Mais precisamente, esta festa foi criada por Pio XI, o papa que morreu no início da segunda grande guerra, em 1939. É uma festa recente para a liturgia.

Mas o que interessa é perguntarmo-nos: o que significa esta palavra rei, aqui nesta festa? Eu acho que todos nós, aqui nesta igreja, devemos ter visto, ou pelo menos ouvido falar, que morreu aquela princesa inglesa, a Diane. Talvez alguns tenham visto na televisão, inclusive o grande palácio de Buckingham, onde vive a rainha. Também há palácios reais na Bélgica, na Espanha, na Suécia, onde há reis e os palácios podem ser visitados pelos turistas. Na Europa, alguns países ainda conservam a realeza, um pouco mais simbólica que real, mas há reis e rainhas que conservam as pompas, os trajes, os tronos. Esse é o conceito de rei da nossa sociedade.

Jesus nada tem a ver com isso. Este título vem da Bíblia. O primeiro documento importante da história da humanidade pertence ao mundo jurídico e chama-se Código de Hamurabi. É um texto de mil e oitocentos anos antes de Cristo. Antes de Moisés, antes de Abraão, já existia esse texto, em que esse rei dizia – há três mil e oitocentos anos – que a função do rei não é proteger os poderosos, os grandes, os banqueiros. Esses não precisam, porque se defendem. Não é preciso defender os empresários, os grandes banqueiros, os grupos econômicos, os especuladores, porque eles se defendem. Eles sabem fazer as suas jogadas de bilhões de dólares. Isso me deixa pasmo com o atraso da humanidade. Há três mil e oitocentos anos esse rei dizia que temos que defender o órfão, a viúva, o estrangeiro, o que chamaríamos, em português moderno, o excluído, o marginalizado. Exatamente o que não fazemos.

Os escritores da Bíblia tomaram essa imagem de rei nas primeiras culturas da humanidade e se perguntaram quem seria o nosso rei. Só poderia ser Javé. Javé, o Deus do Antigo Testamento, fazia isso: protegia os pobres, estava ao lado do órfão, da viúva. Imaginem uma sociedade

antiga, patriarcal! A viúva não tinha nada, o órfão era um desamparado, o estrangeiro era um rejeitado. Naquela época era terrível, e Javé era pensado assim. Esse era o conceito de rei. Por isso, Israel não queria ter um rei terreno. Para que Salomão e Davi fossem reis, houve uma luta tremenda, pois o povo temia que os reis da Terra despissem essa imensa e maravilhosa imagem de rei que tinha Javé. Mas houve uma imensidade de reis na cultura judaica, que não seguiram a tradição. Construíram seus palácios, foram dominadores, opressores, tudo aquilo que não deveria ser um rei, segundo Israel.

Vem Jesus, e na sua vida há dois momentos em que o quiseram fazer rei. Uma vez, quando fez o grande milagre da multiplicação dos pães. Imaginem aquela multidão enorme, todos animados, querendo fazê-lo rei. Seria a hora de Jesus fazer a sua *campanha eleitoral*. Depois de um milagre daquele seria eleito rei de Israel na mesma hora! Mas o Evangelho diz que Ele fugiu. Imaginem um candidato eleito, sendo aclamado, escondendo-se e fugindo! Não acharam mais Jesus e não o fizeram rei. No dia seguinte, encontram-no e Ele diz: “Vocês quiseram me fazer rei, mas não pensem que vou ser rei para fazer milagre. Não é essa a minha realeza. Eu vim para trazer bondade. Eu vim ensiná-los a encontrar a verdade. A verdade de si mesmos, da cultura, da história, da sociedade. É esse reinado que eu quero”.

Quando Ele está totalmente sem poder nenhum, quando tem na cabeça uma coroa de espinhos, quando carrega um manto de púrpura, cor de seu próprio sangue, e tem como cetro um pedaço de cana, aí Ele aceita ser rei. Quando não haveria nenhum perigo de alguém pensar que Ele era rei como Pilatos, como um imperador romano. Daquele jeito, humilhado, massacrado, flagelado, coroado de espinhos, Ele diz diante de Pilatos: “Eu sou rei!” Ninguém poderia imaginar. Pilatos não iria perguntar quantos exércitos Ele tinha, como Stalin (*) perguntou certa vez.

Não sei se vocês sabem desse fato da vida de Stálin. Ele perseguia a Igreja Católica e seus conselheiros lhe disseram que isso lhe causaria muito mal, porque o papa tinha muito poder. Stálin pergunta: “Quantas divisões de tanques ele tem?” Responderam: “Nenhuma”. E ele conclui que não havia nenhum perigo. E esse comunismo caiu alguns anos depois. É esse o tipo de reinado que conhecemos.

Mas o verdadeiro reinado nós o recebemos na pia batismal. Quando somos batizados, o sacerdote unge a nossa testa com o óleo do crisma

e diz: “Tu pertences ao Povo de Deus, sacerdote, profeta e rei!” Cada um de nós – homens e mulheres, desde as menores criancinhas – somos sacerdotes, profetas e reis. Essa realeza ninguém nos tira. Não é a realeza dos palácios europeus, britânicos. Essa não vale nada, porque desmorona e acaba. Num instante, o melhor carro do mundo espatifa e lá se vai a princesa, com toda a sua realeza (**), para o outro lado. Mas a nossa realeza ninguém ameaça. Ela é marcada pelo batismo. É a marca indelével que carregaremos sempre. É uma realeza de mãos abertas, não fechadas. Essa festa é também nossa! Amém. (22.11.97)

(*) referência a Joseph Stalin, Chefe de Estado da ex-União Soviética, de 1924 a 1953

(**) referência ao acidente automobilístico que causou a morte da princesa Diane, em agosto de 1997.

ADVENTO É TEMPO DE CONFIANÇA (Lc 3, 1-6)

A nossa liturgia parece brincar conosco. Ela mistura as chegadas de Jesus. No domingo passado, ela nos falava da segunda vinda de Jesus, dessa chegada ainda não chegada. Daqui a pouco, falará da chegada pelo nascimento, e hoje fala da chegada de Jesus adulto, quando inicia a sua vida pública. São três adventos. O último, que ainda não aconteceu, o advento do nascimento e, agora, o advento da sua chegada como homem adulto que vai pregar. Antes dele, a liturgia apresenta João Batista.

Várias coisas são importantes nesse Evangelho. Primeiramente, Lucas faz questão, como historiador que era, de situar Jesus na história. Jesus não é um ser que andou pairando por aí, um ET. Ele veio ao nosso mundo, num dado momento histórico: quando havia um imperador – Tibério; quando havia um governador na Judéia – Pôncio Pilatos; quando havia um rei na Galiléia – Herodes; quando havia, naquelas regiões circunvizinhas, governadores – Filipe e outros; quando havia dois sumos sacerdotes – Anás e Caifás. Lucas coloca todos esses dados para dizer que Jesus entrou na nossa história. Hoje eu diria: sendo Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso; sendo governador de Minas Gerais, sendo prefeito e assim por diante. Diria todos os dados da história, para dizer que estamos vivendo na *real realidade* concreta. Jesus veio para o povo, situado no tempo e no espaço. Portanto, a encarnação é bem concreta. Ele viveu numa cultura, num tempo. Por isso, temos que, continuamente, tentar captar a mensagem de Jesus daquele tempo para o tempo de hoje.

A segunda idéia fundamental de Lucas é tirada de um texto muito bonito do Antigo Testamento. Ele o coloca na boca de João Batista, interpretando-o. Em primeiro lugar, a palavra de Deus vai buscar João Batista no deserto. Deserto para Israel é um lugar privilegiado. Não é como o nosso sentido de deserto – só areia, escorpiões, serpentes. Esse é o nosso conceito moderno, pobre, não simbólico de deserto. Para Israel, deserto é o lugar da intimidade, da proximidade com Deus. O povo morou quarenta anos, isto é, um tempo longo, no deserto. Lá assistiu as grandes aparições de Javé, recebeu a Lei. Lá Moisés falou face a face com Deus. Lá os relâmpagos anunciaram a vinda de Deus. Lá Deus fez os milagres e se aproximou do povo. Deserto é, portanto, o lugar de encontrar a Deus,

estar perto dele. Lá estava João Batista, o homem carregado de Deus. Mas deserto é também o lugar de teste, de provação. Lugar das dificuldades, porque lá foram tentados, passaram fome e sede, protestaram, tiveram que esperar que Deus realizasse o milagre. Não na hora, mas na paciência, na busca, na espera.

Assim é nossa vida. Somos deserto porque lá está Deus falando, mas também é um teste da nossa vida. Sempre queremos soluções imediatas que não vêm. Procuramos emprego e não achamos. Um, dois anos. É deserto, o lugar da prova, do teste, lugar da esperança, lugar de acreditar que Deus não vai falhar, como não falhou.

Depois vêm três imagens, também elas belíssimas. As montanhas e colinas, isto é, os orgulhosos e poderosos, aqueles que querem estar em cima. Diante de Deus não há colina, não há montanha. Subam o quanto quiserem e continuarão *na baixura mais baixa* diante de Deus – as montanhas serão aplainadas, os vales serão levantados. Essa é a jogada infinita de Deus. Ele tem uma paixão imensa pelos pequenos. Esses, Ele toma no seu colo, nos seus braços e levanta – os vales serão levantados, enquanto as montanhas serão abaixadas. E nós que andamos, muitas vezes, por caminhos tortuosos? Tantos jovens perdidos!

Tenham confiança, o Advento é o momento de endireitar os caminhos. Aqueles que estão perdidos por aí, *sem eira nem beira*, acreditem, esperem, saibam que é o momento do Senhor endireitar, arrumar os nossos caminhos. Quantos pais, quantas mães choram lágrimas de preocupação pelos seus filhos?! Bate meia-noite, batem duas, três horas da madrugada e nada de eles chegarem. Os corações sentem e sofrem nesses momentos em que os jovens querem encontrar seus caminhos contrapondo-se. É nessa hora que devemos lembrar dessa profecia, da força de Deus para endireitar os caminhos.

E uma última mensagem é de imensa confiança: todos verão a salvação. Mas será que todos irão acolhê-la? Será que todos irão aceitá-la? Será que todos irão querê-la? Essa é a grande interrogação que ficará suspensa até o último dia da história. Amém. (06.12.97)

ATRAVESSANDO O RIO JORDÃO

(Mt 3, 13-17)(#)

Imaginem que vocês estão do outro lado do Jordão, e por isso eu tenho pena de vocês. Estão do lado da escravidão, das cebolas do Egito, daquele faraó dominador que transformava os escravos em alicerces de suas construções, que se julgava um deus soberano, que podia dispor da vida dos outros.

Corre aqui o Jordão, um rio inspirador. Um riozinho pequeno que nos assusta pelo seu tamanho, mas que é carregado de simbolismos, de belezas. É do outro lado que também estava Josué, estava Moisés, que também não passou, porque morreu antes. Josué, ainda na escravidão, se encoraja e atravessa o rio e cerca Jericó e, com suas trombetas, faz desabar a Jericó dos deuses, das falsidades, das mentiras. E ele entra na liberdade.

Se soubéssemos a beleza desse sacramento que vamos receber, se os olhos físicos conseguissem ver o invisível do sacramento, o nosso rosto se iluminaria. Mas o sacramento se vela. Se Moisés, que era apenas Moisés, ao descer do alto da montanha, teve que cobrir o rosto porque os judeus não eram capazes de olhar para a sua face, tamanho era o brilho, imaginem que quem está nesse rio não é Moisés. Quem está nesse rio é o *logos*, o Verbo Eterno, é o Filho Unigênito de Deus. Desde toda a eternidade é Ele quem está nesse rio Jordão. Mas também Ele sabia que éramos e somos frágeis. Vestiu sua liberdade de uma humanidade direta e imediata que chamamos corpo. O corpo é o maior sacramento que temos da nossa interioridade.

Uma coisa que me ensinaram desde pequeno, e que procurei aprender ao longo de toda a minha vida, é ler os corpos dos outros. Ler o rosto das pessoas, ler a dor, o sofrimento. Ler também o vício quando encontro rostos empapuçados e feios. Não da feiúra física, mas do vício, da sensualidade. É terrível! E há os corpos das criancinhas que choram, gritam, ocupam todos os espaços com sua absoluta inocência. É o maior sacramento que temos. Por mais que queiramos maquiagem, por mais que os *pitanguys* (*) trabalhem o corpo das mulheres, ele não mente.

Por isso, o corpo passa pelo batismo. Por isso, também o corpo de Jesus passou pelas águas. Por isso, quando aqueles soldados tremendos

viram a água do Jordão se transformaram. Precisariamos de um Jordão imenso neste Brasil, para nele mergulhar toda a Câmara dos Deputados, Senado, Ministros, Tribunais. Precisamos de muitos *jordões* neste país.

Que cada um de nós pense nisso. Nós também precisamos passar neste Jordão, para que toda a sujeira, todo o mal, toda a perversidade saia de nossa vida e cheguemos à pátria da liberdade, simbolizada por esta mesa, na qual o Senhor será pão e vinho. Amém. (24.12.05)

(*) referência ao cirurgião plástico Ivo Pitanguy

(#) homilia proferida por ocasião de uma celebração comunitária do sacramento da Penitência

A TRANSFORMAÇÃO DA HISTÓRIA COMEÇA NO MISTÉRIO DO CORAÇÃO DE DEUS (Lc 2, 1-14)

Aquela noite em que Jesus nasceu foi bem diferente desta noite que celebramos hoje. Naquela noite, só os céus, Jesus, Maria, José e outras pouquíssimas pessoas souberam do fato. O grande Império Romano dormia a noite dos seus deuses. Não tinha olhos para perceber que lá, naquele recanto, longe daquele império, numa cidade pequena e desconhecida, chamada Belém, nascia o próprio Filho de Deus. Só os céus sabiam. Maria, a mãe; José, o pai que foi dado a Jesus aqui na Terra; e, segundo a narração de Lucas, os anjos avisaram aos pastores.

Lucas quer mostrar o nascimento de Jesus como um grande mistério que está acontecendo. Se ele narrasse como narram os livros de história, quebraria essa beleza enorme do mistério. A nossa maneira de narrar as coisas é muito objetiva e fria. Imaginem se ele dissesse que Maria estava num hospital e chegara um médico para ajudar no parto?! Nada disso. Lucas nos conta esse fato vestido pela sacralidade e profundidade do que estava acontecendo. Deus Pai não quis que Maria tivesse sequer os vizinhos junto dela. No mistério de Deus, Jesus foi levado para um lugar onde era totalmente desconhecido. Se Ele tivesse nascido em Nazaré, as famílias vizinhas os conheceriam. Era uma cidade pequena. Maria certamente era uma menina conhecida pela sua beleza, pela sua transparência, pela sua simplicidade. O nascimento de Jesus em Nazaré seria uma festa. Mas Deus quis mudar a história humana. Ele quis inverter a nossa maneira de pensar. Quis provocar a revolução maior, que jamais aconteceu na história. Até então, a história era pensada a partir dos grandes e poderosos, daqueles que constavam nos livros. Deus quis mostrar que a realidade mais profunda começa no silêncio, na pobreza, na simplicidade, no amor carinhoso de Maria.

Ele não quis que seu Filho nascesse na sede do Império Romano, não quis que nascesse na sede da cultura, que era Atenas. Não quis que nascesse nem em Jerusalém, a capital religiosa do povo de Israel. Nem sequer na sua própria cidade, onde trabalhavam seus pais. Fez Jesus caminhar, fez Maria e José caminharem quilômetros e quilômetros, para um recanto desconhecido, sem que ninguém soubesse nem o dia, nem a

hora. Até hoje não sabemos o dia em que Jesus nasceu. Celebramos no dia vinte e cinco de dezembro, mas não sabemos. Não consta em nenhum documento deste mundo, a não ser nos registros eternos de Deus, o lugar, a hora, o minuto em que nasceu Jesus. Isso é um mistério que um dia poderemos lhe perguntar, mas quando foi, se fazia frio, se chovia, se havia estrelas, se era noite, nunca saberemos. A história jamais conheceu qualquer dado do nascimento mais importante.

Só para uma pequena informação, esta festa de natal começou a ser celebrada no dia vinte e cinco de dezembro, a partir do quarto século, isto é, quatrocentos anos depois. E hoje, para nós, este dia é importante. Mas, na profundidade do mistério de Deus, essa data ficou escondida porque Ele quis começar a transformação da história humana no *escondimento* do seu coração.

Isso é uma lição muito profunda, porque hoje qualquer pessoa, que se julgar a menor, a mais pecadora, a mais marginalizada, a mais excluída, pode dizer a si mesmo que Deus está a seu lado. Ninguém mais pode se julgar excluído, porque Ele escolheu exatamente o último lugar para se colocar e daí criar toda a história humana. Ele cria de baixo. Não vem de cima. É nesse mistério que Deus escolheu traçar a história. Bem de baixo, dos pequenos, não dos poderosos, mas dos humildes, de uma mulher desconhecida, de uma jovem, uma virgem que não podia ainda dar a luz. Ele escolheu o mistério, a profundidade do silêncio.

Essa música que cantamos, “Noite Feliz”, numa versão bem brasileira, em seu original foi composta por um simples organista de uma igreja do interior da Alemanha. Começou a tocar numa noite inspiradora e essa música se universalizou. Mas, em alemão, ele não diz noite feliz, diz *stille nacht, heilige nacht* – noite santa, noite silenciosa. É no silêncio, é na calma, é na tranqüilidade que nasce o Verbo de Deus. Ele não nasce no barulho, não nasce nas luzes, no foguetório. Nasce num recanto desconhecido, para começar a tecer a história.

Os Santos Padres têm uma imagem muito bonita para o mistério da encarnação. Eles dizem que nós éramos como um barco que andava à deriva, por lugares muito perigosos, onde havia muitos rochedos. Se os barcos vão andando em meio aos rochedos, em pouco tempo se estraçalham, e todos que estão dentro naufragam. Deus, em sua sabedoria, escolheu um *barcozinho* pequeno, como um guia, que fosse conduzindo todos os outros, para que nenhum barco rasgasse a sua quilha nas rochas. Esse

pequeno barco chama-se Jesus. Ele vai à frente. Se não quisermos segui-lo, podemos novamente nos perder. Mas se seguirmos esse barco, podemos ter certeza de que sairemos do ponto em que estamos e esbarraremos na terceira margem, ao encontro da eternidade. Amém. (24.12.97)

A ARTE DE FORMAR-SE (#)

Naturalmente, fazer uma palestra sempre é desafiante, mas falar em Vespasiano é um prazer. Ontem mesmo eu estava num ambiente bem diferente. Na PUC, está começando um grande seminário internacional sobre a sociedade inclusiva, que é um tema muito interessante, e coube a mim fazer a palestra inaugural. Era um ambiente bem mais solene. Aqui eu me sinto em casa, diante de algumas pessoas que eu conheço de rosto e outras, mais que de rosto.

É um tema do qual não costumo falar muito, porque está fora do âmbito da Teologia, mas com o qual venho trabalhando desde muitos anos. Na década de sessenta, tornei-me orientador de estudantes brasileiros que estavam em Roma. Como eles chegavam lá muito despreparados para enfrentar uma grande universidade europeia, eu funcionava como uma espécie de tutor. Introduzia-os na vida intelectual. A partir daí, sempre me interessei e fazia-me essa pergunta: como é que podemos nos ajudar, para que nós mesmos nos formemos?

Vocês sabem que a etimologia é muito importante para marcar uma palavra. Se tomarmos a palavra formar, encontraremos dentro dela a palavra “fôrma” ou “forma”. É interessante que, em português, cabem as duas palavras. A arte de formar-se é a arte de se dar uma forma e se dar uma fôrma.

Quando olhamos a questão da formação, percebemos que, na história da cultura, três grandes tendências se manifestaram. A mais tradicional de todas – com a qual os mais antigos sofreram, e, graças a Deus, esta geração jovem já não sofre – é esta idéia de que o educador tem a fôrma e a impinge sobre o educando. A idéia de que o mestre sabe, e o discípulo não sabe. O professor sabe, o aluno não sabe. O professor vai ensinar, vai passar os seus conhecimentos para os seus alunos. Vai passar-lhes essa fôrma que eles devem colocar sobre si mesmos.

Até a década de sessenta, essa era praticamente a pedagogia dominante. Aí apareceu um brasileiro que começou a questionar seriamente isso. Todos vocês já devem ter ouvido falar de Paulo Freire. Ele começa a se questionar, porque inicia um trabalho com analfabetos no Nordeste. Ele pensa se ensinaria: “Pedro tem uma bola”. “Maria brinca com boneca. Lili com Lulu. Lalá com Lelé”, como aprendíamos na escola primária. Seria

válida essa forma de ensinar para homens barbados, com uma experiência enorme, que podiam ser pais dele, uma vez que era jovem naquela época? Chega à conclusão de que não poderia passar uma educação bancária, como se os alunos fossem a um banco, pedissem dinheiro e levassem o dinheiro para casa. A cultura bancária não lhe satisfazia. E ele forja a palavra conscientização. Começa a usar o que a pessoa já tem dentro de si. Ela só precisa tomar consciência do que já é. Formar-se não é impingir uma forma que o educador tem, mas acordar na pessoa aquilo que ela já tem naturalmente, ajudada por um educador. Ele introduz essa grande idéia da conscientização.

Mas é bom saber que Paulo Freire não descobriu nada. Há mais de dois mil anos, lá na Grécia, houve um grande pensador, que não escreveu nada, mas deixou o nome – Sócrates –, e se fez conhecimento através dos escritos de Platão. Ele introduziu e criou um método, dizendo que a educação é maiêutica. E tirou essa idéia de vocês, mulheres. Maiêutica é parto. O maieuta é aquele que faz nascer a criança que já está no ventre da mulher. E ele diz que “o educador é o parteiro ou a parteira”. Essa é a idéia de Sócrates. Ele achava que cada criança já carrega dentro de si o adulto que ela será amanhã. Caberia a nós ajudá-la a nascer. Formar-se é fazer nascer a criança que já existe em nós. Por isso eu não falo em arte de formar, mas em arte de formar-se. Coloquei um pronominal muito importante. Isto é, como vou fazer nascer a criança que existe dentro de mim?

É claro que a razão socrática já não serve mais para nós, porque não pensamos mais como ele. Sócrates imaginava que tínhamos uma alma imortal e divina. Que, antes de assumir o nosso corpo, ela tinha contemplado todas as idéias puras – da beleza, do bem, da verdade – e, ao encarnar-se no corpo, esqueceu. Teve uma amnésia, mas já tinha tudo dentro. Caberia a nós ir acordando essas idéias no seu inconsciente, nessa grande memória que ela já trazia para a Terra.

Prescindindo da idéia de Platão, e mudando a sua concepção, porque a maioria dos filósofos já não acredita que haja uma alma que anteceda a nossa existência, podemos acreditar e aprender de Sócrates que a maiêutica é válida também. Isto é, uma criança com sete, doze anos, e nós, adultos, carregamos sempre uma série de elementos. Hoje a etologia, a psicologia profunda, a biologia, as biociências, os que estudam a decodificação do genoma sabem que carregamos uma carga hereditária enorme. Leonardo

Boff está trabalhando muito isso e diz mais. Nós carregamos quinze bilhões de anos de memória. E aprendemos agora uma coisa genial: que a matéria inanimada, o próton guarda e passa informação. As próprias substâncias químicas carregam informação. Nós somos muito mais que um conjunto de substâncias químicas. Temos uma quantidade imensa de informação. Antes de ligarmos qualquer computador para nos informar, já temos todas as informações que carregamos na nossa genética, no nosso inconsciente, que trouxemos de nossos pais, de nossa infância. Podemos dizer que formar-se é acordar muita coisa que já existe dentro de nós. E eu acrescento um novo elemento: uma relação dialética entre o formando e o formador. Não basta incutir, não basta acordar. É preciso uma relação com quem acorda. Como é preciso a parteira para fazer nascer a criança, é preciso o educador para fazer nascer a criança que existe em nós.

Não vou falar de formação de criança, mas sim para todos nós, adultos. Eu me inspirei num grande pedagogo francês, J. Delors, que tem um famoso relatório. A UNESCO, isto é, o departamento da ONU que se dedica à educação, pediu-lhe, no final do século passado, que pensasse seriamente, consultasse o mundo inteiro e dissesse quais seriam os pilares da educação do próximo milênio, no qual já estamos. E eu formulei quatro frases, que tomei do seu relatório e elaborei a partir da minha própria experiência: aprender a pensar, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser. Depois, no meu livrinho, eu coloquei mais uma: aprender a descobrir a própria vocação.

Aprender a pensar, aprender a conhecer. Não é pensar, mas aprender a pensar. É diferente. Pensar, todos nós pensamos. Mas aprender a pensar é entrar numa mecânica, numa dinâmica, que coloca a nossa inteligência para funcionar numa linha organizada. Como se aprende a pensar, como se aprende a conhecer? É a primeira pergunta.

A dificuldade que temos para pensar hoje é que vivemos num mundo fragmentado culturalmente. A fragmentação cultural impede o pensar. Um pensador francês, que numa época foi até guerrilheiro – Régis Debray – escreveu um livro sobre Mediologia. Não tem nada a ver com médiuns e espiritismo, mas sim com a ciência da comunicação. Ele introduz uma distinção muito interessante entre transmitir e informar, que não são a mesma coisa. Informar é fazer circular informações horizontalmente. Por exemplo: “os Estados Unidos bombardearam um hospital em Cabul”. Vem a notícia e roda o mundo inteiro. Isso é informar. Amanhã se fala de um

desastre, depois de uma catástrofe da natureza. Tudo fragmentado. Que relação tem a catástrofe, com o atentado, com os problemas do governo brasileiro? Recebemos uma quantidade gigantesca de informações que vão circulando pelo mundo inteiro. Pode acontecer na Austrália, pode ser em Cingapura, agora nossas atenções se voltam para o Afeganistão, em outra ocasião é o problema da droga, na Colômbia, e assim por diante. Tudo isso é informação, não transmissão. Não leva a pensar. Quem se informa não pensa, informa-se. Não vamos confundir as coisas. Não precisamos pensar, porque podemos gravar e a *maquinazinha* não pensa. Pensar pertence ao mundo da transmissão.

Transmissão supõe, primeiramente, um sujeito social. Por exemplo, a escola, a universidade, um grupo humano. Recebem uma tradição do passado, elaboram-na e a levam adiante. Pensar é contextualizar as idéias. A fragmentação corta-as, separa-as. É como se tivéssemos um imenso mosaico e, com a tempestade que houve, ele se quebrasse em pedacinhos. Ficaria tudo solto por aí. Isso é informação. Pensar é pegar esses pedacinhos, colá-los de tal maneira que, no final, aparece a face daquela pessoa que o mosaico mostrava. Isso é pensar. Eu só penso quando sei que uma idéia que tenho hoje, teve um ontem, tem um hoje e se projeta para o amanhã. É só no contexto que eu posso localizá-la no tempo e no espaço. Uma coisa é uma idéia dita em Atenas, outra coisa é a mesma idéia dita numa tribo indígena. Eu tenho que conhecer o lugar geográfico onde nasceu essa idéia e a época de onde ela se originou. Se não sou capaz de localizar as idéias, não sou capaz de pensar. Só consigo entender uma realidade quando eu compreendo de onde veio. A coisa menos pensada e pensante é citar frases isoladas. Posso dizer “Platão disse”. Mas quem é Platão? É jogador do Vasco? Tenho que saber que Platão foi um filósofo grego que viveu antes de Cristo. Eu localizo e vou saber que viveu na Grécia, quando estava começando a grande Filosofia.

Se eu digo Marx, terei que saber que era um alemão que viveu no século XIX, no momento de uma forte crise econômica e conheceu o capitalismo manchesteriano (1). Aí eu posso entendê-lo. Se tomar uma frase de Marx, não poderei entender, se não souber de onde lhe veio essa idéia, o que lhe provocou essa idéia. Se não sei que ele estava em Londres, estudando o violento capitalismo inglês, em suas piores fases, não posso entender “O capital”. Posso tomar qualquer poeta brasileiro. Posso tomar a literatura. Se eu não sei localizar um poeta romântico, vou achar tudo *água*

com açúcar. Se eu tiro uma poesia de seu contexto, nunca vou entender que o autor vinha de um país tropical e estava exilado em Portugal, como no caso de Gonçalves Dias, em “Canção do Exílio” – “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá...”

Eu só posso entender os poetas, os literatos, os pensadores, as pessoas, dentro do seu contexto. Até pelo diálogo dos adolescentes com os seus pais, se eu não tiver a localização geográfica e histórica, eu não consigo pensar. Como posso falar-lhes de moinhos e fazendas, se não viveram essa realidade? Pensar é contextualizar, é situar a história, conhecendo o passado, sabendo que existe um presente e que essa idéia se projeta para o futuro. Ela é semente do futuro.

Pensar é saber relacionar. Hoje, uma das categorias mais importantes do pensamento é a relação. Antes era essência. Quando perguntamos: “o que é isto?” Todos podem dizer: é um microfone. Hoje a pergunta mais importante é para que serve este microfone, que relação ele estabelece? Vejam a diferença! Ele faz com que eu me comunique melhor com vocês, aumenta o som de minha voz, permitindo que eu atinja um auditório mais amplo. Nós caminhamos para um pensar cada vez mais relacional. E começamos a perceber que todas as coisas se relacionam com todas as coisas. Essa foi das intuições mais profundas da metodologia moderna. E vou dar um exemplo simples.

Um cientista, chamado Foucault, chegou em Roma e dependurou um pêndulo enorme no Pantheon. O pêndulo começou a se movimentar. Evidentemente, como bom cientista que era, disse que era claro que a Terra gira em torno do sol em dois movimentos, de translação e rotação, e, combinados, esses dois movimentos fazem com que o pêndulo desenvolva determinada oscilação. Imaginem: a Terra girando fazia o pêndulo mover-se! Ele começa a estudar o movimento do pêndulo e percebe que não era assim. Translação e rotação não explicavam o movimento do pêndulo. Levantou então a hipótese de que o movimento de duzentos bilhões de galáxias que se deslocam é que faz o pêndulo se movimentar. Quer dizer que um pêndulo na Terra é influenciado por todas as galáxias que existem neste cosmo gigantesco. É essa a conclusão a que ele chegou e hoje é aceita pelos cientistas.

Quer dizer, nós que estamos aqui e as bombas que estão caindo em Cabul (2), influenciarmo-nos. Não sabemos como, mas influenciarnos. Não porque vemos as imagens, mas somos influenciados fisicamente.

Mexem com as moléculas, prótons, agitam e chegam até nós. Tem ainda o “efeito borboleta”. Uma borboleta bate as asas em Cingapura e aquele bater de asas move átomos e moléculas. Vão agitando e chega a entrar em conexão com o grande furacão, com essa grande chuva em Vespasiano. A tempestade desta tarde foi influenciada pelo bater de asas das mariposas em Cingapura. Tudo está em relação com tudo.

Saber pensar é relacionar ao máximo. Vou tomar um exemplo para vocês, que são professores. Imaginem o caso de um aluno com problemas: pensamento vazio, atrasado, antigo, pobre; a sua mãe está mal, o pai desempregado. Quantas outras coisas influenciam essa criança? Todas as relações que ela estabeleceu em sua vida a constituem: mãe, pai, amigos, colegas, professores, o que leu, o que ouviu, televisão, cinema. Começamos a perceber que a realidade é de uma complexidade gigantesca, porque tudo influencia tudo.

Agora vem uma conseqüência gravíssima. Todos os nossos encontros, todas as nossas palavras, os nossos olhares, os nossos silêncios são relacionais, são pedagógicos, positiva ou negativamente. Não existe um encontro, um olhar, que não seja relacional, mesmo não olhando. O não olhar é relação. De negação, de rejeição, de desprezo, de displicência. Mas tudo isso influencia. Se vocês entram num ônibus, não olham para ninguém, criaram relações. Se olharem, criaram relações. Vocês devem conhecer este livro que ficou famoso, “A inteligência emocional”, do escritor americano Daniel Goleman. Ele teve a idéia de escrever o livro num dia quente, lá nos Estados Unidos. Ia ele para a universidade e, quando entrou no ônibus, notou o mau humor de todos. Mas, naquele dia, o motorista estava brilhante. Era um senhor, de quarenta e poucos anos, que sorria, brincava e cumprimentava a todos. De repente, todo o ônibus mudou. Todos sorriam e se cumprimentavam, porque uma pessoa mudou a relação. Bastou uma pessoa, porque somos seres de relação.

Pensar é pensar as relações. Pensaremos mais e melhor na medida em que soubermos relacionar todas as coisas. Nunca sejam simplistas de procurar uma causa para alguma coisa. Achar que um filho tomou determinada atitude influenciado pela namorada. Basta reparar em volta e os círculos vão aumentando, aumentando, até chegar a Cingapura, até Cabul. Evidentemente, não podemos ficar eternamente buscando relações, mas saber pensar é saber relacionar.

Vejamus uma outra dificuldade do pensamento de hoje: a especialização do saber. A solução é o pensamento geral. Especialização é o saber *tatu*. Vamos usar esta imagem: quanto mais furamos um buraco, mais escuro fica. Se furarmos demais, só veremos minhocas. A especialização dificulta, veda-nos o pensamento, porque ficaremos cada vez em buracos mais profundos. Quanto mais especializado, menos pensado. O cientista que só entende de sua matéria não pensa. Vocês acham que um cientista que pensasse faria uma bomba *napalm*, faria essa bomba de fragmentação, essas bombas que os americanos estão usando agora na guerra, para matar as pessoas? Quem pensa não faz isso. A dona Patrocínia, na sua cozinha, não faria isso, pois ela pensa mais que um cientista. Ele coloca aquela bata branca e encontra a explosão química mais perfeita, para explodir o máximo. Vocês acham que alguém que pensasse faria esse *Anthrax* (3) quimicamente puro para matar as pessoas? Não faria. Mas alguém altamente especializado faz. Viram a diferença entre especialização e pensar? Pensar é ter uma visão de conjunto. Saber que uma atitude nossa pode matar ou salvar. É preciso pensar nas mães das crianças, nos avós.

Vários desses astronautas que andaram pisando o solo da lua ficaram perturbados. Alguns ficaram loucos, outros se tornaram pregadores evangélicos. Ficaram totalmente desorientados porque, de repente, viram o que significava aquela realidade. Toda vez que nos colocamos num saber muito fechado, perdemos o senso do real, não temos um pensamento geral. Então, não devemos nos especializar? Devemos, mas sem perder o pensamento geral. A imagem que eu uso é esta: se eu vou cavar um buraco aqui, tenho que olhar todo o entorno, para saber onde vou cavar e, de vez em quando, sair do buraco e olhar também.

Vocês conhecem aquela belíssima história que Rubem Alves (4) conta. Ele diz que as rãs estavam conversando, num buraco muito profundo. Repetiam sempre a mesma coisa, como em certos programas de televisão. De repente, vem um pássaro voando e cai lá dentro. Começa a ouvir a conversa das rãs e lhes pergunta se elas não conheciam o céu azul, o verde das árvores, a brancura das nuvens. Exatamente isto: as rãs só entendem de minhocas. O pássaro que tinha voado conhecia toda a beleza da natureza e pode dizer-nos: “se vocês não voarem como eu, nunca conhecerão a beleza do universo”.

Essa historinha é um pouco do que eu quero dizer sobre o que é saber pensar. Saber pensar é voar, é ter uma visão geral, grande, longa. Por

isso, certas matérias, como Filosofia, Teologia, não são para piedosos. É para ter cabeça, é para pensar.

Lembro-me de que, quando fazia meu doutorado, li um artigo de um filósofo tcheco – da Tchecoslováquia antiga, a comunista. Ele dizia: “a nossa filosofia – referindo-se à Tchecoslováquia – está-se empobrecendo, porque está-se fechando neste mundo marxista. Não tem diálogo com nenhum outro tipo de filosofia e nenhuma teologia”. Como as rãs, que só falavam de minhocas, os filósofos tchecos só falavam de Marx. Não conheciam nada mais. Não conheciam Agostinho, São Tomás, Platão, Aristóteles. Não voavam e, evidentemente, ficaram pobres. Todo especialista é pobre de cabeça. Mas se é especialista e tem uma visão, muda tudo.

Olhemos os médicos das gerações antigas. E posso citar alguns que vocês conhecem: Guimarães Rosa, Pedro Nava, Juscelino. Eram médicos, mas quanta cultura! Que diferença! Meu pai era médico e a quantidade de livros de literatura que ele tinha era gigantesca. Toda a coleção de Camilo Castelo Branco (5), mais de duzentos volumes, que ele leu toda. Sabia que pensar não era entender do buraquinho do coração, mas ter uma visão geral do homem, da doença, das relações. Pensar é ter um pensamento geral.

Outro fator que dificulta o pensar é a falta de leitura de obras de arte. Talvez muitos de vocês, jovens, nunca pensaram no que seja uma obra literária. Quando lemos uma obra de literatura, nós reconhecemos, conhecemos de novo, nesses autores, que escreveram de uma maneira genial, as nossas experiências. Elas ganham em profundidade e em clareza, porque alguém escreveu bem. Um jovem enamorado toma “Romeu e Julieta”, lê aquele diálogo entre os dois, em que Shakespeare descreve a paixão de dois adolescentes e se reconhece – “é isso que eu senti!” E ele sentiu agora, mais profundamente, porque encontrou na literatura. A literatura é para que possamos reconhecer os nossos sentimentos, as nossas experiências. E, em reconhecendo, aprofundarmos. É outro nível. Isso é pensar. Porque, do contrário, viveremos um namoro superficialmente, um amor conjugal superficialmente. Há tantos romances de relações conjugais porque são relações difíceis. Esses grandes romancistas trataram, às vezes pessimistamente, às vezes *realisticamente*, mas trataram dessas relações. O esposo, lendo o romance, clássico, realista, de repente redescobre a sua crise afetiva, matrimonial, porque o romance coloca a nu a sua experiência – do autor, que escreveu, e do leitor. Assim, quanto mais lemos literatura, mais descobrimos.

Lendo Dostoievski (6), fico pasmo. É uma obra gigantesca! Quando ele descreve o grande inquisidor, aquele homem que deixou de ser gente para ser pura autoridade, descreve o político autoritário de centro. Eu acho que, quando um político autoritário lê aquilo, tem um tremor e uma ânsia de rasgar o livro, porque vai-se encontrar despido naquele personagem. Assim deve ser a literatura. Não simplesmente passar por cima, preparar o vestibular. É procurar reconhecer na nossa vida. Mas isso só vale para obras de valor, não para novelas e programas de auditório, porque são experiências mais vulgares ainda. Ao invés de aprofundar nossas experiências, vulgarizamos.

Vale também para os grandes filmes. Filmes de Fellini, de Antonioni, Dias Gomes. Algumas novelas, sim. Temos grandes pensadores, grandes novelistas, grandes diretores de cinema. Lembro aquele filme iraniano, acho que se chama “Filhos do Paraíso”, ou coisa assim, que conta o amor entre dois irmãos. Mas devem ser filmes feitos por pessoas que tenham grandes intuições. Não pode ser filme comercial, porque não passa nada. Num grande filme, nos reencontramos. Somos capazes de olhar e redescobrir nossas experiências profundas. Isso eu considero pensar: descobrir e reconhecer as nossas experiências nas obras de arte, na cultura, na música, em toda manifestação de arte, desde que procuremos perceber a nossa experiência.

Outra coisa que eu acho que nos impede de pensar é que não observamos, não olhamos. O grande verbo para Teilhard de Chardin (7) era ver. Vocês sabem que o cientista que um dia intuiu que o Brasil e a África foram, um dia, um único continente, fez isso observando o mapa? Simplesmente observando. Pela pesquisa da flora, da fauna, percebeu que havia uma semelhança. E, de fato, um dia houve uma grande ruptura e os dois continentes se afastaram. A observação é o início do pensar. Se não observamos as coisas, os comportamentos das pessoas, não aprendemos.

O grande Piaget (8), adorado pelos educadores, ficava horas olhando as crianças pequenas. Daí vieram as suas intuições. Observando, podemos chegar a teorias profundíssimas. Freud (9) não criou a Psicanálise através de nenhum arcanjo do céu. Foi observando o sonho das pessoas. Elas contavam os seus sonhos e ele observava que eles se repetiam. Todos tinham uma coisa em comum. E ele foi atrás deste ponto comum. É a observação que nos possibilita pensar.

Eu acho que nos educaríamos muito se observássemos mais, sobretudo as pessoas, o rosto das pessoas. Quem vai à missa e comunga das minhas mãos sabe que eu olho rosto por rosto. Eu não dou comunhão a ninguém sem olhar no seu rosto. Alguns ficam sérios e não riem para mim, mas outros riem. Olho para o rosto, porque cada rosto é uma lição, uma escola. Quantas vezes fico pensando nas rugas daquela velhinha que vem comungar, nas histórias de dor que estão ali, escondidas. Isso me faz pensar. Os gestos, a maneira de andar. Vejo pessoas contraídas, incapazes sequer de abrir os braços. São tão fechadas, que agarram a si mesmas. E como podemos ajudar? No momento em que as mães observarem mais os filhos, os filhos observarem os pais, os esposos se observarem e pensarem sobre o que observam, mudarão muito. A lição das coisas é das mais importantes.

Ingenuidade crítica é outra dificuldade de pensar. Somos ingênuos, quando não sabemos perguntar. O princípio do pensamento é a pergunta. Só pensa quem sabe perguntar. Não tenham vergonha de perguntar nas salas de aula. Quem não pergunta, não pensa. A pergunta açula, ativa a nossa inteligência em busca de uma resposta. Ficamos inquietos até encontrar resposta e, para isso, temos que pensar. Há dois tipos de perguntas: a pergunta sobre si e a pergunta sobre as coisas, sobre o outro, sobre o de fora. Temos que aprender a perguntar as duas coisas.

Primeiro, a pergunta sobre nós mesmos. Por que eu penso assim? Por que eu acho isso? Por que eu ajo de determinada maneira, interpreto de tal forma? Por quê? E há duas perguntinhas maldosas que vocês podem um dia fazer para alguém, desarmam até os professores em salas de aula. Quando alguém desata a falar, podem perguntar-lhe: “a que pergunta você está respondendo com suas falas?” Se ele não souber responder, não sabe o que está falando. Eu já lhes disse sobre o que estou respondendo, pois se eu não tiver clara a pergunta, não falarei claramente. Em geral, as palestras são péssimas porque os conferencistas não têm perguntas, então ninguém sabe sobre o que estão falando. Portanto, eu tenho que transformar as minhas afirmações em perguntas. Há um axioma mínimo da lingüística, que é o positivismo lógico: toda afirmação é uma resposta, assim como a toda resposta corresponde uma pergunta. Eu só entendo a afirmação se eu souber a pergunta da qual ela é a resposta. Se eu não souber a que pergunta estou respondendo, eu não entendo a afirmação.

Eu gosto de dar exemplos banais. Vamos imaginar duas pessoas discutindo sobre essa mesa. Uma diz que ela é retangular, outra diz que ela é pesada. Podem discutir até o fim do mundo, se não houver alguém para questionar a que pergunta estão respondendo. Se a pergunta é sobre a forma, ela é retangular, se é sobre o peso, ela é pesada. São duas perguntas diferentes que não comportam discussão. Em geral, noventa por cento das nossas discussões acontecem porque respondemos a perguntas diferentes e discutimos as respostas, sem saber a que pergunta respondemos. Não é fácil saber a pergunta. Essa é fácil, porque eu dei um exemplo material. Mas quando o exemplo é mais teórico, é difícil saber a pergunta que está por trás. Se a tivéssemos claramente, nosso pensamento seria claro. Somos confusos porque não sabemos a que pergunta estamos respondendo. O básico da inteligência, da clareza, é fazer-se a pergunta antes.

Estou dando um curso sobre o diálogo inter-religioso. O único projeto salvífico de Deus é a existência das religiões. É ou não uma afirmação positiva? A única coisa que interessa saber é se religião é ou não algo positivo. Depois, posso enfatizar as respostas, mas a pergunta tem que ser clara. Pensar é saber se perguntar sobre aquilo que se quer falar. Quando forem escrever, dar uma aula, fazer um relatório, façam perguntas. Talvez não seja necessário formulá-las por escrito, mas formulem para si e depois comecem a escrever. “Como eu interpreto o terrorismo? Qual a causa do terrorismo? Qual a relação entre o terrorismo e a religião, entre terrorismo e racismo?” Se eu fizer dez perguntas, terei dez pensamentos. Mas se eu responder misturadamente, ninguém entenderá nada. A ingenuidade crítica é a falta de problematização correta, é não saber fazer perguntas.

Passemos para o risco do dogmatismo. Hoje, estamos assistindo a um fenômeno de fundamentalismo, que é muito forte no mundo islâmico. Mas o fundamentalismo existe em todos os mundos. Existe o fundamentalismo médico, o jurídico, dos engenheiros, dos teólogos. Fundamentalismo é uma compreensão literal da realidade, como se ela não pudesse ser vista de diferentes ângulos. O fundamentalista só vê a realidade de um ângulo e acha que é o único ângulo possível. Por exemplo, eu estou aqui, vejo vocês, mas não vejo a cortina que está aí atrás. E se eu disser que há muita gente e não há uma cortina nesta sala, eu não estou errado, porque deste lugar eu só vejo isso. O fundamentalista diz que só existe uma possibilidade. De cada ângulo se vê a realidade de uma forma. O fundamentalista acredita que só há uma maneira de olhar. Isso é dogmatismo. Pensar é saber que

uma mesma realidade pode ser vista sobre muitos aspectos, de muitos lugares e de modos diferentes. Um adolescente pode ser visto pelo olhar médico, pelo olhar de um psicólogo, de um pedagogo, de um filósofo, olhar do pai, da mãe e cada um vai dizer algo diferente. Se não disserem, é porque são ignorantes. Como dizia aquele escritor brasileiro, Nelson Rodrigues: “toda unanimidade é burra”. Exatamente isso. A unanimidade quer dizer que todos devem ver a realidade apenas de um lado. Pensar é saber interpretar e perceber como uma realidade é vista de muitos lugares. Tudo isso eu falei para responder à primeira pergunta: o que é aprender a pensar?

Passemos agora à segunda pergunta: aprender a fazer. Parece fácil, mas não é. Existe esta concepção de fazer: a maneira concreta de produzir uma peça. A peça é sempre a mesma. Pode melhorar, mas é sempre a mesma. Para isso, basta aprender uma técnica, não precisa pensar. Qualquer robô faz. Basta colocar um *chip* e ele faz. Para ser técnico, não precisa pensar. Foi a grande descoberta de Ford (10). Ele ficou rico porque reparou que os operários não precisavam pensar para trabalhar. Colocou todos os operários em fila, e cada um enfiava uma peça no carro, que saía prontinho. Se pensassem, discutiriam e o serviço não andaria. Vocês se lembram daquele filme antiqüíssimo – “Tempos modernos”, de Chaplin? É a constatação de que o técnico não precisa pensar.

Pensar é práxis, supõe que eu conheça o fim. Eu preciso saber para onde estou indo, preciso conhecer o conjunto. Se algum dia acontecer algo imprevisto, o que não sabe pensar não saberá resolver. Quem começa a imaginar possibilidades, começa a pensar. Pensar é descobrir objetivos, finalidades, é saber imaginar e criar. Só pensa quem tem imaginação. Imaginação não é para criança. A criança pensa muito, e muito profundamente, porque ela tem muita imaginação. É capaz de descobrir coisas novas e fazer perguntas surpreendentes.

Um dia, um garotinho de nove anos estava comigo no carro e explicava-me que o professor lhe perguntara o que era quantidade absoluta e o que era quantidade relativa. E ele respondeu que quantidade absoluta é a quantidade nela mesma e a relativa é a que tem outra como referência. Isso é profunda filosofia e me foi dito por um menino de nove anos. De onde ele tirou isso? Eu fiquei pasmo! Como uma criança de nove anos é capaz de fazer uma reflexão de tal profundidade? Isso é pensar.

Voltemos ao aprender a agir. Aprender a agir pressupõe técnica

e práxis. A práxis é saber o objetivo, a finalidade das coisas pensadas. Aprender a fazer supõe que eu saiba as conseqüências históricas do que eu faço. Eu tenho que aprender que o que faço hoje tem amanhã. Quem não aprendeu a fazer, faz hoje e ponto. Se eu faço hoje uma usina nuclear, eu tenho que pensar que ela pode vazar e matar milhares de pessoas, como aconteceu em Chernobyl (11). Saber fazer não é construir a usina. Para isso, basta um técnico. Aprender a fazer é inserir as nossas ações, os nossos produtos, as nossas criações dentro de um contexto. Quando vamos fazer uma construção, temos que conhecer o terreno, porque a casa pode afundar. Saber fazer não é simplesmente colocar pedras. É perceber que esse ato produtivo tem amanhã e este amanhã pode se desdobrar. E, sobretudo, eu cito outro exemplo, das armas. Eu acho que qualquer pessoa que pensasse não faria arma alguma. Imaginem se o mundo não tivesse nenhuma arma?! Mas se vamos fazendo cada vez mais armas, não temos idéia das conseqüências.

Ainda outro dia eu lia no jornal que há cento e dez milhões de minas enfiadas no mundo atualmente. E duas mil pessoas, por mês, pisam nessas minas e morrem, explodidas. Geralmente, crianças e mulheres. Será que quem enterra uma mina no chão não sabe que ela explode e que se alguém pisar vai morrer? Não aprendeu a fazer? Aprendeu a cavar e colocar a mina e isso não é fazer. Vejam a diferença!

Achei muito bonito um fato que li. Um grande cientista francês estava pesquisando no campo da genética e da microbiologia. De repente, ele diz: “paro a minha pesquisa. Nego-me a continuar, porque esta pesquisa pode trazer conseqüências dramáticas, imorais, antiéticas para o mundo. E, em sã consciência, não posso fazer”. Não podemos pesquisar tudo. Portanto, esta idéia de que a tecnologia é onipotente é falsa. A Ética diz que eu não posso construir algo que amanhã pode ser mortal, pode ser imoral. Não temos o direito de fazer tal pesquisa. Infelizmente, estamos longe disso. Nenhum cientista pensa assim. Lembram daquele cientista italiano contra o qual o mundo está clamando, porque ele pretende fazer a clonagem, um ser humano artificial? Ele quer fazer num navio, em águas internacionais, para que ninguém o proíba. Nenhum país poderá interferir.

Falta a percepção ética das decisões, falta a relação entre saber e fazer. Todo o fazer tem ciência, toda a ciência é factível. Qualquer elaboração teórica que eu fizer pode se transformar em práxis. Por exemplo, quando

Einstein (12) diz que a massa se transforma em energia, se multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado, tem-se o início da bomba atômica. Esse pensamento, de fato, levou à bomba atômica. Eu posso pegar um mínimo de matéria e fazer com que ela se transforme numa energia gigantesca e com uma bombazinha, eu faço explodir Nagasaki e Hiroshima (13). E hoje as explosões podem ser muito maiores. Isso é a partir de teorias. Mas as teorias são práticas. Toda prática tem teoria, isto é, por trás de cada ação humana, em cada realização, em cada planejamento, há uma teoria. Não existe um pragmatismo, mas sim uma teoria pedagógica, uma teoria política – boa ou má. Mas há sempre uma teoria por trás. Saber fazer é conhecer as teorias das práticas e conhecer as práticas que brotam das teorias. Essa relação é fundamental.

Aprender a fazer é distinguir programação de estratégia e reflexividade. Programação é o seguinte: vamos começar a palestra as dezenove e trinta e ela durará até as vinte e uma horas. Tudo deve estar programado: luzes, chaves, recepção, lugares, som. Se alguma coisa falha, falha toda a programação. Programar não é aprender a fazer. Programar bitola, encurta a inteligência. Estratégia é outra coisa. No processo da “programação” deve-se estar continuamente aberto para receber novas informações e modificar o processo. Significa que eu entro numa ação aberto a contínuas informações que me levarão a modificar o meu modo de agir. Eu não tenho um programa, mas uma estratégia. Para quem trabalha em escola, é bom pensar nisso. Se tenho uma estratégia, eu sei onde quero chegar, embora não saiba bem os caminhos ainda. Eu começo a pensar, e de repente, me surgem tantas informações, que eu preciso ter flexibilidade de modificar durante e até o fim do processo. Precisamos aprender a pensar estrategicamente e não programaticamente. Os homens de computador, em geral, pensam programaticamente. Não sabem pensar estrategicamente.

Os militares – daí vem a expressão estratégia – sabem pensar. Eles não podem prever de onde chegará o inimigo e têm sempre que mudar. Ainda outro dia, apareceu uma matéria no “Estado de Minas”, relatando que os americanos, apesar da grande tecnologia que lhes permite saber com antecipação todos os detalhes do lugar onde atacarão, ainda não conseguiram saber quando as pessoas se movem. Por exemplo, se eles soubessem onde estava Bin Laden (14), poderiam planejar o ataque, mas se ele se move, o alvo se move e a estratégia terá que mudar também.

O ataque planejado não surtirá resultado. Isto os americanos ainda não sabem fazer: acompanhar os movimentos. Estão bolando um programa de computação, que eles chamam de inteligência artificial, para captar essas mudanças, para que elas realimentem continuamente os projetos. Os projetos estão sempre abertos a mudanças. No caminho, o míssil deverá mudar de direção, porque receberá o comando depois que foi acionado. Este é o auge da estratégia: ser tão flexível no modo de agir que, recebendo qualquer informação, transforme.

Reflexividade é um conceito de um pensador inglês, Anthony Giddens, que é mais ou menos a mesma coisa, e que ele define como atuar, estando aberto sempre a novos conhecimentos que fazem com que mudemos continuamente as nossas práticas. Ele diz que é um modo próprio de conhecer hoje. Se eu vou tomar uma decisão agora, ela não poderá ser tão fixa, que amanhã não possa vir um dado diferente que me obrigue a repensá-la. É preciso estar continuamente recebendo novas informações e teorias. Quanto mais novos conhecimentos tivermos, mais podemos ir modificando a práxis. Isso é aprender a fazer.

Aprender a conviver. Qual o segredo de aprender a conviver? A primeira idéia fundamental é ser tolerante. Sem tolerância, não há convivência. Mas que coisa é tolerância? Há uma tolerância teórica e uma prática. A tolerância teórica é saber que outros podem e têm direito de ter posições diferentes das minhas. Eu não sou detentor de nenhuma verdade. Nem teológica, nem filosófica, nem pedagógica, nem administrativa. A verdade é um processo contínuo de busca. Todos buscamos juntos. A tolerância é saber que, nessa busca, há bemóis diferentes, há melodias diferentes, há músicas diferentes.

Um autor alemão, chamado J. Habermas, introduziu este conceito, que eu achei lindo. Ele chama de “consenso diferenciado”, como maneira de viver a tolerância. Isso significa que nós encontramos uma base de humanidade comum e não excomungamos a posição do outro, mesmo de fé, de religião. Encontramos um consenso em que somos seres humanos, racionais. Somos seres que amamos, buscamos o bem. Temos que encontrar plataformas comuns. As posições opostas e diferentes não devem excluir umas a outras. A exclusão é intolerância, seja racista, religiosa, filosófica, ideológica.

Jean-Yves Calvez, um pensador francês, estudou muito o leste europeu, conhecia bastante a região, já antes da queda do socialismo,

e chegou a fazer uma palestra em Belo Horizonte, sobre isso. Ele dizia que nem sabemos se os países socialistas continuarão socialistas. Talvez a economia mantenha aspectos socialistas. Por isso, não está dito que o socialismo econômico caiu totalmente. Mas uma coisa – e é isso que eu achei importante – caiu definitivamente: eles não toleram mais o partido único. Um único partido que diga o que é bem, o que é verdade, o que é beleza, o que se deve fazer, o que se deve vestir. Ninguém mais tolera o pensamento único, a autoridade única.

Nesse último domingo, o “Jornal do Brasil” comparava as revistas femininas, que são fundamentalistas, às mulheres do Irã. Elas têm que usar aqueles véus, e as mulheres daqui têm que vestir como mandam as revistas. Devem emagrecer, freqüentar academias, caso contrário, não são mulheres. Isso é um fundamentalismo, é pensamento único. Pensamento único não é só lá não. Aqui também tem que se seguir a moda, aquilo que diz determinada artista. Isso é fundamentalismo, é intolerância. A tolerância é buscar uma base humana e aceitar a diversidade.

Mas há um limite. O limite da tolerância é o intolerante. Aquele que não aceita o convívio humano não pode conviver. O intolerante não pode ser tolerado. Esse é o paradoxo! O intolerante destrói a possibilidade da convivência humana. O limite da tolerância é a convivência humana. Não podemos ser tolerantes com quem é incapaz de ter uma convivência humana. Se não somos intolerantes, caímos dentro da tolerância.

Aprender a conviver supõe que eu seja capaz de viver com o diferente. Um dos fatores que destrói a convivência são os grupos fechados. Como se diz na gíria dos adolescentes, as tribos. Tribo de um adolescente não ajuda a conviver. Eles fazem dos seus atos um único pensamento: todos têm a mesma grife, vestem da mesma maneira, têm o mesmo grito, as mesmas gírias. É a mesmice que impede a convivência, porque a convivência só é possível no diferente. Somos diferentes no sexo, na idade, na raça, na cultura. Se eu reduzo todos ao mesmo, através de um líder, esvazio todo mundo e todos se tornam eu. Aí, não há convivência. Há mimetismo, cópia, submissão, autoritarismo, mas não há convivência. Onde há submissão e autoritarismo não há convivência. Só existe convivência na diversidade e na diferença; no respeito da diferença e na tolerância ao diferente. Grupos fechados não toleram, por isso são agressivos. Vejam as torcidas violentas. Recebem uma palavra de ordem e cumprem como autômatos. São praticamente máquinas, não seres humanos. Isso não é convivência.

Há convivência quando um grupo de jovens discute e sabe que pensam diferente. Discordam e buscam um consenso diferenciado.

Uma última idéia **no campo do ser**. É um tema de que eu gosto muito e, por isso, já preguei muito aqui em Vespasiano. A grande dificuldade de ser hoje é a nossa dificuldade de ser o que somos. Primeiramente, escondemos o nosso ser com o ter. Todas as vezes que eu escondo o meu ser, seja com a roupa, seja com a moda, seja com os bens, seja com o meu carro, com a minha profissão, com o meu título, eu não sou, eu tenho. Quando sou capaz de prescindir disso, eu começo a ser. Eu posso ter as coisas, mas elas não podem ocultar o meu ser. Eu não sou contra que todos andem bem vestidos. O problema é quando isso oculta o ser. O ter é para que o ser aflore, para que o ser se comunique. Se somos convidados para um jantar e encontramos uma comida gostosa, isso é ter, mas para que possamos rir, conversar. Esse ter faz com que sejamos. Quantas vezes o ter esconde o ser?! O famoso “você sabe com quem está falando?...” O ser fica atrás de um título, atrás de um terno, de uma gravata, de um carrão enorme, porque o ser é frágil. Quando eu sei o que sou, o ter é só para que o ser desabroche. A beleza, a cosmética, a moda são para que as mulheres sejam.

Outra coisa, e muito importante: nós representamos teatro. Fazer teatro é assumir outras personalidades que não somos nós. Isso a sociedade pede continuamente. E nós acabamos não sendo. Por exemplo, eu tenho um cargo e, se encarnar os jargões, irei representar o cargo que ocupo. Observem se não estamos continuamente representando papéis na sociedade, para que sejamos reconhecidos no papel e não reconhecidos no nosso ser? Ser é ser reconhecido pelo que sou e ponto final. O verbo ser não tem complemento. Ele termina com o ponto final.

Mais forte ainda, não é só representar papel, encobrir o ser, mas viver para responder às expectativas do outro. Eu faço só para agradar aos outros. Eu nunca sou eu. Quando alguém faz essa descoberta na idade adulta, é das dores maiores para a Psicanálise. A Psicanálise leva muita gente a descobrir que toda a sua vida foi para agradar à mamãe, ou à vovó, ou à titia, ou ao pai. Com o adolescente, a mesma coisa. Faz tudo para agradar à namorada. Nunca somos nós mesmos. É uma das coisas mais graves da sociedade. A mesma coisa é ter que seguir a moda, agradar ao público. É o caso dos políticos, coitadinhos. Nunca são eles mesmos. Como é difícil o político ser gente! Eles são obrigados a dizer besteiras, são capazes

de provocar uma guerra para conseguir votos. Representam, agradam, respondem o que os outros querem. Por isso, quando encontramos um político autêntico, nos *cai o queixo*. Aprender a ser é dizer um não radical ao teatro, ao ter como complemento do ser e do viver para agradar aos outros. Somos seres corpóreos, sensitivos e espirituais. Enquanto seres corpóreos, sensitivos, realizamo-nos na medida em que os nossos sentidos se abrem para aquilo para o qual são feitos. O olhar para ver; o paladar para saborear, o ouvido para ouvir, o olfato para cheirar. Os sentidos são feitos para serem usados. Temos que começar a cultivar os nossos sentidos. Olhar as belezas dos jardins nos faz um bem enorme. Ouvir uma música que realmente seja música, não um ruído. Sentir o perfume das flores. Apreciar o sabor dos alimentos, de um quibe sem cebola. O tato é fabuloso. Produz carinho, o toque. Há pessoas que são rígidas, que não toleram um encostar de mão que já estremece.

O escritor mineiro, Affonso Romano de Sant'Anna, escreveu um artigo lindo sobre o corpo da princesa. Ele compara a princesa inglesa Anne à Diane. Diane era muito mais bonita, mas a outra tinha muito mais beleza interior, era mais social e mais humana, embora fosse mais *feinha*. Ela veio ao Brasil e quis visitar a favela, não por esnobismo, mas porque tinha uma consciência social mais profunda. É claro que a polícia carioca ficou preocupada com uma princesa inglesa subindo a favela Dona Marta. Mandaram um baita segurança para defender a dona princesa. Ela foi subindo com seus pezinhos de princesa e escorregou. O segurança agarrou-a e ela estremeceu, porque o seu corpo era intocável. Deu um *chilique*. Muitos europeus são criados para não serem tocados. Aborrecer um inglês é dar tapinhas em suas costas.

Eu morei um mês com uma família inglesa. No primeiro dia, encontrei a senhora, cumprimentei-a e só fui revê-la um mês depois, para despedir-me, bem suavemente. Não é como nós, que abraçamos, beijamos. São pessoas que encurtam seu ser.

Nós somos espirituais também. Nossos sentidos desbordam para as quatro janelas maiores que temos: a beleza, a verdade, o bem e a transcendência. Quanto mais o nosso espírito se abrir para a beleza, mais gente seremos. Mas não é só a beleza sensível. Beleza também no pensar, ler uma obra literária, valorizar o trabalho. Beleza em todos os campos, o bem, a ética. A ética nos faz felizes. Quando pensamos no bem da humanidade, na redistribuição de rendas neste país, na melhoria de

nossa cidade, que as misérias desapareçam, tudo isso enche o coração. O ser humano é feito para a verdade. Verdade é a realidade como ela é. É aproximarmos cada vez mais da realidade. Cada verdade é um toque na realidade, um toque naquilo que existe, que está aí. A Transcendência quer dizer abertura para além do que somos.

Um último ponto: **aprender a discernir a nossa profissão**. Eu chamaria a atenção para pouquíssimas coisas. Eu distingo profissão de vocação. Coloco, no mundo da profissão, o mundo da eficiência e da competência. É importante, necessário e basta para ser profissional. Basta ser competente e eficiente para ser um bom profissional. Vocação é mais. Supõe carisma, espírito, amor, mística, algo que vem de dentro. Quando as duas coisas se somam, nós somos felizes. Só somos felizes se a nossa profissão é a nossa vocação, e se a nossa vocação se realiza profissionalmente. Isto é, se eu tenho uma paixão pela pedagogia, se gosto de dar aulas, de ver aqueles adolescentes crescerem, fico feliz de vê-los progredirem. Temos que descobrir e transformar a nossa profissão em vocação. Temos que dar uma mística, uma paixão à nossa profissão.

Eu, por exemplo, com toda a simplicidade, tenho paixão pela Teologia. Poderia ser apenas profissional, mas dar aula para mim é um gozo. Eu brinco com os alunos e saio descansado. Dia de aula é para mim dia de alegria. Chego cansado fisicamente, mas feliz, porque faço com paixão. Não faço uma palestra competente, profissional, senão leria um texto complicado e ninguém entenderia nada, mas diriam que eu sou um homem muito culto. A vocação nada tem a ver com esnobismo profissional. Mas quando você consegue articular as duas coisas, a vida fica belíssima.

A profissão pede reconhecimento social, por isso somos profissionais. O reconhecimento, quando vem nos ajudar a fazer desabrochar o ser, é ótimo. Quando o reconhecimento exige o sacrifício do meu ser, ele é minha morte. Seja pela vaidade, pelo fingimento, pela petulância ou arrogância. Aí o reconhecimento é a morte. Nunca sacrifiquemos o nosso ser para sermos reconhecidos profissionalmente. A profissão só nos realiza se ela for uma vocação e se for um desabrochar de nós como pessoas. Boa noite!

(1) referência à cidade inglesa de Manchester.

(2) referência ao ataque americano ao Afeganistão, logo após os atentados de 11.09.01.

- (3) arma química usada logo após o atentado aos Estados Unidos.
- (4) escritor mineiro, nascido em Boa Esperança.
- (5) escritor português, do século XIX.
- (6) Fiódor Dostoievski, escritor russo.
- (7) filósofo e teólogo francês, nascido no século XIX.
- (8) grande educador, nascido na Suíça, no século XIX.
- (9) médico austríaco, fundador da Psicanálise.
- (10) Henry Ford, pioneiro da indústria automobilística americana.
- (11) referência à explosão acontecida em 1986, na ex-União Soviética.
- (12) Albert Einstein, cientista alemão, radicado nos Estados Unidos.
- (13) referência às explosões ocorridas no Japão, no final da II Guerra Mundial.
- (14) terrorista árabe, responsável pelo atentado de 11 de setembro de 2001.

(#) palestra proferida no Palácio das Artes, em Vespasiano (MG), em 24/10/01, sobre o livro de mesmo nome.

ESPIRITUALIDADE INACIANA (#)

A espiritualidade de Santo Inácio de Loyola é bastante conhecida, há uns quatrocentos a quinhentos anos. Santo Inácio nasceu em 1491, portanto, no fim do século XV e deixou uma longa tradição. Vou tentar resumir muito simples e rapidamente os principais traços da Espiritualidade Inaciana.

Numa primeira parte, explicarei quatro definições de que coisa seja espiritualidade. Três mais amplas, que valem também para pessoas que não tenham o sentido estrito da Palavra, a fé em Deus, mas têm uma verdadeira espiritualidade. Acho que é um conceito que pode ser ampliado para além do mais religioso, mais eclesial, até mais eclesiástico. Eu creio que espiritualidade é uma realidade dada a todos os seres humanos, de todos os tempos.

Hoje à tarde, um advogado e professor gabaritado da Federal (1) veio conversar comigo. Estava preocupado, não só com os seres humanos, mas também com os animais. Já se discute se os animais têm direito e espiritualidade. Mas vamos nos restringir à espiritualidade dos seres humanos.

A primeira definição é um pouco difícil. Vou dizê-la e tentar explicar palavra por palavra. Trata-se de espiritualidade, encarada dentro da perspectiva antropológica. Isto é, olhada a partir da dimensão do ser humano. Nos distinguimos, mais ou menos, do animal. Por sermos seres humanos, somos dotados de uma possível espiritualidade. Uns podem desenvolver mais, outros menos. Mas, uma *restiazinha* de espiritualidade, todos têm. Um traço de espiritualidade, todos os seres humanos, por serem humanos, têm. Até nestes broncos, metidos no crime, de vez em quando, rasga-se um tracinho de espiritualidade em suas vidas. É impressionante!

Todas as pessoas que trabalham na pastoral carcerária que, muito pesada, por sinal quando visitam os presos, ficam admirados. De repente, de corações de onde menos se espera, surge um traço espiritual, um traço de bondade. E agora ficamos sabendo que há grupos grandes de evangélicos que já conseguiram converter muitos presos, que levam até uma vida cristã. Isso quer dizer que a espiritualidade atravessa todos os rincões.

Encarada dentro da perspectiva antropológica, é a prerrogativa de pessoas autênticas. É uma qualidade daquilo que temos de autenticidade. O melhor da nossa cara. Somos uma mistura, como já vimos em tantas parábolas de Jesus. É joio misturado com trigo, peixe pequeno com peixe grande. Todas as parábolas falam um pouco dessa mistura. Temos um lado mais autêntico e a espiritualidade toca mais esse lado mais verdadeiro, mais fiel a nós mesmos, em face do ideal e da história.

Acho difícil o ser humano viver sem um ideal. No “Estado de Minas” de ontem, havia um artigo de um psicólogo, ou talvez, da mesma *família*, que falava da felicidade. Ele dizia que, quando vemos pessoas em situação dolorosa e difícil e que têm força interior, não se pode deixar de pensar na Transcendência. Interessante é que ele não menciona Deus em momento algum, mas não teve coragem de omitir isso. Só isso torna possível que uma pessoa tão *lascada*, tão machucada, ainda consiga ter uma *forçazinha* para levantar a cabeça.

Lembrem-se daquele menino, do qual falei na pregação de domingo. Estava encostado num poste na Avenida Prudente de Moraes, em Belo Horizonte, quando a jornalista Déa Januzzi aproximou-se e perguntou porque ele estava chorando. Ele continuou quieto, enquanto ela insistia. Depois de um bom tempo, ele olhou-a com o olhar mais triste e disse: “a minha vida não tem nenhum pedaço de felicidade”. Toda a sua vida era escuridão. Ela se sentiu desesperada, foi embora, depois quis voltar para encontrá-lo e não o viu mais. Mas, mesmo nesta situação, se déssemos um *toquezinho*, poderíamos acordar algo de espiritualidade nesse menino, apesar da escuridão gigantesca que o cobria. As crianças sofrem.

Em face do ideal e da história, constatamos uma escolha axiológica, isto é, de valor. Valor é uma coisa que é importante para nós. Por exemplo, fazer o bem, ajudar alguém, comprometer-se numa causa política digna, lutar pela natureza. Isso é axiológico, porque tem valor. São valores que mexem com as pessoas. A espiritualidade é tocada por essa dimensão de valor. É uma escolha decisiva, dura, firme, corajosa, tenaz, constante, disciplinada e fundamental.

Espiritualidade é uma espécie de alicerce que construímos para erguer a casa que somos nós. A nossa história, a nossa vida, a nossa existência. Também é unificante. Somos muito dispersados, diversificados, fragmentados. Somos pedaços, somos meio *encacados*. Espiritualidade é o que consegue ligar esses cacos. Comparo muito com um mosaico.

Aquele *desenhozinho* que se faz com pedrinhas pequenas. Se jogarmos as pedras no chão, cairão todas dispersas. Mas se eu ordená-las, de forma que no final se veja uma figura, terei a espiritualidade. Ela toma os nossos cacos, vai encaixando e, no fim, aparece a nossa verdadeira e melhor face, que é o oposto dos nossos pedacinhos.

É também capaz de dar sentido. Guardem esta palavra: a espiritualidade é importante porque dá sentido a toda nossa vida. Vale a pena viver, não por causa de atos. Há pessoas que vivem para comer, beber. A espiritualidade é mais profunda. Ela unifica, não só esses momentos esporádicos, soltos, quebrados, da nossa existência. Ela dá um sentido maior, alcança horizontes maiores. É como quando eu olho para longe e vejo um longo horizonte e posso colocar todas as coisas contra ele.

São Tomás, aquele grande teólogo medieval, compara o ser humano com o horizonte, onde o céu e a terra se encontram. Somos corpo/terra; somos espírito/céu. A espiritualidade é uma espécie de grande horizonte onde se pode situar todas as coisas. Como se colocássemos todas as maravilhas do mundo contra um único horizonte e fôssemos identificando.

Outra definição mais simples diz que espiritualidade é a atitude profunda, prática, existencial, que é a conseqüência e expressão da concepção que um ser humano faz de sua existência religiosa. Quando o ser humano tem uma concepção da sua existência religiosa, tira conseqüências práticas para a sua vida. A espiritualidade alimenta as nossas práticas, as nossas ações, os nossos comportamentos, as nossas atitudes, a partir de uma existência religiosa. Isto é, uma maneira de nos comportar quando temos uma referência no Mistério que mora dentro de nós. Cito aquela frase tão linda de Santo Agostinho: “Deus é mais interior do que o que há de mais íntimo em mim mesmo”. Ele diz ainda nas “Confissões”, uma outra frase sobre quando era um jovem estróina e andava perdido por aí: “Eu procurava as belezas fora de mim, buscava todo o prazer fora de mim e Tu estavas no mais íntimo de mim mesmo. Oh, beleza que tarde conheci!” E essa beleza está toda dentro.

Vejam o sucesso daquele livro, que tanta gente leu – “O Alquimista”, desse autor que agora foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, chamado Paulo Coelho. Qual é a história que ele conta? Alguém está sentado numa pedra e sai em busca de um tesouro. Gira o mundo inteiro e volta para a pedra na qual estava assentado. Essa pedra, esse tesouro somos

nós mesmos. Estamos sentados no tesouro da nossa existência, da nossa história e continuamos procurando, porque estamos sentados. Quantas vezes procuramos fora o que está dentro de nós?! Somos sôfregos para buscar tantas coisas e estamos metidos dentro dessa coisa. O ser humano, às vezes, é de uma cegueira espantosa! A espiritualidade é essa que consegue ajudar a perceber os mistérios que habitam o nosso interior.

O mais genérico é o compromisso ético. Eu sempre gosto de falar em compromisso ético porque, muitas vezes, as pessoas não têm espiritualidade no sentido religioso. Mas quem tem o compromisso ético tem espiritualidade. A ética é uma forma de espiritualidade. Gosto muito de citar o exemplo do Betinho (2). Ele foi alguém que assumiu as grandes causas do Brasil, de uma maneira espiritual. Ele tinha espiritualidade e compromisso da entrega. O seu grande sonho era que, pelo menos no Natal, nenhum brasileiro fosse dormir de barriga vazia. Fez aquele imenso movimento de cestas de natal, no Brasil inteirinho, para que, mesmo naquele cantão do Ceará ou do Pará, chegasse uma cesta e a pessoa, comendo, não dormisse com fome. Isso é ético, é espiritualidade também.

É uma determinação ativa e habitual. Portanto, supõe ação, não é coisa parada. Muita gente pensa que espiritualidade é ficar paradinho. Não é não. É ativa e habitual. É uma prática constante e não isolada, solta, quebrada, esfacelada, fragmentada. Aparece a partir de intuições objetivas e decisões últimas. Por isso, as mulheres têm mais espiritualidade que os homens, porque são mais intuitivas. O homem quer analisar tudo, e espiritualidade não é para se dissecar. Ela pega o todo. É uma intuição global. As intuições são as coisas mais importantes da nossa vida. Não são as análises. As análises são meios, mas o mais importante são as intuições, conhecimentos que dispensam cultura acadêmica. Por isso, as pessoas simples, às vezes, são extremamente sábias, porque são intuitivas. Uma dona Patrocínia nunca foi à escola e, de repente, diz uma frase que nos paralisa e nos deixa pasmos. Uma criança pequena, de repente, solta uma frase e ficamos estarecidos, porque ela tem capacidade intuitiva. Ela vai ao cerne da verdade, agarra-a no seu coração e depois diz. Nós temos que dissecar para entender. A espiritualidade é intuitiva e atinge as decisões últimas, isto é, além das quais não existem outras. No fundo, esbarra no grande Mistério.

Numa definição cristã, espiritualidade é a maneira de viver sob a ação do Espírito. Acreditamos que aquele que nos move no mais profundo

de nós é o Espírito Santo. É uma existência totalmente de fé, na qual a vida do Espírito de Cristo transparece em nós. Quando alguém tem espiritualidade, percebemos na cara. Um pastor protestante tem uma frase muito interessante. Ele diz que, quando nos convertemos, até o cachorro percebe. Imaginem outros que não são cachorros. Transparece por meio das condições históricas da vida concreta. A nossa maneira de viver concretamente manifesta a espiritualidade.

Voltemos agora para a espiritualidade inaciana. Vou colocar alguns axiomas e resumi-la em algumas frases.

O primeiro ponto é comprometer-se na construção do Reino, em atitude de indiferença. Compromisso é entrega de si. Não há compromisso se não nos entregamos. Não nos comprometemos dando coisas, mas dando-nos a nós mesmos. É muito fácil eu dar alguma coisa e muito difícil dar-me a mim mesmo. Compromisso é entrega de mim. Quem nunca se deu a nada, nunca se comprometeu com nada. Dar dinheiro não significa compromisso. O compromisso só existe quando nasce do meu coração. É alguma coisa minha, da qual só eu disponho. É meu tempo, meu corpo, meu pensar, meu falar, meu amar, meu tocar. É meu e é isso que eu coloco. Eu coloco meu tempo para as pessoas. Você dá do que tem mais de si mesmo. Não venhamos com compromissos vazios. Só há compromisso com a entrega de si mesmo. Do seu tempo, do seu afeto, do seu coração, do seu sangue, do seu suor.

A construção do Reino é a maneira de Deus atuar na História. Nós nos comprometemos é com isso – com a maneira de Deus atuar na História. É por isso que lemos a Bíblia. Para saber como Deus atua. Toda a série de parábolas que ouvimos nos Evangelhos nos mostra isso. Cada parábola é uma carinha da maneira de Deus agir. Ele age daquela maneira que vemos na parábola. Age *escondidamente*; age como uma sementinha pequena que ninguém vê, mas que tem força. Age valorizando, como a pérola, pela qual se deixa todo o resto. É como o sal – eu gosto tanto desta imagem, que a uso em quase todos os casamentos – “vós sois o sal da terra!” O sal dá gosto, dá sabor. Deus age dando gosto, e nós vamos construindo o Reino agindo como Deus, dando sabor. Há tantas pessoas azedas e precisamos dar gosto à vida. Trabalhar pelo Reino é fazer a vida saborosa.

Indiferença é uma palavra inaciana, mas muito mal entendida. Não é como imaginamos em português. Não é *tanto faz como tanto fez*. Isso

é ceticismo, a pior doença que existe. É doença de velhos, e, quando um jovem tem, é porque envelheceu rapidamente. O velho não deve ser cético, mas tem a desculpa da idade. Para Santo Inácio indiferença é uma coisa totalmente diferente. Você percebe, com a sua intuição, o valor infinito do amor e da presença de Deus em você, e todo o resto fica secundário.

Eu lembro uma experiência muito bonita que Frei Betto (3) me contou, de quando ele foi preso, durante o regime militar. Ele ajudava os perseguidos políticos a fugirem, como dever cristão. Mas, naquela época, ser cristão merecia cadeia. Por isso, ele foi preso e o juiz justificou: “nós o condenamos por uma coisa que os cristãos fazem, mas a lei manda condená-lo”. Foi condenado a quatro anos de prisão. Ele me disse dessa experiência, do projeto do General Fleury, que pretendia assassiná-lo, levando-o até a fronteira e lá metralhá-lo, com a desculpa de que tentara fugir. Ele deu sorte porque o cardeal de Porto Alegre anunciou esse fato e eles não o puderam concretizar. Depois de tudo isso, ele diz: “cada minuto da minha vida eu dou, porque já deveria ter morrido”. Aí percebe-se o profundo mistério da Transcendência. Diante de Deus e da Transcendência, todas as coisas ficam relativas. Quando experimentamos essas experiências fortes é que percebemos que tudo o mais fica secundário.

Quando alguém tem uma doença grave, relativiza tudo. Betinho (2), com AIDS, no fim da vida, sabia que nada mais tinha sentido. Só tinha sentido aquele valor último da sua vida. A espiritualidade inaciana chama a atenção para isso. Diante de Deus, todas as coisas são relativas. Tudo é relativo, exceto Deus. Isso é indiferença: o sentido agudo para a relatividade de todas as coisas, exceto de Deus. O único que não é relativo é Deus. Todo o resto que acontecer, passa. Os amores mais importantes da terra não valem nada, porque podem acabar. Mas Deus, nunca. Isso dá uma coragem gigantesca. É a coragem dos mártires. Aquelas *meninazinhas*, que os torturadores romanos queriam matar, não tinham medo, porque eles não podiam arrancar-lhes Deus. Eles ficavam enfurecidos quando uma menina de quinze anos enfrentava um torturador. Isso leva a certos fanatismos perigosos, como vimos aqueles islâmicos (4). Não deixa de ser uma experiência profunda. Só que precisamos de experiências para empenhar pela vida.

Vejamos agora a atitude de despojamento. Não deixar que nenhuma coisa, por maior que seja, prenda-nos, amarre-nos. Nada deveria prender um jovem idealista. Por maior que seja uma coisa, ela não deve me limitar.

Eu devo ser maior que essa coisa. Ter um idealismo tão grande, que nem o medo, nem o risco, nada me segurem. Mas para não me perder no quixotismo vazio, devo ser capaz de parar, sentar na rua e conversar com um bêbado. Ser capaz de fazer, como fez a Déa: parar com um menino de rua e perguntar porque ele estava chorando. Uma coisinha de nada: uma criança chorando e eu ser capaz de olhar e passar horas conversando com ela. Nada tão grande que me segure, mas ser capaz de cuidar de um irmão que está precisando de uma conversa. Dar atenção àquela criança de oito anos que me perguntou na sacristia: “padre, o que nós vamos fazer no céu?” Eu respondi, perguntando: “de que você gosta?” Ela respondeu: “de soltar papagaio”. E eu lhe disse que no céu haverá papagaios lindos.

Outro dia, o Romildo me levava de volta para casa, e estavam os dois filhos dele no banco de trás, semi-sonolentos. De repente, um deles me pergunta: “Padre, quem é que fez Deus?” Que coisa linda! É hora de parar, conversar com uma criança. Ser capaz de passar horas. Saber caber no universo dela, como os pais que brincam com seus filhinhos pequenos. São os mesmos que estão pensando no futuro, nos projetos para o Brasil. Esse jogo é que é maravilhoso. Isso é muito inaciano.

Oxalá nós, jesuítas, tivéssemos um pouquinho disso! Desse jogo, que eu acho que é uma das coisas mais fascinantes da espiritualidade inaciana até hoje: saber tomar pequenas coisas, mas também não se prender a nada. Ter liberdade e mobilidade. Santo Inácio queria que estivéssemos hoje aqui, amanhã no Japão, depois na Coréia, fosse onde fosse. Não se agarrar a nada, não criar raiz em lugar nenhum. Mas uma vez que se lançou, aí vai buscar aquela *aguazinha* lá embaixo, com seus minerais pequenos. Portanto, é no pequeno cotidiano, no serviço humilde que encontramos o *magis* – o mais. Esse é o jogo.

Alimentados pelo conhecimento, amor e serviço de Deus aos irmãos, à Igreja – em tudo amar e servir. É a mesma dialética. O amor não tem limite e o serviço é pequeno. É a mesma dialética do matrimônio. Um casamento é feliz quando uma esposa tem um amor gigantesco e, ao mesmo tempo, é capaz de pensar e preocupar-se com o esposo. Saber que ele gosta daquela *comidazinha*, *não gosta da cebola*, mas de uma pimentinha discreta. É aquele pormenor. Nisso vocês, mulheres, são maravilhosas. Precisam ter a mesma grandeza de tantas mulheres que tiveram a grandeza de querer mudar o mundo, como Santa Teresa de Ávila, Teresa de Calcutá. A própria beldade da Diane tinha um pouco disso. No meio de todo aquele esplendor,

daquela beleza, daquela riqueza imensa, de vez em quando descia ao mundinho dos pobres.

Há um fato bonito sobre um santo, chamado São Luís, rei de França. É rei, Luís IX e, naquela época, rei era rei mesmo, não essa coisa vagabunda que é só para festa. Naquela época rei mandava mesmo. Pois bem, conta-se que às vezes a esposa olhava para o quarto e não o via na cama. Ela ficava preocupada, perguntando-se onde ele teria ido. De repente, sabia-se que ele ia dormir com os miseráveis, lá na rua. Procuravam debaixo de pontes e viadutos e lá estava o rei, conversando com aquele povo simples, malcheiroso. Esse é o jogo profundo da espiritualidade.

O serviço nos pede amar essa realidade. É o limite do real. Nós temos que conhecer o real. Não adianta servir na lua. O primeiro passo do servir, do conhecimento é a análise. Daí a importância do curso sobre a Doutrina Social da Igreja, para conhecer a realidade política e social. Conhecer os vícios, os defeitos, o que está emperrando o nosso país. Ainda outro dia, no “Estado de Minas”, tinha uma notícia muito interessante, citando um grande candidato de um partido de duas letras, que fazia uma crítica da atual situação, mas com uma lucidez gigantesca. É isso que precisamos ter: análise da realidade. Conhecer o real, ver como funciona para poder mudar. Sempre tendo como motivação o amor sem limite, porque Deus está presente. É por isso que não temos limite, porque Deus está presente. O amor é a percepção de Deus presente na realidade.

O serviço é a tradução concreta do amor. É a maneira de eu mostrar que amo. Como diz João e também Tiago, “só há amor se houver obras. Quem diz que ama a Deus e não ama seu irmão, é mentiroso”. É essa unidade que eu chamo “unidade dos dois amores”. O amor a Deus e ao irmão faz um único amor. É muito importante que vocês, pais, expliquem para seus filhos pequenos aquela frase que soa muito mal e que está escrita nos catecismos: “devemos amar a Deus mais que todas as coisas, mais que todas as pessoas”. Não é bem esse o sentido. A criança não pode aceitar que ela deve amar mais a Deus do que a mãe. Ela ama mãe e pai mais que tudo. E se colocarmos comparação é um grande equívoco. O que temos que dizer é que amamos Deus nas pessoas. Aí resolvemos tudo. Devemos dizer à criança que, amando muito à mãe, ela está amando a Deus. É naquele amor humano que Deus está presente. Não é fora, além, comparativamente. É dentro. Podemos amar tremendamente as realidades terrestres, mas sabendo que, no que elas têm de bonito, estamos

amando a Deus. É um pouco isso a intuição de Inácio. Amamos Deus nas realidades.

Na Igreja, devemos aceitar nossos limites e batalhar aí dentro. Na nossa *igrejinha* aqui, de Vespasiano, com nossos limites, nossas dificuldades, nossos problemas, nossas burrices, tudo isso pertence ao limite. É o nosso concreto, dos nossos ministros, das catequistas. São esses e não outros. As crianças são estas e não outras. Os adolescentes são estes e não outros – enjoados, enojados, com dor de barriga constante. Às vezes fico parado no ISI (5), olhando aqueles adolescentes indo para a escola próxima e fico triste, com pena deles. Têm umas caras tão tristes, tão aborrecidas, tão enjoadas. Parece que estão saturados de comida azeda. Põem um chiclete na boca e ficam o dia todo mordendo a si mesmos. São esses que conhecemos. Não adianta sonhar com outros certinhos, bonitinhos, *ensabonetados*. São esses que conhecemos e é com eles que temos que trabalhar. São eles que temos que animar, na catequese. Agüentar, sofrer, ter paciência. Isso é muito inaciano. Tanto é que Santo Inácio insistia muito no papel da Igreja, principalmente porque ele viveu na época da Reforma Protestante. Uma época em que a Igreja Católica era muito desprezada, usada e atacada. Ele insistia muito na eclesialidade. É uma conotação típica, em face daquela época.

Colocar os dons a serviço é puro Evangelho – “de graça recebido, de graça oferecido”. Eu não faço nada. Simplesmente dou o que de graça recebi. Não há mérito nenhum. Cada um vai colocar o que é. Se pensarmos assim, acabam as vaidades, as comparações, porque não existe comparação. Ninguém é mais nem menos que o outro. Todos somos diferentes, e cada um coloca o que tem e o que é. Isso é o importante. É o ser que é importante, não o que temos. Se colocarmos um pouquinho do nosso ser, valerá mais do que todo o nosso ter. Isso é espiritualidade: quando somos capazes de colocar o que somos. O que temos decorre daí. O que temos só tem sentido quando decorre do ser, quando é uma prolongação. As coisas estão aí para melhorar as nossas relações. As mulheres ficam bonitas para que sintamos prazer em vê-las bonitas. Para que as nossas relações sejam mais bonitas, mais coloridas. Ser agradável, simpático, alegre faz bem para as nossas relações. Devemos colocar tudo que somos de beleza, de inteligência, de riqueza física e espiritual em função de que as relações entre as pessoas melhorem. Isso é o fundamental em qualquer espiritualidade.

Cultivar o hábito do discernimento. Essa é uma palavra muito *jesuitinha*. Não há um jesuíta que não fale, em cada cinco palavras, quatro vezes discernimento. A quinta pode ser discernimento também. Eu coloco três dimensões de discernimento: pessoal, comunitário e apostólico.

Pessoal, dito em termos profanos, é uma espécie de auto-análise, autocrítica. É a capacidade de voltarmos sobre nós mesmos e percebermos, dentro de nós, os movimentos que nos afetam. Sentimos desejos antagônicos, o que os psicólogos trabalham muito e nós temos que trabalhar um pouquinho mais. Sentimos raiva, paixão. Às vezes ficamos bravos, outras vezes felizes, sem saber porque. Esses movimentos estão dentro de nós. Quais os que dão alegria, prazer? Quais os que me fazem feliz? Santo Inácio descobriu a sua vocação fazendo esse jogo. É um jogo muito simples, sem nada de espetacular.

Era um nobre, estava apaixonado por uma arquiduquesa. Ele queria se casar *com a filha do Fernando Henrique Cardoso* (6). Arquiduquesa naquela época era mais ou menos isso. Estava louco para casar, mas tinha que fazer muitas bravatas, porque ela sequer o olhava, porque ele era *nobre do interior de Minas*. Então, o seu sonho era fazer as maiores proezas para que a princesinha o olhasse. Pensava em tudo isso e tinha sentimentos. Depois leu a vida de São Francisco, de São Domingos e pensou em ser como São Francisco. Não sabia se casava ou se seria como São Francisco. Começa a perceber o que se passava em seu coração. Quando pensava na princesa, sentia alegria e depois um terrível tédio. Valeria a pena? E ele começa a analisar: iria ou não? E a esse jogo ele chama discernimento espiritual. É perceber o jogo interior dentro de nós. Só que o critério que ele coloca não é econômico, nem de glória, nem de poder, mas aquela paz profunda e de longa duração. É como quando eu pensava: vou para Vespasiano ou não vou? Tive que fazer discernimento sim. E quando me convidam para me ausentar num fim-de-semana? Vou a Vespasiano ou aceito o convite? Tenho que decidir, pois não posso fazer as duas coisas. É isso que é discernimento espiritual. É procurar aquilo que realmente responde ao projeto de Deus em nossa vida.

É comunitário, quando fazemos em grupo. Catequistas, coordenadores de crisma sentam-se e começam a discernir o que devem fazer. Mas a motivação deve nascer do Espírito.

Mais ainda a apostólica, isto é, na ação que queremos fazer na Paróquia. Se começássemos a trabalhar um pouquinho o discernimento,

progrediríamos muito, porque ficaríamos mais puros, mais livres. Uma vez que vemos o que Deus quer, as rugas perdem o sentido. Às vezes perdemos e deixamos coisas por razões bobas, por falta de discernimento. Abandonar o trabalho na Igreja porque o padre não olhou para mim... Há pessoas que não voltam mais. Essas nunca fizeram discernimento. Discernimento exige razões profundas. Depois vai ficar chata, azeda porque abandonou o trabalho, por puro ressentimento. Se o padre é chato, Deus não é.

Encontrar e reencontrar Deus é lindo. Encontrar Deus em todas as coisas, na contemplação e na ação é das coisas mais lindas de Santo Inácio. Quando conseguimos achar Deus em tudo que fazemos, a vida fica de uma beleza que nem podemos imaginar. Se tivermos Deus, quem pode nos tirar alguma coisa? Ninguém pode tirar Deus de ninguém. Podem tirar tudo que quiserem, menos Deus. Quando começo a descobrir que Deus está atuando na minha vida, que eu estou procurando e encontrando, que eu estou esbarrando com Ele, eu faço contemplação na ação. Estou agindo, atuando, mas paro e sinto que estou no caminho certo. É bom parar, de vez em quando, no meio de um trabalho e sentir que Deus está presente. Um dos momentos em que eu sinto mais a presença de Deus é naqueles dias em que eu tenho atendimento aqui. Fico ouvindo aquelas pessoas, muitas com dores enormes.

Certa vez, eu cheguei na sacristia, e uma mulher muito perspicaz notou que eu estava triste. Eu não estava triste, estava sofrido, o que é diferente. Tinha passado por mim uma pessoa tão pesada, numa situação tão dolorosa, tão doída e eu sabia que ali eu tinha que dizer uma palavra de consolo. É das maiores alegrias que a gente tem, apesar de estar marcado pelo sofrimento. É uma coisa única: perceber que, no sofrimento, podemos ter alegria. Não são opostos. A tristeza é o oposto da alegria, mas o sofrimento não. Eu sei que a única coisa que eu posso fazer por essa pessoa é olhar para ela e esperar que diga tudo o que quiser. Eu não tenho nenhuma resposta para ela. Só posso acolhê-la e nada mais. Não sou Deus, e a sua dor é dor mesmo. Uma dor que ela tem que sofrer. É uma dor real, verdadeira. Não é fictícia, não é doença psicológica. Fizeram-na sofrer, como aquela menina que veio me falar que a mãe não a amava, e provavelmente ela tinha razão. O que eu posso fazer por uma menina de onze anos que diz que a mãe não a ama? Se a mãe não a ama, sua vida é um vazio imenso, e é essa dor que nos faz perceber Deus. O que podemos

fazer é dizer uma palavra, tentar animar.

Já contei para vocês sobre os pais e irmãs de um garoto de quatorze anos que havia suicidado. O que eu poderia dizer para essa família? Um menino bonito, de família rica, tinha dinheiro, tinha tudo. Qualquer suicídio acaba, arrasa uma família. Nessas dores é que temos que perceber que Deus está presente. É nesse sentido que eu digo que devemos encontrar Deus em todas as coisas, na contemplação e na ação. Mas se não rezarmos e não tivermos profundidade, nunca acharemos palavra nenhuma. Só a profundidade espiritual nos permite dizer uma palavra neste momento.

Buscar amar e servir a Cristo em profunda conversão do coração. Santo Inácio insistia muito que temos que conhecer a Cristo para mais amar e mais seguir. Conhecer para amar. São Tomás diz uma frase muito profunda: “só podemos amar o que conhecemos”. Nada é amado se não é antes conhecido. O conhecimento é o início do amor. Amar sem conhecer é paixão, não é amor. Amor supõe conhecimento. O conhecimento leva ao amor e o amor ao seguimento. Esses são os três passos da espiritualidade. Se eu não conheço Jesus, se eu não conheço o Evangelho, não posso dizer que amo. Posso dizer que tenho algum sentimento, mas amar não. Por isso, os esposos mais se amam quanto mais se conhecem, porque aí sim, será amor mesmo, porque conhecem em profundidade e gostam da profundidade que conhecem. É conhecer, amar e seguir. Isso significa uma contínua transformação nossa, uma conversão do coração, na escuta da Palavra.

E aí eu uso uma expressão clássica, muito usada por Santo Inácio: vestir a libré. Libré é veste. É palavra medieval para roupa – vestimos a roupa de Jesus. Olhem que imagem bonita! Isto é, o que Ele era, como agia, como fazia. Inácio era apaixonado e queria que nós, jesuítas, olhássemos muito para Jesus, para vestirmos a libré de Jesus. Para isso é importante a leitura dos Evangelhos.

Alimentar uma fé – isso é muito *jesuítico* – que leve a promover a justiça e trabalhar pela paz. O jesuíta, para imitar Santo Inácio, sabe que não há fé sem compromisso social e político. Toda fé muito espiritualista não é *jesuítica*. A fé é que motiva, alimenta, ilumina o nosso compromisso social, político, concreto, histórico. Esse compromisso é iluminado pela fé. Iluminado pela prática de Jesus, pelo Evangelho. Esse jogo até motiva, critica, anima, abre horizontes. A justiça realiza, opera, concretiza, torna real, verdadeira a fé. Sem a prática, a fé é uma mentira. Sem fé, a prática

pode ficar desnorteada. Articulando a fé, que é luz; a prática, que é ação, eu terei uma ação iluminada. Daí, a relação entre fé e justiça. E a justiça hoje, segundo João Paulo II, em sua forma mais importante, é a paz. Justiça e paz são sinônimos. Boa Noite! (29/07/02)

- (1) referência à Universidade Federal de Minas Gerais.
- (2) Herbert de Souza, sociólogo mineiro falecido em 1997.
- (3) Carlos Alberto Libanio Christo, frade dominicano.
- (4) referência aos autores dos atentados de 11 de setembro de 2001.
- (5) Instituto Santo Inácio, em Belo Horizonte.
- (6) Presidente da República na época.

(#) Palestra proferida no Centro Catequético Paroquial, em Vespasiano, por ocasião da Semana Inaciana.

DEUS PAI (#)

Pensando no tema desta palestra, lembrei-me de um rapaz do quinto século – dezesseis séculos atrás. Era muito inteligente e vivia lá na África, um filósofo que pensava muito, investigava os autores daquela época. Ele procurou em todas as filosofias e voltou-se para uma vida devassa, de prazeres mundanos. E num cantinho, uma senhora rezava por ele. Era a mãe, que se chamava Mônica e esse rapaz, Agostinho. Ele disse essa frase com a qual eu queria começar. Vou dizer em latim, que é uma língua bonita. Ninguém vai entender e pensará que a palestra foi boa: “*et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te*”- Senhor, o nosso coração está inquieto até que descanse em ti. Esse homem foi, talvez, o teólogo e filósofo mais respeitado pela Igreja Católica de todos os tempos e escreveu, sobretudo, sobre Deus e a Trindade.

Pediram-me que falasse sobre Deus e eu acho um assunto fascinante. Um outro grande teólogo alemão - Karl Rahner - afirma que a infinitude de perfeição de Deus vem encher a infinitude do vazio do nosso coração. Isso é Deus! Se olharmos dentro do coração humano, veremos que ele é infinito, só que o infinito do nosso coração é um imenso vazio. Está sempre desejando, buscando, aspirando, numa procura que se prolonga pela vida toda. Aí vem a infinitude de Deus, que pode nos encher totalmente. É dessa infinitude que eu quero lhes falar hoje. E isso é uma ousadia.

O nosso papa Bento XVI fez, há alguns dias, uma homilia, na qual disse uma coisa bonita. É o papa, um grande teólogo e diz que, quando queremos nos aproximar de Deus com os conceitos e idéias, não conseguimos. É como se idéias e conceitos fossem uma espécie de rede que não nos deixa chegar perto de Deus. E ele continua dizendo que com a seta da fé, conseguimos rasgar esses conceitos e esbarrar na profundidade de Deus, e, uma vez que o tocamos, nunca seremos os mesmos. Uma única vez em que experimentemos realmente Deus, nunca mais seremos os mesmos.

Eu acho possível que alguém passe a vida toda querendo esbarrar no mistério de Deus, mas não consiga. Passa ao lado, à margem, e por isso continuará olhando com o olhar apatetado, com cara de *sexta-feira santa de tarde*, triste, macambúzio, porque passou à margem do mistério de Deus. Mas quando conseguimos tocar a fimbria de Deus, por mínima

que seja, nosso coração estremece. E é bom que nos perguntemos a razão disso.

Todas as religiões só querem responder, de fato, uma única pergunta. No fundo nós queremos saber quem é Deus. Se quisermos saber se o Brasil será ou não campeão, depois de uma magra vitoriazinha, uma pequenina vitória apertadinha, suspirada, sofrida, gemida (1), poderemos continuar perguntando, mas isso é um pormenor. A coisa fundamental da nossa vida é conhecer o mistério de Deus. Eu escolhi para vocês algumas respostas.

Começo com uma resposta bonita. Os gregos, que inventaram as olimpíadas, há muito tempo, achavam que os deuses eram como nós, seres humanos, com qualidades e defeitos, virtudes e paixões. Tinham raiva, ciúmes, brigavam entre si, casavam e descasavam. Todas as nossas paixões e virtudes podiam ser encontradas também nos deuses. No fundo, eles projetavam, jogavam de dentro para fora os filósofos gregos. Tinham Dionísio, um deus importante para eles, que gostava de uma cachacinha, e tantos outros tipos de deuses, mas não eram felizes. Acabaram rejeitando esses deuses. Aparece Platão, dizendo que Deus era uma idéia bonita, uma espécie de grande farol que iluminaria todas as outras idéias. Mas ninguém adoraria uma idéia. Adoramos uma presença. Portanto, esses deuses não serviriam, pois são muito próximos ou distantes demais.

Lá do céu, Deus olhava e esperava, sabendo que ainda não era hora de revelar-se, porque a cabeça das pessoas era pequena demais. Encontrou um *rapazinho* melhor, chamado Abraão, que percebe alguma manifestação mais misteriosa, mais pessoal: - deixe a tua terra, a tua casa, vá longe, onde encontrará um grande povo -. Ele começa a perceber que Deus é alguém que fala ao coração, alguém que chama, mas também alguém que empurra. Ele ainda continuava confuso, tinha idéias muito misturadas. Sabia que existiam muitos deuses, mas o seu era maior. E Deus continuava revelando-se, abrindo-se para as pessoas que se abriam para Ele. Se as pessoas não se abrem, não há como Ele entrar. O jogo é instigante porque supõe os dois lados.

Aparece Moisés e é interessante como Deus se manifesta. Moisés olha a folhagem e percebe que ela pega fogo. Ele pára e ouve uma voz: - tire a tua sandália porque essa terra é santa -. Deus continua mostrando-se num fato, numa voz, num coração que se agita por dentro. Deus é muito sensível, sobretudo à ação de seu povo. Ele gosta muito das pessoas abertas para Ele e para os outros. Como poderá manifestar-se aos fechadões,

trancados em seus quartos? Ele quer entrar e não consegue. Para muitos, Deus é como um assaltante que provoca medo. Moisés, não. Abre-se, e Deus manda que ele vá falar ao faraó, *lá no Planalto*. Ele vai dizer ao faraó que queria a liberdade de seu povo. Ouve uma negativa, pois precisavam do trabalho daquele povo. Moisés insiste em tirar o seu povo da opressão e em colocá-lo aberto para Deus, como todas as vezes que nós estivermos abertos para o outro. Seja para o jovem com seu *crackzinho* que encontra em nós o seu Moisés. Não pensem que houve só um Moisés, lá atrás, milhares de anos antes. Há muitos aqui nesta sala, porque toda pessoa que está aberta à outra é Moisés. Deus é fantástico! Ele está querendo entrar em cada coração, a cada momento. Só que nem sempre somos Moisés.

Houve um momento em que Moisés percebeu que não poderia fazer tudo por aquele povo. E Deus vai mostrando-se num vento forte que abre o mar e possibilita que o povo atravesse. Os judeus passaram. Com os olhos de Deus, o descobriremos em todas as coisas, porque Ele faz com que as coisas sejam. Não precisamos procurar milagres, porque o grande milagre é o nosso existir pela força de Deus.

Voltando a Santo Agostinho, ele tem uma frase belíssima: “*Tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo*” - Deus é interior, o que há de mais íntimo. Quando chegarem ao mais íntimo de vocês, quando esbarrarem lá embaixo de vocês mesmos, tocarão o mistério de Deus. A liberdade, o amor, a paciência nos faz esbarrar um pouquinho na profundidade do mistério de Deus. Lá, todos esses valores se fazem realidade. Ele é mais alto, mais superior, mais sublime do que há de mais sublime em mim. Imaginem quando tiverem um desejo maravilhoso, de uma generosidade nunca experimentada - eu quero ser missionário em Moçambique! Eu largo a minha paróquia aqui no Brasil, largo tudo e vou enfrentar malárias em Moçambique. Vou dar o melhor de mim. Deus é esse superior, esse sublime. Eu esbarrei no sublime de Deus. Todas as vezes que somos bons, simplesmente bons, esse bom é o toque divino em nós.

E os profetas? São como esses nossos radialistas que não apenas nos informam o que está acontecendo: inflação, eleições, as oscilações do mercado. Ele pára e modifica o seu olhar. Com outro olhar, como ele verá as informações? Com esse outro olhar, ele será profeta. Uma mãe, um pai, com sua filha adolescente, jovenzinha, vendo-a crescer, sabendo das dificuldades, neste momento eles precisam ser profetas. Com os *óculos* de

Deus para ver o seu filho, tem início a missão do profeta e da profetiza. Portanto, Deus está muito mais presente. Ele simplesmente muda o nosso olhar. Ele é aquele que, estando em nós, muda o nosso olhar.

Há um texto antigo, que hoje vocês podem achar na *internet*. Vocês, adultos, não conseguem, mas os jovens sabem. Chama-se - Carta a Diogneto -. Não tem autor, mas apareceu logo depois dos Evangelhos. É dos primeiros livros que se escreveu no Cristianismo, logo depois que terminou o Novo Testamento. Está muito perto dos Santos Padres. Nesta Carta se diz que o cristão é aquele que dirige um automóvel, mas dirige com um outro olhar. Não buzina para uma mulher, respeita, não diz palavrão, não faz gestos. Ele dirigirá diferentemente. O cristão também vê televisão, almoça, janta, ama, mas com um olhar diferente.

Charles de Foucauld, francês, foi viver na África, no meio do deserto, com aquelas noites lindas, onde as estrelas brilham mais pela falta de eletricidade. Ele se converte, se torna um monge e vai ser missionário entre os muçulmanos. Resolve que não irá falar de Jesus, de um Deus Trino, num ambiente tão hostil. Sua pregação de nada valeria. Resolve simplesmente viver até que eles percebessem que ele agia diferentemente. Tratava as pessoas de um modo diferente, olhava a mulher com o olhar puro e transparente, olhava e ouvia a criança com respeito, costumes muito estranhos em países árabes. Esperou que eles percebessem tudo isso e o perguntassem porque ele agia daquela maneira. Então ele responde que no seu agir estava Deus. É isso que é bonito!

Vocês trabalham num banco, em meio a milhões e milhões de endinheirados. Chega um pobre e você o recebe com um sorriso, faz as contas para ele, ajuda-o a preencher um cheque. Todos notarão um funcionário diferente. É assim que podemos demonstrar que Deus existe, porque Ele é o olhar com que vemos a realidade. Ele muda a nossa ótica. Os profetas são exatamente isso: viram os mesmos fatos, a mesma fome, a mesma guerra, a mesma injustiça, mas não compactuaram. Gritaram, clamaram contra a injustiça, contra o racismo, apesar da ameaça de serem perseguidos.

Quando Deus entra na nossa vida, muda tudo, mas, sobretudo, o nosso modo de olhar. Há uma coisa linda sobre o olhar. Jesus diz que o nosso olhar é como lâmpada. A lâmpada não faz com que eu veja vocês, ela só ilumina. Se essas luzes se apagassem totalmente, vocês continuariam nesta sala, mesmo sem nos vermos. A luz acende, e então vemos uns aos

outros. Comecem a observar, mudem os seus olhares! Vejam as mesmas coisas que viram até hoje e perguntem: se eu tiver o olhar de Deus, o que mudará? Ainda outro dia eu tive esse pensamento - não que eu seja diferente de vocês. Estava na minha paróquia e iria iniciar a homilia. Entrou um bêbado e, claro, distraiu a todos. Veio até ao altar, eu o cumprimentei, abracei-o e me perguntei: se Jesus estivesse aqui, e esse bêbado entrasse, Ele o acolheria? Certamente que sim. O meu sermão era muito menos importante do que acolher esse bêbado. E ainda coube uma reflexão sobre como era triste ver uma pessoa assim. Deveria ser um homem sofrido que tentava afogar suas lágrimas na bebida. Um homem que cheirava mal e espantava as pessoas. É claro que não é bom cheirar alguém assim, o nosso nariz não é feito para isso, mas com o olhar de Deus eu acolho quem cheira mal.

Vocês poderão perceber que, quando experimentarem mais a Deus, tudo mudará em suas vidas. E há uma coisa sobre a qual devemos pensar muito: é sobre o perdão. É a coisa mais difícil, sobretudo o perdoar a quem amamos. Perdoar um marido traidor, a esposa que se separou, o filho que se foi, o filho transviado, metido na droga. Amar a estes é difícil. E há uma coisa que eu admiro muito. São essas mulheres que vão ver seus maridos, seus filhos, nas prisões, nas penitenciárias. Quando há alguma rebelião, podemos ver nas portas uma quantidade de mulheres - mães ou esposas, cujos maridos e filhos estão lá. São homens perigosos, que mataram, roubaram, mas a mulher está lá. Não tem vergonha. É criminoso, mas é seu marido, é seu filho. Ela acena para ele através das grades. Essas mulheres têm o olhar de Deus. Isso é Deus - aquele que modifica o nosso olhar.

O povo de Israel foi dilacerado na sua experiência de Deus. Algumas poucas pessoas, como citei para vocês - Abraão, Moisés, alguns profetas e juizes, Sansão - tiveram uma experiência de Deus. Eram também sábios e escreveram os livros sapienciais. Lembro-me, certa vez, de Carlos Mesters (2), dizendo dos autores dos livros sapienciais como velhos com barbas talmúdicas e abraâmicas, falando para os jovens na praça, começando a passar a sabedoria para eles. Todas as vezes que passamos um pouco de nossa sabedoria aos jovens, temos um pouco do olhar de Deus. Ele permite e nos capacita para que nós, mais velhos, passemos para essa geração nova, bonita, sequiosa, com olhos lindos, um pouquinho do que já vivemos, para que eles vivam melhor ainda. Eles serão sábios, também

na experiência de Deus. Deus é sábio e muito sábio, e os sábios são sábios com os olhos de Deus.

Há um salmo que diz que, quando Deus aparece, as montanhas tremem. Fogo e fumaça aparecem de todos os lados. Então o povo de Israel tinha verdadeiro pavor de Deus e, às vezes, sentimentos contraditórios. A própria Escritura diz que Deus pedira que Moisés virasse de costas e a mesma Escritura afirma que Moisés conversava cara-a-cara com Deus. No primeiro livro da Bíblia, na ordem das Paulinas, da Vozes, e não o primeiro livro escrito - o Gênesis -, tem duas narrativas da criação completamente diferentes. É bom para percebermos como existiam imagens diferentes de Deus.

Primeiro é a idéia de um Deus muito próximo. Deus é quase como um oleiro. Toma o barro, suja a mão, amassa-o e depois sopra o nariz e o barro vira gente. Depois *Ele vai fazer um curso de Medicina no Hospital das Clínicas, para fazer uma cirurgia*. Tira uma costela, o que não é fácil fazer. Desafio qualquer médico a arrancar uma costela sem anestesia e dela fazer uma mulher, e ainda sem deixar cicatriz. E mais engraçado ainda é que os homens da Idade Média eram muito sérios, e São Tomás lançou a seguinte pergunta: teria Deus criado Adão com uma costela a mais para ser tirada ou teria ele ficado com uma a menos? Portanto, eles levavam a sério essa vocação de cirurgião de Deus. Ele aparecia como oleiro, cirurgião e jardineiro. O Gênesis continua dizendo que Ele plantou árvores e à tarde passeava no jardim. Eles tinham um Deus muito próximo, muito humano, muito nosso.

Voltemos para outra passagem: - Deus disse... - Cria tudo com a palavra, sem tocar em nada, sem mexer as mãos. Transcendência absoluta! Cria apenas com a palavra. São essas as duas versões de Deus no Antigo Testamento, que se misturam. Ora temos um Deus muito longe, com quem não temos nenhum contato; ora um Deus muito próximo, cotidiano. Mas a tendência de um Deus próximo foi desaparecendo. Esse texto que fala da criação pela palavra, apesar de estar no início da Bíblia, é muito mais tardio. A imagem do Deus oleiro é bem mais antiga. Quanto mais o povo de Israel foi evoluindo na sua reflexão, mais se separou de Deus, colocando-o cada vez mais longe. A imagem do Deus próximo foi desaparecendo e foi surgindo o Transcendente. Guardem isso na cabeça: quando Deus fica muito distante, a nossa tentação é de enfiar uma quantidade de coisa no meio. É uma espécie de sanduíche: Deus lá em cima e nós aqui embaixo.

Enchemos o meio de anjos, demônios, novenas, promessas, porque a distância é muito grande.

Quando Jesus veio à Terra, Deus ficou muito próximo. Ele tem um corpo como nós, é concebido no seio de uma mulher. Nunca Deus ficou tão próximo da humanidade como no momento do mistério da Encarnação. Ele começa a viver a nossa vida e isso se reflete nos Evangelhos. Os sinóticos - os três primeiros Evangelhos: Marcos, Lucas e Mateus, nessa ordem e não na ordem das Paulinas - vão refletir isso. Ao lermos os sinóticos, sobretudo Marcos, o mais antigo, perceberemos um Jesus muito da Terra, até mal-educado. Quando vai curar o cego cospe e faz barro, mexe nas orelhas do surdo, convive com as pessoas, reclama quando o empurram, diz que os apóstolos não têm inteligência. Portanto é um Jesus muito próximo.

As mesmas passagens em João mostram um Jesus mais distante. Vou dar apenas um exemplo: tomemos a prisão de Jesus no Horto das Oliveiras. Os sinóticos a descrevem com os guardas agarrando-o, Pedro cortando a orelha do soldado, e Jesus a recolocando e sendo levado depois da traição de Judas. Um Jesus humano, frágil, que não reage à prisão. João, ao contrário, descreve os soldados chegando, e Jesus se antecipando a eles: - A quem buscais? - Ele se entrega, os soldados caem de espanto. Se quisesse ir embora, poderia ter ido, pois estavam todos caídos. João sequer menciona a participação de Judas. É o divino que se deixa prender.

Jesus é João e também os sinóticos. Nós podemos vê-lo como preferirmos. Podemos ser mais joaninos ou mais sinóticos. As duas vertentes são verdadeiras. Deus é transcendente e é próximo. Tomemos outro exemplo na epístola aos Filipenses. Lá está escrito que o Verbo de Jesus renunciou à maneira divina de caminhar entre nós. É uma expressão forte - *ekénosen* - esvaziou. Ele não pode negar o seu ser divino, mas renunciou a mostrar-se, a permanecer Deus. Vou dar um exemplo: quem é pai pode renunciar ao autoritarismo, mas não pode renunciar ao fato de ser pai. Pode renunciar à forma, à maneira de ser pai. E é isso que Paulo diz: Jesus poderia andar divinamente, poderia voar sobre as águas, mas não quis. Na passagem da tempestade, enquanto o barco era sacudido pelas ondas, Ele dormiu. Para dormir num barco agitado, deveria estar com um sono terrível, exausto. Podemos imaginar que o homem Jesus teve uma vida muito indigente fisicamente. E, em contraposição, Paulo continua dizendo que Ele tinha um nome acima de todos os nomes, diante do qual

todos se ajoelham. Assim Paulo apresenta duas versões de Jesus.

Aconteceu que essas duas imagens de Deus, apresentadas nas Escrituras, tiveram história. Os Evangelhos foram escritos no primeiro século, e daí começaram as gerações seguintes, que terão três relações com o passado: memória, esquecimento e invenção. Os jovens não sabem o que é passado, mas nós, velhos, lembramos algumas coisas, esquecemos outras e inventamos outras. Inventar é humano e sociológico. Toda tradição tem elementos de memória, ao mesmo tempo em que esquecemos e também floreamos. Isso também aconteceu com a tradição de Jesus. A Igreja começou a esquecer que Jesus viveu pobre, no meio dos pobres, cuspiu no chão, dormia no chão. E começou a lembrar só do Jesus glorioso, ressuscitado, que atravessava paredes, subiu ao céu - é o Cristo glorioso, maravilhoso. E o imperador Constantino, e outras autoridades que se converteram, começam a se identificar com o Cristo glorioso. Sentam-se em cadeiras grandes, usam coroas porque só se lembram da glória, esquecendo-se do pobre, daquele que se sentava no chão, que dormia na barca.

Essa idéia de um Deus próximo começou a desaparecer. Começamos a valorizar mais a divindade de Jesus do que a sua humanidade. Jesus é muito mais próximo de nós quando aparece humano. Pois bem, essa imagem começou a afastar-se de nós. Somente no século passado é que os exegetas começaram a redescobrir o Jesus histórico. E, ao descobrir o Jesus da Palestina, começam também a mudar a imagem de Deus. A nossa imagem de Deus está muito ligada à imagem que temos de Jesus. E sobre isso gostaria de chamar a atenção: quando colocamos Deus muito longe, vamos ter que inventar um monte de coisas para aproximá-lo de nós. Se queremos que Deus fique bonzinho, fazemos logo cinco novenas. Se o sentimos próximo, não precisamos de novenas, porque Ele já está. Precisamos rezar para que nos abramos à sua presença. Ele dará o que precisamos mesmo sem pedirmos, mas o pedido do filho é simplesmente a proximidade com o Pai. É importante que peçamos as coisas para Deus, não para que nos sintamos humilhados, não que Ele não saiba, mas para que mostremos a Ele o nosso carinho, a nossa confiança, a nossa necessidade de comunicação.

No momento em que nos afastamos de Deus, começamos a inventar um monte de coisas: busca de milagres, de coisas extraordinárias. Não precisamos de nada disso. Quem tem o infinito não precisa de mais nada.

Deus é o infinito de perfeição que enche o infinito vazio do ser humano. Se o infinito de Deus me preenche, precisarei de mais alguma coisa? Preciso sim, de curtir, meditar, contemplar, amar.

Guardemos essa idéia na nossa cabeça: a proximidade de Deus nos liberta de uma série enorme de crenças - não de fé - que substituem Deus. Essas crenças no fundo são, para nós, substitutos de Deus, e Ele não pode ser substituído.

Se alguém perguntasse a mim qual a página mais bonita que encontro no Evangelho, eu diria que é Jesus chamar Deus de *Abba*, que em hebraico significa papai, paizinho. Não o chamou de Todo Poderoso, Infinito, Insondável. Estive uma única vez em Israel e levei um susto. Estava passando numa rua de Jerusalém e ouvi um *meninozinho* gritar *Abba!* Levei um susto, e a criança estava simplesmente chamando o seu pai, da mesma forma que Jesus chamou o seu Pai Celeste. Jesus chamou a Deus de *Abba* e disse que nós também podíamos chamá-lo assim. Não precisaríamos nos comportar como escravos, chamando-o de Senhor. Jesus passa para nós a experiência de proximidade que existe entre pais e filhos aqui na Terra. Por isso, vocês, pais e mães, devem sentir-se muito felizes: quando a Bíblia descreve uma experiência muito profunda, apela para a paternidade e o esponsal. São duas imagens bíblicas muito importantes. A paternidade é a experiência matriz para entendermos Deus. Por isso, uma pessoa que não teve uma boa relação com o pai, terá muita dificuldade em ter uma experiência de Deus. Mas se tiveram um pai maravilhoso, essa será uma graça imensa para experimentarem Deus. Por isso, quando vocês são ótimos pais, serão os melhores catequistas para os seus filhos. Essa é uma experiência fundante que permite que a criança perceba a misericórdia e bondade de Deus. Isto é fascinante! Um pai carregando uma criança nos ombros é o símbolo da experiência de Deus e a levará a ter uma imensa facilidade de chamar a Deus de Pai. Quando ocorre o contrário, de um adolescente não ter um pai presente, é a nossa função lembrar-lhe que a experiência de Pai transcende a seu próprio pai. No fundo, é essa a raiz das teorias de Freud, de Jung e tantos outros psicanalistas. Se falharmos, por qualquer razão que seja, na experiência primigênia da maternidade ou paternidade infantil, pode ser que um outro adulto a substitua, e é essencial que isso aconteça. Eu mesmo já vivi experiências bonitas. Certa vez, uma criança se chegou a mim e perguntou: - O senhor é Deus? - Eu respondi-lhe que não. Ainda não cheguei a tanto. Mas para a criança a imagem de

Deus é muito abstrata. Então, a túnica branca que eu usava no altar de uma igreja fez com que ela fizesse essa pergunta.

É isso que eu queria falar de Deus hoje. Não é nada de complicado que fosse embaralhar a cabeça de vocês. Falar de Deus é falar dessas coisas cotidianas, mas primais, primigênicas. Gosto de me deter nas experiências primais. Certa vez, numa longa viagem de ônibus, viajavam duas crianças com seus pais. Numa das paradas os pais desceram, deixando os filhos no ônibus. Aproximando-se a hora da partida, quando o motorista começa a fazer os primeiros movimentos e, vendo que os pais não voltaram, elas deram um grito espantoso. Aquele realmente era um grito primal. Os pais aparecem e qualquer um nota o alívio. Esse grito nós daríamos se perdêssemos Deus. É um grito eterno da certeza de que nos teríamos perdido. Não seria uma perda qualquer, mas a perda de nós mesmos, a perda da experiência mais fundante de nossa existência. Deus é aquele que nos criou, que fez o que nós somos, nos fez capazes de querer todas as coisas. Se perdermos isso, perderemos a nossa última identidade. É a destruição radical. Boff (3) chama de frustração radical.

Daí a importância de nós, adultos, em relação ao jovem, à criança e ao adolescente. Se alguém diz que o Cristianismo está fracassando, não será por outro motivo a não ser por não estarmos passando a experiência de Deus para as novas gerações. Ele continua fascinante, não mudou nada desde toda a eternidade. Continua o mesmo Pai, o mesmo Amante.

Eu estou muito impressionado com a insistência de Bento XVI em falar de amor. Ninguém esperava. É muito difícil para um alemão, frio, *robótico*. Pois bem, o grande tema que ele vem tomando é o amor. Coisa mais linda! E eu gostaria de terminar falando desse amor, como tantas vezes falo para os noivos.

O amor tem três andares. Só que a metáfora dos andares é estática, por isso não é muito boa. É como se o segundo andar agarrasse o primeiro, e o terceiro agarrasse os anteriores. Imaginem uma casa móvel na qual os três andares se movessem continuamente. O primeiro andar é o que Bento XVI chama de *eros*. É o amor fundamentalmente sensível. Eu sinto falta da presença do outro e o primeiro modelo é o amor do homem pela mulher, do esposo para a esposa. Essa é a matriz fundante do *eros*. Partindo daí, temos as outras experiências de nossas amizades, dos nossos amores sensíveis, dos nossos desejos, do desejo dos namoradinhos. Isso é lindo e necessário. Se saltar esse andar, a casa não estará completa. É o amor que

tem suas raízes no olhar, no olfato, no paladar.

O segundo andar é *filia*. É a amizade, que não precisa tanto de experiências sensíveis. Amizade é o prazer de estar junto, conversar horas. É o estar contente, sentir-se bem. Mas Bento XVI fala de um grau maior. Até aqui chegaram os gregos. Nós cristãos temos algo de novo para oferecer. Não podemos saltar os dois primeiros andares, mas é a questão do olhar de que já lhes falei. Temos algo de diferente. Esse diferencial chamamos de *agape*. É o amor que quer o seu bem sem mais. Mesmo que convivamos com a mais aborrecida das pessoas, continuamos querendo o seu bem. Mesmo que o namorado se separe de mim, continuarei querendo o seu bem, não o meu. Essa é a grande novidade. É o dom daquilo que nós temos. É a experiência que Jesus viveu na cruz diante de seus algozes: - Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem! - Nenhum de nós ama o assaltante, mas podemos perdoá-lo, desejar que, apesar de todo o crime, de toda a maldade, ele se regenere e reencontre o caminho. Não desejamos a sua morte, a sua destruição, mas sim que seja salvo e redimido. Isso é *agape* e podemos sentir por qualquer pessoa, até pelo maior inimigo. Não vou defender o crime, que continuará sendo crime, mas vou querer que a pessoa se reestruture, se salve, encontre o caminho do bem, da salvação.

Esse tipo de amor é o que o Cristianismo ensina. Por isso, até aquele que blasfema contra Deus, continuará sendo sustentado pelo mesmo Deus, que continuará dando-lhe a vida. Uma cena linda da vida de Jesus, narrada nos sinóticos, é quando Ele encontra Judas, que vai traí-lo, e pergunta: - Amigo, a que vieste? - Chamou-o de amigo e se chamou é porque verdadeiramente o era. Apesar de ser traidor, de estar tramando a sua morte, Jesus não retira o seu amor - *agape*. É claro que Jesus não podia aceitar o crime, a traição, mais perdoa e continua chamando de amigo.

Deus é isso, e no dia em que formos capazes de fazer essa experiência, seremos capazes de falar de Deus. (13.06.2006)

- (1) a Seleção Brasileira havia vencido a Seleção da Croácia na abertura da Copa do Mundo 2006
- (2) frade carmelita holandês
- (3) referência ao teólogo Leonardo Boff

(#) Palestra proferida no auditório da Escola Estadual Fernando Otávio, Pará de Minas, em 13.07.2006.

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Juventude – Memória e Sonho		I	14
A Arte de Formar-se		IV	123
Deus Pai		IV	156
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
Só Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5,7-12	IV	65
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19,2-6a	III	74
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo13, 31-33a, 34, 35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19,42	I	69
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60
Pedir é Abrir-se	Lc 11,1-13	III	86
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
Nós Existimos para Deus	Lc 14,1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15,1-3,11-32	I	28
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15,1-32	III	111
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23,56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23,56	IV	29
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55

Título	Texto Bíblico	Vol.	Pág.
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc 9,38-43.45. 47-48	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
Medos	Mt 10,26-31	II	73
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23,1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47

